

PE. GUILHERMO MICHELETTI

CATEQUESE LITÚRGICA

A missa explicada

MM
EDITORA
AVE-MARIA

PE. GUILHERMO MICHELETTI

CATEQUESE LITÚRGICA

A missa explicada



A Igreja zela para que os fiéis não assistam à missa como estranhos espectadores mudos. Cuida para que, bem compenetrados, participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do Corpo do Senhor e deem graças a Deus.

(Sacrosanctum Concilium 48)

Em qualquer lugar que se celebre o mistério eucarístico, o cristão está em casa (...). O sonho de Jesus e de todo cristão é que a Eucaristia se torne alimento de todos os humanos.

(Libânio, Jornal de Opinião 940, 9)

*Dedico este livrinho in memoriam,
de coração filialmente agradecido,
ao presbítero argentino
Carlos Alberto Lojoya
16/11/1941-6/12/1990
Presbítero dos jovens e da Eucaristia*

Índice

Apresentação

Abrindo meu coração de presbítero e catequeta

PRIMEIRA PARTE

1. O povo *assiste ou celebra* o mistério eucarístico? Que devemos dizer?
2. Que devemos dizer sobre os gestos e posturas realizadas pela assembleia durante as celebrações?
 - Ficar de pé
 - Estar sentado
 - Caminhar em procissão
 - Erguer os braços
 - A atitude de cantar
 - O beijo
 - Educar-se para o silêncio
 - Genuflexão e inclinação da cabeça
 - Bater no peito
 - Ajoelhar-se
 - Levantar os olhos
 - Aplaudir
 - Aspergir com água benta
 - Incensar
 - Uma boa reflexão sobre esses gestos

SEGUNDA PARTE

1. Ritos Iniciais
 - Por que Ritos Iniciais (RI)?
 - Abertura feita pelo animador
 - Canto de abertura
 - Beijo no altar
 - Quem preside traça o Sinal da Cruz
 - Breve introdução feita pelo animador
 - Saudação do presidente da celebração (hino de louvor)
 - Ato Penitencial
 - Glória a Deus
 - Oração Coleta

2. Liturgia da Palavra
 - Por que Liturgia da Palavra (LP)?
 - Entrada da Palavra de Deus (facultativa)
 - As três (ou quatro) leituras
 - Salmo de resposta
 - Cântico de aclamação ao Evangelho
 - Proclamação do Evangelho
 - Homilia
 - Profissão de Fé
 - Oração Universal (ou Oração dos fiéis)
 - Cristo-Palavra e Cristo-Pão: o elo entre as duas mesas
3. Liturgia Eucarística
 - Por que Liturgia Eucarística (LE)?
 - Procissão de apresentação dos dons
 - Preparação dos dons oferecidos
 - O significado do pão e do vinho na Bíblia
 - Orai, irmão e irmãs...
 - Oração sobre as Oferendas (os dons)
 - Oração Eucarística
 - Prefácio
 - Santo, Santo, Santo
 - Invocação (Epiclese) do Espírito Santo
 - Por Cristo, com Cristo, em Cristo
 - Rito de Comunhão
 - O Pai-Nosso
 - O Abraço da Paz
 - Fração do Pão
 - Cordeiro de Deus
 - Felizes os convidados para a Ceia do Senhor
 - Distribuição da Comunhão
 - Purificação dos utensílios
 - Oração depois da Comunhão
4. Ritos Finais
 - Por que os Ritos Finais?
 - Avisos da comunidade
 - Bênção final
 - Despedida e canto de dispersão
 - Conclusão
 - Bibliografia consultada e recomendada

Apresentação

O presente livro revela o coração de um sacerdote verdadeiramente apaixonado por Cristo, pela Eucaristia, pela Catequese e pela Liturgia. Trata-se de uma obra simples, mas ao mesmo tempo profunda e acessível a todos. Ajudará sobremaneira aos catequistas e demais agentes de pastoral a descobrir e a vivenciar a importância da celebração do Santo Sacrifício do Altar.

De maneira bastante compreensiva e atraente, comentando textos extraídos dos documentos da Igreja e de grandes mestres da Liturgia, o autor explica detalhadamente as quatro partes da Missa, dando especial destaque às Liturgias da Palavra e da Eucaristia.

Os que desejarem aprofundar seus conhecimentos sobre a celebração eucarística encontrarão aqui uma fonte rica e sugestiva.

Leitoras e leitores desta obra certamente participarão da Santa Missa com mais piedade e proveito espiritual, fazendo do Cristo-Palavra e do Cristo-Pão o alimento indispensável em sua peregrinação de volta para a Casa do Pai.

Acompanhados por Maria, a Mulher Eucarística por excelência, vamos à Eucaristia aprender o Amor. Ali o Amor tem a mesa posta para nos alimentar e fazer crescer até a estatura perfeita de Cristo Jesus.

Dom Nelson Westrupp, SCJ

Bispo Diocesano de Santo André

9 de março de 2009

Abrindo meu coração de presbítero e catequeta

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida - porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho (...) para que também vós tenhais comunhão conosco (...) para que a vossa alegria seja completa. (1João 1,1-4)

Como sofro ao pensar nas belas orações que acabo de rezar e que vocês não entenderam... É preciso que um dia esses tesouros se tornem acessíveis a todos. (João XXIII, ao término de uma celebração eucarística)

Quase silenciosamente, saem de todas as ruas como imperceptíveis procissões de formiguinhas: famílias de pessoas idosas, casais puxando pelas mãos os pequeninos, mães com crianças no colo, mulheres em grupos, jovens conversando alegremente... De todos os bairros e vilarejos chegam apressados, com suas roupas simples, limpas e bem passadas.

É o povo caminhando em direção à igreja para a celebração do Dia do Senhor: é a Igreja dos discípulos e discípulas do Senhor Jesus que vai para a celebração dominical da Eucaristia. Mas, bem poderia ser para o batizado de uma criança, para o matrimônio de amigos ou para a Celebração da Palavra (celebração sem padre). São pessoas que chegam de todas as partes e constituem uma assembleia que se reúne em nome do Senhor Jesus, pela fé e pelo ideal de viver a fraternidade, sob o amoroso olhar do Pai.

Uma a uma ou em pequenos grupos, as pessoas vêm chegando com o coração cheio de preocupações, tristeza, desilusões, mas também de descobertas, esperanças, projetos de vida, alegria e muito amor...

Tantas coisas aconteceram durante a semana desde que nos encontramos na última celebração, no domingo anterior! Todas essas vivências serão compartilhadas no espaço sagrado da comunidade.

O povo se reúne na igreja, no Dia do Senhor, que se torna também o dia da comunidade celebrante da perene Aliança de amor e fé estabelecida com o Pai em Jesus Cristo. Antídoto natural contra o isolamento da hodierna sociedade não evangelizada. Lugar privilegiado onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada e, a meu ver, lugar privilegiado para os que desejam reverter a lamentável e não menos desafiadora situação social, cultural e religiosa de hoje. Tarefa que toda a ação catequética e evangelizadora deve assumir como missão imprescindível, a fim de que todo cristão possa atingir aquela maturidade manifestada no harmonioso conhecimento da pessoa de Jesus Cristo e na ação celebrativa da comunidade eclesial.

Assistimos na atualidade ao desabrochar de felizes iniciativas, tanto de pessoas quanto de comunidades, para criar espaços de aprofundamento nas fontes bimilenares da

Liturgia cristã, que estabeleceu, no decorrer dos séculos, um jeito profundo e muito bonito de acreditar, viver e celebrar a vida do Cristo Pascal. Mas também notamos que muitas dessas pessoas e comunidades têm conhecimentos fragmentados e pouca espiritualidade para celebrar compenetradas os profundos significados desse mistério.

Uma das principais causas é, sem dúvida, a carência de uma efetiva inserção na vida comunitária, por falta de uma autêntica iniciação à vida cristã. Às vezes, temos a sensação de que o Batismo administrado às crianças faz delas cristãs com “direito automático” aos outros sacramentos. Poucas são as famílias que, conscientemente, contribuem para constituir a comunidade eclesial, pois a maioria considera a Igreja como uma instituição da qual se tem o exclusivo direito de receber uma série de “serviços religiosos”, sem gerar compromisso, qual “supermercado de sacramentos”. Não sentem a comunidade eclesial como espaço privilegiado onde se faz uma caminhada de vida e fé, de adesão efetiva e afetiva a Jesus Cristo, e sim como “empresa de segurança”, que dispõe de santos e seres angelicais contra todos os males e recursos para obter as mais diversas graças ao gosto do cliente...

Essa falta de aprofundamento na fé e na espiritualidade litúrgica de muitos cristãos, mesmo dos que vão regularmente à Missa (católicos praticantes?), não diz grande coisa, nem provoca grandes emoções ou desesperos.

Manifesta-se aí a situação em que lamentavelmente se encontram muitos bons cristãos quando vão à igreja para celebrar a Eucaristia. A grande maioria dos nossos irmãos e irmãs não experimenta aquela maravilhosa sensação de estar junto de Jesus Ressuscitado, como aconteceu com os discípulos de Emaús, que ‘o reconheceram ao partir o pão’ (cf. Lucas 24,30-31); não se sentem chamados e comprometidos a celebrar o maior louvor que se pode elevar ao Pai, unidos a Jesus, Cordeiro e Vítima Pascal a serviço de toda a humanidade.

É claro que devemos almejar – cada vez mais e melhor – que o mistério pascal celebrado seja compreendido em sua autêntica profundidade. Que sejamos capazes de entender que, a cada vez que o mistério pascal é celebrado, entra em jogo nada menos que o drama de nossa existência e do destino da humanidade. Celebrando esse mistério, fazemos memória da vida, paixão, morte-ressurreição e glorificação do Senhor Jesus e do derramamento de seu Espírito de amor sobre todos. Nesse drama, o Pai, movido pelo senso de justiça e pelo amor por seu Filho, levado por suas “entranhas de misericórdia e compaixão”, ressuscita Jesus da morte e o promove sentando-o à sua direita. A plenitude luminosa da vida de Deus passa pela humanidade glorificada de Jesus. Atinge, assim, todo o tecido humano e, de certa maneira, todas as coisas existentes, toda a matéria e todo o cosmo, pelo dinamismo transformador do Espírito do Ressuscitado. Cada um de nós é convidado a reconhecer e a acelerar esse progressivo movimento de transformação, até que Deus seja tudo em todos.

Fiquei eclesialmente entusiasmado ao perceber que o Documento de Aparecida insiste na urgente necessidade de impulsionar, no continente latino-americano, uma

profunda reforma da Igreja em sua identidade como povo de Deus. Reforma que deverá acontecer progressivamente por meio de um renovado e prioritário processo catequético e evangelizador que leve as pessoas, famílias, paróquias e comunidades a encontrarem Jesus Cristo na celebração de seu mistério pascal, para manifestar profeticamente a privilegiada vocação de discípulos-missionários do Senhor.

Nesse processo, a celebração eucarística dominical ocupa um lugar prioritário na condução dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo a redescobrir sempre e continuamente a fé na Eucaristia¹. Por isso é que, neste trabalho, não poupei energias para refletir, aprofundar e sintetizar quanto de bom sobre a Liturgia procurei e encontrei. Meu mérito – se tenho algum – foi sistematizar de modo simples os frutos de qualificados estudos realizados pelos melhores liturgistas hodiernos. Partindo disto, o que aqui está exposto entreguei carinhosamente a pessoas das mais diversas comunidades, por meio de encontros, palestras e homilias. Aproveitei todas as ocasiões para fazer com que o mistério da ceia/celebração da Páscoa de Jesus fosse absorvido e assumido por seus discípulos e discípulas reunidos na casa da comunidade (*domus ecclesiae*).

Qual será o itinerário? Dividi o trabalho em duas partes: na primeira, com dois itens, trato de esclarecer o compromisso que toda a comunidade de batizados possui com a celebração da Eucaristia. O povo não é simplesmente *assistente*; o povo é *celebrante e protagonista*. Depois, acrescento algumas pinceladas sobre o sentido dos principais gestos e posturas executados nas celebrações eucarísticas.

Na segunda, sem pretender a perfeição, comento com alguma profundidade as quatro partes rituais constitutivas da Ceia Pascal do Senhor (Missa): Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais. Em cada uma delas esclareço o porquê de sua existência, seu significado litúrgico e os principais aspectos do ritual.

O resultado está aqui, diante de seus olhos, em suas mãos. Ele é imperfeito e, por isso, agradecerei de coração por todas as sugestões que você me faça, após a leitura e gradativa aplicação destas informações, para melhor continuar contribuindo com a formação litúrgica e catequética das comunidades e, nelas, especialmente, de todos os catequistas².

O autor

Primeira Parte

Nesta parte vamos esclarecer e aprofundar dois aspectos importantes de toda celebração para participarmos dela mais frutuosamente. Primeiro esclareceremos se o povo *celebra* ou se simplesmente *assiste* ao mistério eucarístico; em seguida, descreveremos o valor e o sentido dos gestos e posturas executados nas celebrações eucarísticas.

1. O povo assiste ou celebra o mistério eucarístico? Que devemos dizer?

A celebração não é um encontro, mas sim um encontrar-se (...) Não basta estar presente, é preciso *ser presença*, ou, é preciso *estar presente em relação*, porque é na dinâmica do encontrar-se que se encontra Deus. (Bogaz e Vieira, *Sinais mistagógicos*, 18)

É preciso reforçar a ideia de que (...) a celebração não é somente a proclamação da Palavra e o Sacrifício, mas sim uma assembleia que se reúne para celebrar o mistério do amor da Trindade. (Gregório Lutz, *Revista de Catequese* 115, 59)

Nas conversas sobre Liturgia se ouve falar com frequência do termo *participação*. Derivado do latim *participatio* (*partem-capere*: tomar parte, fazer parte), é sinônimo de adesão, intervenção, partilha, repartição, ter coisas em comum; algumas vezes também significa pertencer (especialmente em João). O termo latino tenta traduzir a palavra grega *koinonia*, cujo significado é conhecido como ter relação, estar e entrar em comunicação. Na linha desses significados é que devemos interpretar o sentido litúrgico correto de *participação celebrativa*. Com palavras provindas do ambiente cristão, podemos dizer que participação é tomar parte na fé, no Espírito, na morte e ressurreição de Cristo, nos bens da salvação anunciados pelo Evangelho, no Corpo e no Sangue de Cristo.

Um texto que pode ajudar a compreender melhor o sentido da participação na Liturgia é Romanos 6,3-11, onde Paulo diz que participamos na ressurreição de Cristo porque somos sepultados com ele na morte, ou seja, temos parte em sua morte-ressurreição (cf. 1Coríntios 10,16-18).

A participação foi – é bom saber – uma das questões mais debatidas nas comissões que trataram da Liturgia no Concílio Vaticano II³. Na verdade, não foi só um desejo do Concílio; foi, é e será sempre o anseio do povo de Deus. Todos os cristãos querem exercer o direito de participar ativa, frutuosa e conscientemente das celebrações (cf. SC 14)⁴.

E de onde é que o povo recebe esse direito? O Concílio diz que a Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação nas celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e à qual, por força do Batismo, o povo cristão, “uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus”, tem direito e com a qual tem obrigação (cf. 1Pedro 2,4-5.9-10; Êxodo 19,3-8; Deuteronômio 10,12-22; Apocalipse 1,5-6; SC 14).

No Dia do Senhor, os discípulos e discípulas de Jesus Cristo se reúnem para celebrar; fazer memória de tudo o que ele fez e faz pela humanidade⁵. Reunir-se, ficar unido, é o primeiro requisito para poder participar da Liturgia, porque celebrar é um ato de especial participação comunitária e eclesial⁶.

Levando em conta que a Liturgia é uma ação, surge quase naturalmente a pergunta: quem realiza toda a ação litúrgica, quem é o sujeito dessa ação celebrativa? Ou melhor: quando os cristãos se reúnem, a quem e para quem celebram?

O agente visível da Liturgia é o povo de Deus reunido em assembleia num tempo e lugar determinado. No entanto, acompanhando esta ação da comunidade e trabalhando interiormente está, de modo invisível, o Deus Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus e seu povo atuam íntima e conjuntamente um para o outro.

O Concílio, profeticamente, colocou em seu lugar o sentido profundo das ações litúrgicas na Igreja ao afirmar que “não são ações privadas, mas celebrações da Igreja”, que são o sacramento de unidade do povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos. É toda a comunidade, o corpo unido a sua Cabeça – o Cristo – quem celebra. Nas celebrações eucarísticas a Igreja evidencia o primado do comunitário sobre o particular. Elas “manifestam e afetam todos e cada um dos cristãos celebrantes; isto é, o corpo da Igreja” (cf. SC 26). As orações dirigidas a Deus, pelo presbítero que preside na pessoa de Cristo (*in persona Christi*), são rezadas em nome de todo o povo santo e de todos os que estão presentes (cf. SC 33).

É necessário enfatizar: quem celebra não é o presbítero (padre); celebra todo o povo santo de Deus reunido em assembleia; toda a comunidade unida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Ao *presidir*, o presbítero celebra juntamente com o povo; é parte dele e está a seu serviço. Outros verdadeiros ministérios litúrgicos, desempenhados por leigos e leigas, estão também a serviço da assembleia celebrante, em comunhão com os ministros ordenados: ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, leitores, animadores, coroinhas, componentes da música, pessoal da acolhida... (cf. SC 29).

A necessidade da participação/celebração do povo na Liturgia foi lembrada insistentemente pela SC. Esta insistência demonstra que a participação ativa, consciente e plena é um dos princípios que inspiraram e orientaram a obra da renovação e reforma litúrgica postulada pelo Concílio⁷.

Cada pessoa louva ao Senhor de seu jeito, mas não se pode pensar que se trata de uma ação individualista, de alguém preocupado apenas com sua própria pessoa. A comunidade reunida não é a somatória de cada um dos membros da assembleia, menos ainda um simples *nós*: é a comunidade, de tal modo assumida pelos indivíduos que a compõem, que se constitui em um único *eu*, formando como que um só todo, uma só pessoa. É a assembleia litúrgica, feita Corpo de Cristo no Espírito Santo, que clama “a uma só voz” (cf. os prefácios da Missa). Os celebrantes podem clamar a uma só voz, porque no Senhor – escreve Lucas – eles têm “um só coração e uma só alma” (cf. Atos 4,32). O Espírito Santo coloca no coração e na voz o clamor de Jesus Cristo que hoje (agora, neste domingo) reúne todo o clamor dos oprimidos e intercede por eles junto ao Pai (Hebreus 7,25). É a voz dele que se faz ouvir nas celebrações quando, juntos, dizemos *Pai nosso, que estais no céu...* Em outros momentos, dirige-se primeiro a Jesus Cristo, pedindo que assuma como seu o clamor de todo o povo sofredor: *Senhor, tende*

piedade de nós, Senhor, escutai a nossa prece, Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo. Como povo que é, assume a inadiável missão sacerdotal, escolhido pelo Deus dos oprimidos, feito povo de sacerdotes pelo Cristo glorificado (Apocalipse 1,6)⁸.

Para nosso tema é importante, ademais, compreender as características da Igreja à qual, pela graça de Deus, pertencemos (e à qual o Concílio consagrou toda a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*). Partindo delas chegamos à compreensão de duas consequências decisivas: a) a Igreja como mistério (sacramento), e b) a Igreja como povo de Deus: povo sacerdotal, profético, régio.

a) *A Igreja como mistério (mysterium, mystérion, sacramento)*

Quando dizemos que a Igreja é um *mistério*, queremos dizer que a Igreja é uma realidade divina, transcendente e salvífica, que se revela e se manifesta de modo visível. Nessa perspectiva, a Igreja se apresenta como o lugar do encontro entre a iniciativa divina e a acolhida humana. É a presença da Trindade no tempo e do tempo na Trindade, irredutível à compreensão meramente humana. No entanto, será sempre Igreja composta de homens e mulheres, “santos e pecadores”, que vivem plenamente na história. Por isso é que a Igreja é considerada uma realidade espiritual, e não apenas uma instituição entre outras. Nasce do lado aberto de Cristo na cruz (SC 5) e do sopro maravilhoso do Espírito. É de tal modo unida a Cristo que é chamada de *Corpo de Cristo*. Não se pode mais pensar em Igreja sem vê-la unida a Cristo como um corpo unido à cabeça; não se pode mais pensar em Cristo sem incluir a Igreja toda. Toda a eclesialidade é um sinal cuja realização aponta para além de si, para o próprio Deus (Karl Rahner)⁹.

b) *A Igreja como povo de Deus: povo sacerdotal, profético e régio*

A Igreja é o povo de Deus, convocado e reunido por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Compreende então a igual dignidade de todos os batizados como membros ativos/participantes do povo sacerdotal, profético e régio. Assim, os leigos são chamados a assumir sua missão como Igreja no mundo, na sociedade, a serviço do Reino.

A Igreja toda é ministerial. O sacerdócio batismal do povo de Deus se reconhece na participação no único sacerdócio de Jesus Cristo. Este sacerdócio batismal é a base e o fundamento da participação de todo o povo de Deus na Liturgia. O sacerdócio do clero: bispos, presbíteros e diáconos, exercido em seus três graus ministeriais específicos, brota da mesma e única fonte.

Eis uma verdade que deve ainda penetrar no coração do povo cristão: os cristãos constituem um povo de sacerdotes, profetas e reis, como é lembrado no dia em que cada batizado é chamado a viver e a expressar sua fé na cultura específica a que pertence.

Povo de sacerdotes, chamado a viver conscientemente e a expressar publicamente, na Liturgia, os laços de intimidade e fidelidade que o unem ao Senhor, com o Deus da aliança; laços que muitas vezes, de forma inconsciente ou difusa, unem todos os seres

humanos e até mesmo toda a realidade criada com o sagrado, com o transcendente, com Deus.

Povo de profetas, isto é, chamado a ser sentinela, vigilante, atento às exigências da Palavra do Senhor a respeito dos acontecimentos, do rumo que a história vai tomando. Povo chamado a discernir a presença do Senhor, os avanços ou recuos em relação ao Reino de Deus na realidade pessoal e social; chamado a fazer ouvir esta Palavra, a anunciá-la...

Finalmente, povo de reis, chamado a assumir a responsabilidade na organização, na coordenação e no governo do mundo rumo ao Reino de Deus; das próprias casas, passando pelas comunidades, associações, cooperativas, escolas, empresas, até na organização da cidade, do estado, da nação, e também em organismos internacionais, de acordo com as possibilidades concretas de cada pessoa.

É mais que urgente assumir, pessoal e comunitariamente, a tarefa da educação litúrgica dos cristãos, para que compreendam que a celebração eucarística é uma ação comunitária de toda a Igreja e possui um caráter vivencial irrenunciável. Afinal, a celebração eucarística é e será sempre a fonte privilegiada de toda espiritualidade cristã.

Certamente que, enquanto não se formarem comunidades de fé, não se atingirá a finalidade da Eucaristia e não se alcançará o ideal missionário como Corpo de Cristo. Essa exigência transparece quando refletimos com seriedade naquilo que o presidente da celebração reza em nome da assembleia, após a narrativa da instituição: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e do Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo” (Oração Eucarística II), “nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito” (Oração Eucarística III), “o Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor” (Oração Eucarística V).

Será preciso trabalhar insistentemente para que as pessoas e as comunidades que, pela graça do Batismo, formam o povo sacerdotal, comecem a ensinar que *todos celebram*, enquanto o padre *preside*, e a reivindicar o direito de ter a Eucaristia, pois as comunidades se constituem como eclesiais¹⁰.

Quando a SC fala de uma participação consciente, plena, ativa e frutuosa na Liturgia, baseia-se numa exigência própria da natureza desta, fundamentada no caráter sacerdotal de todo batizado que gera direitos e obrigações sacramentais. Com efeito, não apenas explicita um ideal pastoral (a participação litúrgica plena, consciente e ativa) com suas consequências práticas (direitos e deveres), mas também estabelece seus fundamentos teológicos: sua fonte (o sacerdócio batismal) e sua motivação íntima (a própria natureza da Liturgia). Fica claro, então, que a participação do povo na Liturgia não se reduz a mero elemento acessório ou ornamental, nem a um ideal ou meta da ação pastoral; antes, acha-se no próprio coração do acontecimento litúrgico como sua condição necessária. Na verdade, deve-se dizer que a participação litúrgica constitui a mediação necessária para participar da vida divina. Tal é a meta dos sacramentos da Igreja. Por isso, deve afirmar-se também que, quando se fala da “ativa participação” do povo, isso não se refere

apenas aos aspectos externos ou superficiais dos ritos. É uma exigência profunda que toca o sentido cristão da *koinonia*, isto é, da comunhão de vida entre Deus e os fiéis, própria do acontecimento litúrgico. Participar da Liturgia é “participar de Deus” e, por isso mesmo, de sua vida e de sua liberdade, processo onde a precedência fica com a interiorização¹¹. Isso exige que toda a equipe de liturgia da comunidade possua a capacidade e a sensibilidade de oferecer as melhores condições para envolver e contagiar o povo na celebração do mistério central da fé: o mistério pascal de Jesus Cristo, como fruto de sua doação ao projeto salvador do Pai. Não é um “espetáculo”, um “showzinho para Jesus”. É a celebração de *Alguém* maravilhoso e bondoso, que passa pela vida de cada um e penetra fundo em seu coração enchendo-o com a força do Espírito Santo; é o encontro festivo da comunidade que se aproxima o mais possível daquilo que o Senhor pediu: “Façam isto em memória de mim”.

É fundamental entrar no espírito da celebração que liga a vida de Jesus com a vida de seus irmãos e irmãs. Participar da Liturgia significa celebrar a vida humana assumida por Jesus em toda sua fragilidade e transformada em vida plena. Significa ser solidário com Jesus na vida dos irmãos e irmãs que estão crucificados por tantas situações desumanas, bem como dos que superam suas dificuldades e lutam pela vitória¹².

Quando se sai de casa para ir à igreja, é importante ir pensando: por que estou indo me reunir com meus irmãos e irmãs para celebrar a Eucaristia? Qual é o motivo que me impulsiona? Certamente não se trata de uma simples reunião. O povo se reúne numa assembleia de convocados a ser, no meio das nações, sinal da bondade e da misericórdia de Deus manifestada em Jesus Cristo. Impõe-se olhar, com calma, ternura e reconhecimento, ao redor de toda a assembleia, cada um dos irmãos e irmãs que celebram, buscando entrar em sintonia com o sentir e agir de todos, sentindo-se corpo espiritual fraterno de Cristo.

Uma celebração eucarística sem o desejo de assumir compromissos éticos com o próximo será, para quem dela participa, uma Eucaristia nula, vazia. Sem compromissos maduros e responsáveis com os mais esquecidos, o culto se torna um passatempo cômodo, um culto vazio, uma aparência de culto. Julga-se tranquilizante esperar de Deus intervenções extraordinárias, mas isso é um engano. Deus não quer meros espectadores, mesmo que admirados, de seu agir. Deu aos cristãos olhos para ver, ouvidos para ouvir, mãos para agir; seus olhos devem ser os olhos com que Deus vê as necessidades; seus ouvidos, os ouvidos com que Deus escuta os lamentos; suas mãos, as mãos de que Deus se serve para socorrer. Por isso, nas celebrações eucarísticas, pede-se sua ajuda para obter, sobretudo, a atenção e a sensibilidade indispensáveis para pôr a cada dia mãos à obra; para que o povo de Deus não honre a Deus só com os lábios e seu coração esteja longe dele, agindo só pelas aparências (cf. Mateus 15,7-9, citando o profeta Isaías 29,13)¹³.

É por causa disso que a participação do povo na celebração eucarística não pode ficar simplesmente reduzida a gesticular, falar, cantar, aclamar, movimentar braços e

pernas, abanar folhetos, entrar na fila e receber o pão consagrado! Nem pode ficar limitada a uma adoração ou sentimento devoto e piedoso, ou ainda a um compromisso ético, por mais sério que seja. Pode-se dizer: é tudo isso, sim, mas vai muito além – é participação no mistério da Páscoa do Senhor. Há uma dimensão física (estar presente, mexer-se, atuar cantando, aclamando, abraçando, comendo e bebendo), que vem acompanhada de uma dimensão de compreensão (entender, acompanhar com a mente) e de sentimento (envolver-se afetivamente), junto com a dimensão espiritual, misteriosa, que perpassa e direciona todas as outras dimensões que fazem do agir celebrativo uma arte aprimorada¹⁴.

Para fazer acontecer

Uma assembleia litúrgica que deseja revelar aquele que é o “amoroso oculto/presente” precisa:

- Ser uma assembleia de fé cristã, por isso mesmo pascal. Quando se rebaixa o nível da fé, desfigura-se a comunicação simbólica dos que se reúnem: passa-se uma mensagem de obrigação, desligamento, desinteresse, desatenção, pouco caso, insensibilidade para com o outro.
- Saber estabelecer laços de comunhão fraterna e humana. Numa palavra: saber se encontrar. Se no dia a dia “a vida é a arte do encontro”, imagine no momento de festa e celebração!

Aperfeiçoar o encontro de pessoas e entre pessoas é aperfeiçoar a comunicação de um povo reunido para celebrar a Páscoa.

Será que um descrente ou ateu, vendo nossas assembleias reunidas nas celebrações, percebe o “algo mais” que liga as pessoas e inunda a assembleia?

- Querer de fato participar, fazer acontecer a celebração, de todos os modos torná-la capaz de envolver todas as pessoas completamente. O que se nota, em geral, em certas pessoas presentes, mas “ausentes”, da celebração? Que comunicação irradiam suas posturas, gestos, silêncios, cantos, rostos, vestes?¹⁵

Mesmo que celebrar a Eucaristia seja questão de amor, ainda existe a obrigação dominical?

Talvez pelo excesso de legalismo e autoritarismo, facilmente se rejeita tudo o que é apresentado como obrigatório.

Criou-se um preconceito e um prejulgamento que fazem mal na hora das decisões importantes. Quando existe amor, amizade e vida, há obrigações que brotam da liberdade responsável. Uma vida sem obrigações é como um corpo sem espinha dorsal. Se quero viver biologicamente, tenho

obrigação de me alimentar. Se busco equilíbrio psicológico, tenho a obrigação de cuidar de meus sentimentos. Se entendo que minha vida é mais do que um corpo, mais do que sentimentos e possui uma dimensão espiritual, tenho obrigações religiosas que nascem de uma relação de amor com aquele “de quem vivemos, em quem vivemos e para quem retornamos”.

Poder celebrar a alegria do Mistério Pascal, em comunidade, é um privilégio que precisa ser colocado na linha de frente de nossa decisão de participar da Missa¹⁶.

2. Que devemos dizer sobre os gestos e posturas realizadas pela assembleia durante as celebrações?

Na Liturgia os gestos e posições do corpo devem corresponder ao sentido e à índole de cada momento da celebração. É claro que a justa proporção entre palavra, canto, gesto, movimentos e silêncio é fundamental para uma boa e frutuosa celebração (cf. IGMR 20-22)¹⁷.

A seguir daremos algumas pinceladas sobre os diversos gestos e posturas, a fim de esclarecer o sentido correto das expressões que acompanham as palavras na celebração. Seria de bom proveito lê-las e discuti-las fraternalmente nas equipes de Liturgia e ensiná-las ao povo.

Sabe-se por experiência que a linguagem oral sozinha é insuficiente para a plena comunicação humana; ela necessita ser completada pela linguagem corporal. É nessa insuficiência que a linguagem do corpo torna-se sinal complementar para despertar os sentimentos e orientar a sensibilidade religiosa. Sendo a Liturgia sempre ação comunitária, nela a linguagem corporal também será prioritariamente coletiva e comunitária.

Ficar de pé

É bom ler com atenção e depois refletir...

Qual seria a melhor posição do corpo durante aquele momento na Oração Eucarística que popularmente é chamada de “consagração”, mas que deveria denominar-se corretamente “narrativa da instituição”? É mais correto ficar sentado, de pé ou ajoelhado?

Já que as origens culturais da Missa têm suas raízes na ceia pascal judaica, convém observar a atitude dos comensais nesta ceia: eles estão sentados ao redor da mesa; quem preside se coloca de pé para pronunciar a bênção sobre o pão e o vinho. Jesus e seus discípulos certamente observaram esta tradição, assim como as primeiras comunidades cristãs, que celebravam nas casas a *fração do pão* ou Eucaristia (*eucharistía*, ação de graças).

Quando, mais tarde, cresceu o número de participantes e passaram das casas a ocupar grandes basílicas (locais onde se administrava a justiça no foro civil), toda a assembleia ficava de pé. As basílicas eram sem assentos. Pode-se imaginar por acaso o povo se ajoelhando durante a Oração Eucarística no momento da “consagração”? Nem pensar! Vejamos o porquê:

- A Eucaristia era a celebração característica do domingo, Dia do Senhor: “Dia da

ressurreição de Cristo e da nossa própria ressurreição”. Nesse dia, os cristãos jamais se ajoelhavam, e até consideravam isso um pecado, porque era sinal de penitência e de tristeza, incompatíveis com o Dia do Senhor Ressuscitado. Percorramos com calma alguns textos da tradição da Igreja¹⁸. Começemos pelo Pseudo-Justino (séc. II):

O costume de não dobrarmos os joelhos no Dia do Senhor é símbolo da ressurreição, pela qual, por graça de Cristo, fomos libertados dos pecados e da morte, que foram destruídos. Esse costume teve início nos tempos apostólicos, como diz o mártir Santo Irineu, bispo de Lião, no livro *Sobre a Páscoa*, onde também menciona o Pentecostes, durante o qual não rezamos de joelhos, porque este tempo iguala em solenidade o Dia do Senhor...

Tertuliano (155-222) acrescenta: “Consideramos como pecado jejuar ou rezar de joelhos no Dia do Senhor”.

A esse propósito, são significativas as palavras de Isidoro de Sevilha (560-636):

Na verdade, como o próprio Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, assim também nós esperamos ressuscitar nos últimos tempos. Esta é a razão pela qual, no Dia do Senhor, oramos de pé, posição que é sinal da futura ressurreição; assim faz toda a Igreja que peregrina em sua condição mortal, aguardando o fim dos tempos.

Dois textos mencionam explicitamente a atitude de ficar de pé durante a Oração Eucarística. Um deles é de São Cipriano (200-258): “Quando estamos de pé, na Oração (Eucarística), irmãos caríssimos, devemos estar atentos e entregar-nos às preces com todo o coração”. E o outro é das *Constituições Apostólicas* (séc. IV): “Em seguida terá lugar o Sacrifício (a Liturgia Eucarística). Todo o povo estará de pé, orando em silêncio”.

Mas de onde vem então o costume – que persiste ainda hoje – de ajoelhar-se durante a narrativa da Última Ceia? É mencionado pela primeira vez na Alemanha, no ano de 1201, juntamente com o costume de tocar as campainhas que chamam a atenção para o grande mistério da fé, tal como era entendido naquele início de segundo milênio: a presença real de Jesus só nas espécies eucarísticas. Com o Concílio, porém, voltamos à compreensão integral do mistério pascal da Eucaristia.

É tempo, portanto, de redescobrirmos a importância de ficarmos de pé – porque essa é a atitude dos ressuscitados – durante toda a Oração Eucarística, inclusive durante a narrativa da Última Ceia¹⁹.

Aproveitando as ideias expostas sobriamente por Ione Buyst, pode-se concluir que a principal postura corporal nas celebrações eucarísticas é a de pé. Desde os primeiros tempos a Igreja preferiu esta postura corporal, pois expressa nitidamente a postura corporal do Senhor Ressuscitado (cf. Mateus 28,9-10; Lucas 24,13-15; João 20,14-19). Como ele, também o cristão se dispõe a estar sempre vitorioso em sua presença, como corajosa testemunha de sua vida de ressuscitado, e não submisso escravo dos senhores que patrocinam a exploração e a cultura da morte.

Estar de pé, ereto, é uma atitude que indica dignidade: só o homem fica de pé – o animal, em geral, rasteja –, e que também indica liberdade, pois só o escravo fica de

joelhos.

É a posição dos ressuscitados em Cristo, com a liberdade e a dignidade de irmãos e irmãs de Jesus (filhos e filhas de Deus). Quando se fica de pé, assume-se uma atitude vigorosa e disciplinada. É a atitude dos anunciadores da Boa Nova de Jesus, dos missionários do Reino, prontos a receber e cumprir uma missão. Mostram-se preparados para cumprir sem demora seu encargo assim que lhes for confiado, sobretudo em se tratando de servir a Deus e aos irmãos; na presença de Deus fica-se de pé, manifestando um respeito atento e ativo.

Estar de pé na ação litúrgica tem, para o cristão, um sentido teológico essencial e fundamental, pois evoca a postura de Jesus na ressurreição (cf. Apocalipse 7,9). Lembra a atitude de Lázaro, o morto que, escutando a voz do Senhor, foi revitalizado e se levantou vivo: “Lázaro, vem para fora!” (cf. João 11,43).

Durante a proclamação do Evangelho, estar de pé exprime a disponibilidade em respeitar e acolher a Palavra de Deus, deixá-la ressoar no coração e estar pronto para movimentar-se, ou seja, fazer a Palavra acontecer nas ações cotidianas.

Ouve-se o Evangelho de pé: estamos prontos para escutar a voz do Senhor. Ficar de pé faz o povo sentir-se livre. Mas, atenção! Deve-se estar de pé corretamente! Todo o corpo alicerçado sobre os dois pés, sem apoiar-se, sem dobrar desleixadamente os joelhos. Erguido e dono de si mesmo e de todo o ser.

Assim, na perspectiva da ressurreição, o ato de estar de pé expressa também a disponibilidade de agir a partir dos princípios cristãos. É a posição dos ressuscitados que, como os santos e santas do céu, estão exultantes “dia e noite” à frente do trono, louvando o Cordeiro Santo de Deus (cf. Apocalipse 7,9-10)²⁰.

Estar sentado

Sabe-se que sentar é ação de quem deseja estar à vontade e descansar, porém, na Liturgia é muito mais; nela, sentar-se deve ser entendido como concentrar-se e preparar-se para escutar atentamente quem fala ou ensina, meditando e acompanhando a proclamação da Primeira e da Segunda Leituras e o canto do Salmo – com exceção da proclamação ao Evangelho que, como já foi dito, escuta-se de pé (cf. Lucas 10,39).

Na tradição bíblica, estar sentado é a postura de quem ensina com sabedoria e autoridade; saber sentar-se e silenciar seu íntimo para escutar e aprender. É a atitude de fé do jovem Samuel: “Falai, vosso servo escuta” (1 Samuel 3,10). No Evangelho pode-se perceber a amargurada crítica que Jesus lança aos que estão sentados na cátedra de Moisés. Em vez de instruir o povo, são hipócritas e utilizam seu *status* para obter o próprio benefício, e não para conduzir o povo simples ao amor de Deus (cf. João 10,1-18). Assim, o ato de sentar-se evoca o repouso do corpo e a predisposição ou excitação do interior, a dinamicidade interior, para o que será ensinado. Sentar-se para escutar naturalmente não é suficiente. São Paulo admoesta o povo para que seja praticante da

Palavra, e não mero ouvinte, enganando-se a si mesmo (cf. Tiago 1,22).

Educar os cristãos para a escuta densa e profunda e não menos contemplativa da Palavra de Deus é o caminho certo para a assimilação dos compromissos que correspondem aos evangelizadores; e não menos desafiador e exigente para as equipes que animam a Liturgia²¹.

Caminhar em procissão

O caminhar em diversos momentos da celebração eucarística significa que os cristãos e toda a humanidade, como novo povo de Deus, dirige-se (sobe) à Jerusalém celeste. Deve ser feito sempre com dignidade, seja na procissão de abertura ou no início da Liturgia da Palavra, quando entra a Sagrada Bíblia ou o Lecionário (Livro da Palavra); um andar compenetrado ao se aproximar ou se afastar do altar, nas procissões de apresentação dos dons e da comunhão eucarística.

É um caminhar lento, ordenado, acompanhado do canto. O autêntico caminhar é nobre, livre e, não obstante, cheio de uma bela disciplina; ligeiro e forte, descontraído e firme, pausado e carregado de força conquistadora. E como é belo caminhar assim quando se faz piedosamente! Pode se tornar um autêntico ato de culto a Deus, pois sempre se é peregrino, sempre caminheiro em Cristo rumo ao Reino definitivo. Realizar conscientemente este gesto pode encontrar uma alegre expressão, repleta de beleza e vigor naquelas palavras do Senhor: “Anda em minha presença e sê íntegro” (Gênesis 17,1).

Caminhar pode também expressar oração. É peregrinação e busca; é o povo de Deus em marcha. O ato de fazer a comunidade caminhar evoca o sentido teológico e bíblico dos 40 anos em que o povo de Israel peregrinou pelo deserto rumo à Terra Prometida. Este peregrinar evoca a ideia de abandonar estruturas e posturas injustas (mentalidade opressora egípcia). No deserto, no lugar do vazio, longe de toda injustiça, reveste-se das leis, ensinamentos e propostas de vida social dadas e queridas por Deus, para aí sim entrar na Terra Prometida, na terra de fartura, onde corre leite e mel, ou seja, onde se vive a justiça, onde a comida nunca falta, onde a vida floresce como as flores em primavera e irradia enérgica alegria.

É claro que existem modos e modos de andar. Na Liturgia, não é só o de um simples vaivém. Os movimentos do presidente e da comunidade serão significativos, respeitosos, compostos e jamais bruscos.

É importante observar a maneira de entrar no espaço sagrado. Deve-se entrar na igreja, casa da comunidade, com uma atitude que manifesta a consciência e sensibilidade do encontro que protagonizaremos. Nada de agitação e correria. Cada cristão é um peregrino que se aproxima humildemente das fontes da salvação.

O caminhar em procissão faz-se com solene gravidade, lento e ordenado, pois visa a um fim. Não se está na rua passeando a esmo, pois no espaço sagrado o cristão sabe que

caminha na presença de Deus e junto dos irmãos e irmãs. Impera a caridade fraterna. Na realidade, as belas procissões devem lembrar a caminhada que, junto dos irmãos e irmãs, empreendemos rumo à Terra de Promissão. É a marcha decidida e corajosa da Igreja, assembleia visível e invisível que ousa desafiar o que não presta nas profundezas do mundo injusto²².

Erguer os braços

É entregar a vida a Deus e louvar a Cristo, Mestre e Salvador. Expressa súplica, louvor, doação, oferenda... Estender as mãos como gesto de oração, particularmente quando se reza o Pai-Nosso, o que assemelha o cristão a Cristo Crucificado. Frequentemente o presidente da celebração ergue os braços ao exercer o serviço de mediador perante Deus em favor de toda a comunidade reunida.

A atitude de cantar

O ser humano em todos os tempos utilizou a música para tentar estabelecer um encantador diálogo com a divindade. Para os cristãos não é diferente. A liturgia cristã coloca a música nas celebrações com o intuito de estabelecer uma melhor comunicação com o sobrenatural. O canto litúrgico é, por conseguinte, um caminho para o encontro entre o homem e Deus. Tem poder de transformação, força e sentido, e capacidade de mediação.

A profundidade dos textos, assim como a atração exercida pelas melodias, faz com que a mensagem penetre e permaneça nas entranhas de cada cristão.

O canto na liturgia é por natureza repetição, memória e poesia; é, ao mesmo tempo, atualização e novidade. É um dos meios mais eficazes e pedagógicos para a formação espiritual, orante e litúrgica de cada pessoa e de toda a assembleia, que participa plena e ativamente como povo de Deus.

Um canto será tanto mais litúrgico e evangelizador quanto mais fiel se mantiver a sua natureza, sentido e função litúrgica, na medida em que contribui para viver e expressar o mistério celebrado (cf. SC 116)²³.

Quem dera os cristãos reunidos para celebrar a Santa Ceia tivessem a mesma experiência de Santo Agostinho ao ouvir, emocionado, os cantos da Igreja²⁴:

Quantas lágrimas verti, quão violenta emoção experimentei, Senhor, ao ouvir em vossa Igreja os hinos e cânticos que o louvam! Ao mesmo tempo em que aqueles sons penetravam em meus ouvidos, vossa verdade se derretia em meu coração, excitando os movimentos de piedade, enquanto corriam minhas lágrimas.

O beijo

A boca serve – entre outras funções – para comer, falar, cantar e beijar. O beijo é sinal de comunhão, amizade e afeto; sinal de amor e troca de vidas, de pertença e

veneração. É ostensivo nas saudações e despedidas, na alegria e na dor.

Durante a celebração eucarística, o presidente beija o altar como primeiro e último gesto da celebração; beija também o Evangelário após a proclamação do Evangelho. Os cristãos se saúdam mutuamente no abraço e ósculo da paz, numa atitude de saudação, afeto, carinho e comunhão com o Senhor. O beijo é cálido entre os esposos após o consentimento ou o rito de bênção e entrega das alianças, e é expressivo no beijo à cruz no rito de sua adoração da Sexta-Feira Santa²⁵.

Educar-se para o silêncio

Todo o dinamismo da liturgia visa à comunicação com Deus. E é claro que é possível se comunicar com ele de várias maneiras. Primeiramente por meio da linguagem falada, privilégio que Deus deu aos humanos para se comunicarem e gerarem comunidades; mas existe também uma linguagem muito especial, que *fala sem falar*: é a do silêncio.

O silêncio é o espaço para a profundidade; nele o homem se vê, vê os outros e também a Deus. No silêncio são melhor saboreados os atos e palavras que brotam dos pensamentos forjados no íntimo dos corações. O silêncio é condição indispensável para gerar uma oração fecunda pessoal e comunitária; é o vazio que os humanos preparam para aprender com Deus que o amor do silêncio é o que conduz ao silêncio do amor... O silêncio é abertura para Deus, para a comunidade com quem compartilhamos a oração e um reencontro conosco mesmos.

O silêncio é uma viagem ao interior e à realidade mais profunda daquilo que celebramos. É nosso gesto simbólico de reverência diante do Mistério. A presença de Jesus Cristo e o protagonismo de seu Espírito – uma vez captados em profundidade – produzem um silêncio radical de louvor e comunhão. O Mistério é sempre inefável. Sem demora, no momento adequado, brotarão dos lábios a palavra e o canto, o louvor e a súplica.

O sentido do silêncio é básico na celebração cristã. É a alma de toda a oração. A atitude de silêncio exterior e interior e de escuta atenta é que torna possível a experiência desse mistério.

O silêncio é um ingrediente essencial da liturgia. Porém, na celebração, não se trata apenas de escutar em silêncio, e sim de entrar silenciosamente em comunhão com Deus e com os irmãos. O silêncio se dirige ao interior de cada um e o dispõe a ouvir a Palavra de Deus e ponderar suas consequências. Onde o mistério é maior, maior é o silêncio e melhor penetra o Espírito. De fato, o Espírito de Deus precisa do silêncio para insuflar nos corações o sopro divino.

Deve-se valorizar bastante os momentos de silêncio previstos na celebração eucarística: o Ato Penitencial no início; a oração silenciosa do *Oremos*, antes da Oração Coleta; um silêncio de escuta e meditação depois das leituras sem aquela preocupação de logo encher o tempo com cantos, particularmente após a homilia. A Prece Eucarística

deve ser acompanhada pelos cristãos também com um silêncio participativo, com o mesmo entusiasmo aplicado às diversas respostas da celebração. Por fim, o silêncio da Comunhão. Onde houver verdadeiro encontro de amor, a linguagem mais eloquente será sempre e definitivamente a do silêncio.

No dinamismo da celebração, o presidente não pode esquecer que a proporcionalidade dos gestos, a serenidade facial, a naturalidade comunicativa, a correta e adequada linguagem, são emolduradas pelo silêncio, o qual também se enquadra no conjunto dos sinais, tido em alta consideração nos atos celebrativos. Nele são geradas as motivações que se emanam, sustentam e realçam a expressão corporal. O silêncio empenha o coração para que o corpo não execute gestos simploriamente mecânicos e mágicos (cf. IGMR 23 e 32; SC 30).

Em muitas ocasiões, ao quebrar o silêncio celebrativo, talvez incorramos num grande equívoco: acreditar que com muitas palavras se conseguirá “mudar o pensamento de Deus”. Muito pelo contrário: na oração silenciosa deixamos de lado essa tentação e abrimos espaço para que Deus nos modifique, mostre-nos os pontos da vida que necessitam de transformação e fortalecimento, para que juntos – ele e nós – trilhemos os caminhos da felicidade (cf. IGMR 45).

Enfim, o silêncio na liturgia faz brotar na intimidade do coração as atitudes da escuta, da reflexão e da contemplação. Quanto mais as pessoas e as comunidades inteiras compreenderem e penetrarem no que seja em verdade celebrar o mistério pascal de Cristo na Liturgia, mais essas pessoas e comunidades farão silêncio para que Deus fale abertamente em seus corações²⁶.

Genuflexão e inclinação de cabeça

A genuflexão, isto é, dobrar as pernas colocando o joelho direito no chão, indica humilde submissão a outrem. Pode-se fazer genuflexão na frente do Santíssimo Sacramento, do Evangelho e, em certas ocasiões, na frente da cruz.

O equivalente é a inclinação da cabeça e do corpo, gestos usuais na Liturgia oriental. Inclina-se a cabeça quando é mencionado, nas celebrações, o nome de Jesus, de Maria e do santo do dia (ou do padroeiro). Inclina-se o corpo ao entrar no recinto sagrado, na frente do altar, diante do ícone de Cristo, da Mãe de Deus, em frente às sagradas espécies, bem como antes da Comunhão e na frente da estante das leituras, no momento da proclamação do Evangelho²⁷.

Bater no peito

Realiza-se o gesto de bater no peito quando se celebra o Ato Penitencial para simbolizar conversão, penitência, reconhecimento de que os cristãos são pequenos, fracos e pecadores perante a inesgotável misericórdia de Deus.

Ajoelhar-se

Ajoelhar-se é a atitude do pecador – mais individual do que comunitária – diante da infinita santidade de Deus. Manifesta a indignidade e a miséria do ser humano perante a grandeza do Senhor. A genuflexão individual é expressão manifesta de adoração a Deus. Ajoelhar-se quer dizer: sou pequeno, sou fraco e limitado. Quando se percebe claramente até que ponto se é pequenino diante do Deus puro e santo, brota espontaneamente a vontade de se abaixar, de encolher toda a figura, para que não se erga a natural arrogância. O coração diz em sua interioridade: “Meu Senhor, vós sois o Deus excelso, ao passo que eu sou pequeno, pouca coisa”. Portanto, quando se dobra o joelho, não seja este um gesto apressado, vazio e maquinal; deve-se inclinar também interiormente o coração, com uma profunda reverência. Esta só pode ser demonstrada a Deus, porque só ele é digno de ser adorado. Esse gesto revela humildade e verdade. A cada vez que é praticado, proporciona grande bem para a alma²⁸.

Levantar os olhos

O homem é chamado a contemplar a Deus face a face, e a liturgia é antegozo dessa contemplação. Jesus externava essa experiência em momentos solenes de intensa expressão religiosa, quando estava em íntima comunhão com o Pai (Mateus 14,19; Marcos 6,41; Lucas 9,16.29-31; João 17,1). Gesto que ocorre na Oração Eucarística I, na apresentação das oferendas, na oração, especialmente do Pai-Nosso, e também em variadas súplicas litúrgicas e pessoais.

Aplaudir

O aplauso expressa alegria, reconhecimento e honra; signo caloroso e entusiasta de aprovação. Atualmente é usado nas celebrações festivas. Aplauda-se nos batizados, nas crismas, quando se celebra a Primeira Comunhão, nos casamentos, quando alguns vocacionados à vida religiosa consagram a vida a serviço do Reino, e inclusive em algumas ocasiões de exéquias de algum irmão ou irmã.

Aspergir com água benta

Aspergir provém do latim *ad-spergere*: espalhar, orvalhar. Trata-se de um rito que consiste em derramar água benta sobre os fiéis (ou sobre alguns objetos) para abençoá-los e purificá-los; em outras ocasiões, para dedicar igrejas e consagrar altares, e também logo após o Ato Penitencial, no sentido de purificação dos pecados. Na noite da Vigília Pascal, como parte da liturgia batismal, a água é abençoada para que, depois da renovação das promessas do Batismo e da profissão de fé, a assembleia seja aspergida com a água pura que jorra do Crucificado/Ressuscitado²⁹.

Particularmente durante o Tempo Pascal, pode-se fazer a aspersão batismal no início da celebração eucarística, ou no momento do Ato Penitencial, para significar que, pela

ressurreição de Jesus, toda a criação foi lavada e purificada de todo pecado, por isso, de ora em diante, cada cristão viverá como filho e filha da ressurreição. Este gesto pode ser realizado também no início de todas as celebrações eucarísticas dominicais³⁰.

Incensar

O incenso é uma resina e essência vegetal aromática, originária de uma planta da Arábia. Em combustão, essa resina exala odor forte e agradável. A fumaça produzida sobe mais alto que o fogo e simboliza a oração que se eleva na direção do Deus Altíssimo: “Que minha oração suba até vós como a fumaça do incenso!” (Salmo 140,2a). Nas celebrações litúrgicas, serve para criar uma particular atmosfera de oferenda e oblação. A este respeito é bonito lembrar que um dos magos ofereceu incenso a Jesus, reconhecendo-o assim como o Rei Salvador esperado pelas nações (cf. Mateus 2,11). Incensar é reconhecer a dignidade das pessoas reunidas em assembleia para louvar a Deus. Atualmente seu uso é facultativo.

Para encerrar, uma boa reflexão para ponderar a importância das ações gestuais:

Como superar séculos de divisão entre matéria e espírito, corpo e alma, sentimento e ideia? Como recuperar a vivência unitária de nossa pessoa? Como tomar consciência de nossos corpos? Como recuperar o realismo corporal dos gestos sacramentais? Os sacramentos, assim como toda a Liturgia, nos propõem um conjunto de ações simbólicas, gestos corporais que permitem à comunidade entrar em comunhão com o Senhor e se engajar em seu caminho, aqui e agora. Certamente ninguém de nós duvida que, pelo Batismo, pela Confirmação, pela Ceia do Senhor e todas as outras celebrações litúrgicas, somos unidos ao Senhor. Mas, será que aprendemos a vivenciar o gesto corporal no qual se realiza esta comunhão? Permitimo-nos sentir a água do Batismo ou da aspersion tocando nossa pele para nos revigorar? Sentimos o óleo perfumado do Crisma penetrar nossos poros? Temos a coragem de mastigar o pão e de beber o vinho, saboreando-os? Quando ajoelhamos, sentimos o chão debaixo de nossos joelhos; experimentamos a grandeza de Deus, expressando e aceitando a nossa pequenez? Ao cantar, sentimos o ar enchendo os pulmões, percorrendo as vias respiratórias, batendo nas cordas vocais? Ouvimos o som se fazendo e se unindo ao canto de quem está ao nosso lado? Sentimos o prazer das vozes de toda a comunidade juntando-se em uníssono? Percebemos o som e o ritmo da palavra bíblica, e o timbre da voz de quem faz a leitura? Nossa imaginação vê as imagens que o texto propõe? Quando levantamos as mãos em prece, elas expressam o desejo que brota do fundo de nós mesmos? Deixamo-nos envolver pela beleza das flores, ou das cores que o sol projeta na parede, ou das formas arquitetônicas do local? Vibramos com o toque do atabaque ou do violão e acompanhamos o ritmo com movimentos do corpo?³¹

Segunda Parte

Aqui comentaremos as quatro partes que compõem a Ceia Pascal do Senhor (Missa): Ritos Iniciais (RI), Liturgia da Palavra (LP), Liturgia Eucarística (LE) e Ritos Finais (RF). Em cada uma delas esclareceremos o porquê de sua existência e o significado litúrgico de cada rito; comentaremos com certo detalhe as palavras, os gestos e os principais aspectos dos ritos celebrados. Isso porque – segundo os critérios mais atualizados da ciência catequética – é fundamental que os cristãos compreendam o valor e o sentido litúrgico correto das partes constitutivas da celebração eucarística.

1. Ritos Iniciais

A Liturgia é obra da Santíssima Trindade. (Catecismo da Igreja Católica 1077-1112)

Tudo deve falar dele (Jesus), de sua Páscoa. Tudo deve nos levar a vê-lo, ouvi-lo, apalpá-lo. Tudo deve nos levar a acreditar nele, entrar em comunhão com ele e com o Pai, a ficar felizes e alegres por causa dele. (Ione Buyst)

Por que Ritos Iniciais (RI)?

Toda a assembleia se reúne como comunidade convocada pela três vezes admirável e amorosa Divindade, e se dispõe a ouvir atenta a palavra de Deus e a celebrar dignamente a Eucaristia (cf. IGMR 46). Por isso, a finalidade dos RI é fazer com que os fiéis, sentindo-se assembleia litúrgica convocada, tenham a experiência de estar em comunhão de fé e amor e, assim, se disponham a celebrar os mistérios pascais do Senhor que lhes deu vida nova em abundância.

Os RI constituem a assembleia litúrgica “num só povo em seu amor”, estreitando os laços da aliança e de comunhão fraterna em Cristo, conduzindo-a para que ela escute e adira à Palavra de Deus e celebre o sacramento da unidade.

Os RI – é bom lembrar – remetem aos Ritos Finais, pois neles a comunidade foi convocada para estar primeiramente com o Senhor e logo ser enviada em missão (cf. Marcos 3,14), para ser definitivamente sacramento de unidade e de salvação, mensageira de solidariedade, paz, justiça, transformação pascal, vida, salvação e aliança entre todos os povos e culturas.

Na verdade, os RI e os Ritos Finais da celebração eucarística expressam uma simples, porém profunda eclesiologia: o povo é convocado por Deus e reunido no amor de Cristo, na força do Espírito Santo. Assim reunido, pode celebrar a memória do mistério pascal para tornar-se cada vez mais autenticamente aquilo que todo batizado jamais poderá deixar de ser: corpo eclesial de Cristo, chamado a ser na sociedade sacramento de unidade para todo o gênero humano³².

Abertura feita pelo animador

O animador é a pessoa que “prepara o ambiente da sala para a ceia”. Ele deve falar pouco, pois, quando o povo está acostumado e educado para celebrar, sabe que os ritos da celebração não precisam ser explicados. Mas, se antes de começar a celebração ele perceber que a comunidade está um pouco agitada, pode propor prudentemente uns instantes de silêncio; pode colaborar com os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão e o ministério da música ensaiando algum refrão meditativo ou as músicas da celebração (por ex. o salmo responsorial). Nada de rezar Ave-Maria ou Pai-Nosso para fazer acontecer o silêncio. As orações não podem ser usadas com sentido funcional, ou

como instrumento para amordaçar alguém.

O primeiro momento de animação acontece antes do canto de abertura, a fim de criar um clima de recolhimento e oração. Estando tudo pronto, o animador convida todos para o canto dizendo: “Iniciemos nossa celebração cantando”. Só isso basta. Nada de “fiquemos de pé para cantar o canto de abertura e receber o presidente... e os ministros...”, nada de listagem de apresentação³³.

Canto de abertura

Como prelúdio à ação litúrgica, o animador anuncia o canto de abertura e toda a comunidade, em pé, acompanha cantando, como povo que festeja erguido e jubiloso sua Páscoa semanal. Não se diz “canto de entrada”, pois não é para receber (ou fazer entrar) ninguém – a assembleia já está reunida, pronta, dentro do espaço sagrado. Diz-se “canto de abertura” porque sua função é chamar à união dos corações pela fusão das vozes; tem por finalidade constituir e congregar a assembleia introduzindo-a no mistério que será celebrado. Por isso, o canto deverá estar em consonância com o ano litúrgico, o tipo de celebração e as características da assembleia, qual sinal sacramental da Igreja, corpo místico de Cristo. Quando a assembleia se reúne, deve se colocar em atitude de escuta, pois é o próprio Deus que vai falar. A comunidade toda se prepara para escutar a Palavra e participar da mesa eucarística.

Algumas citações bíblicas podem servir para refletir melhor sobre o tema: Josué 24,1-24, Neemias 8,1-3.9-12, Atos dos Apóstolos 2,42-47, 1Coríntios 11,17-19.20-29³⁴.

Beijo no altar

O presidente entra em procissão na abertura e chega ao presbitério onde realiza o primeiro gesto – por sinal muito bonito – de beijar o altar. Na liturgia tudo deve ser feito com muito amor, afeto e reverência para com a pessoa de Jesus Cristo. Ora, se ele é o altar verdadeiro, a vítima, sacerdote e altar de seu sacrifício, como diz a Carta aos Hebreus (4,14.13,10) (e nele cada cristão também é altar), será muito bonito saudá-lo com um beijo carinhoso no início e no fim do encontro da assembleia eucarística. Com este gesto, o presbítero que preside a celebração quer dizer à comunidade: “Existem muitas mesas no mundo, ao redor das quais as famílias se reúnem para as refeições: todas são boas, mas entre elas existe uma que deve ser louvada acima de todas: a mesa do Senhor, sobre a qual o Senhor, repetidamente, prepara e oferece sua misteriosa refeição sacrificial”³⁵.

Quem preside traça o Sinal da Cruz³⁶

A Santa Ceia vai começar; é importante ficarmos muito atentos. O presidente ergue seu braço direito para traçar o grandioso sinal da cruz, e o fará bem feito. Não um sinal precipitado, disforme, que ninguém sabe o que significa, mas um Sinal da Cruz bem

feito, lento, amplo, da frente até o peito, de um ombro ao outro. E os cristãos celebrantes, concentrados por inteiro, sentem que a cruz do Senhor abraça o corpo e a alma, que recolhe, consagra e santifica suas vidas. Pois esse sinal envolve todo o ser, pensamentos e vontade, coração e sentimentos, todas as atividades humanas. Nele tudo se fortalece, define e consagra pela força de Cristo, em nome do Deus Uno e Trino.

Com este gesto, o presidente, que é a voz da assembleia (o coração da assembleia está todo inteiro na voz de seu presidente), a constitui oficialmente. É como se dissesse: “Em nome da Trindade Santa, declaro constituída esta assembleia litúrgica”. E toda a assembleia expressa seu assentimento dizendo: amém!, assim seja! aprovamos! O povo chamado e convocado em assembleia pelo Senhor forma um só corpo místico para celebrar a divina Liturgia. Ele é tocado por seu amor misericordioso em todos os âmbitos de seu ser.

A cruz toca, abraça todo o ser do cristão. Esse toque tem um sentido muito profundo. Pelo mistério pascal (cruz e ressurreição), somos tocados pelo amor da Trindade. Já no primeiro século os cristãos marcavam a si mesmos com a cruz. Ao fazê-lo, é como se talhassem ou gravassem em todo o seu ser o amor com que Jesus Cristo os amou até o fim, morrendo por todos na cruz. Ao traçar sobre o cristão a cruz, burila-a em toda a amplitude de seu corpo. Ao fazer o Sinal da Cruz, assegura e antecipa aquilo que celebra na Eucaristia: isto é, tocado pelo amor de Cristo, assinalado pelo seu amor, nada nele ficará excluído do envolvente mistério redentor.

Diante do Sinal da Cruz, os cristãos calam e se ajoelham interiormente. A cruz simboliza a doação total, o coração transpassado e o sangue do Senhor derramado injustamente, noite sombria da dor e do abandono, silêncio de Deus. Traçar a cruz lentamente é demonstrar adesão e fé em Jesus servidor até a morte por causa da justiça e da compaixão misericordiosa. É reconhecer enfim que, em última instância, a salvação “pende da árvore da cruz” (cf. *Missal Romano: Rito de Adoração à Cruz na Sexta-feira Santa*).

Breve introdução feita pelo animador

Este, com breves palavras, expõe o sentido litúrgico e introduz a comunidade no mistério a celebrar. Pode também nesse momento recordar os fatos importantes da caminhada comunitária.

É muito importante acolher com carinho as pessoas no início da celebração, particularmente as mais simples, porque nelas Cristo se manifesta de especial modo (cf. Tiago 2,1-6a; Mateus 18,20). É bom apresentar também as pessoas que estão visitando a comunidade pela primeira vez ou aquelas que estão de passagem, visitando familiares, amigos ou a trabalho. Podem-se apresentar também os pais que pediram o Batismo para seus filhos, os noivos que estão se preparando para o casamento, as crianças que irão celebrar a Primeira Eucaristia; as pessoas que irão assumir ministérios na comunidade: os catequistas no início do ano, os ministros extraordinários da comunhão eucarística

quando iniciam seu ministério, as pessoas e as equipes das diversas pastorais etc.³⁷

Saudação do presidente da celebração

A Igreja, realidade humana e divina, reúne-se como família do Pai do Céu, como corpo de Cristo. Por isso, nas celebrações que essa família realiza, deve haver alguém que a presida, para representar a cabeça desse corpo que é Jesus Cristo, e assim garantir a realização e o desenvolvimento orgânico da assembleia.

O presidente, que faz as vezes de Cristo-Cabeça de um corpo/assembleia, que deseja celebrar a presença de Cristo Bom Pastor, acolhe a todos em sua casa com palavras presidenciais: “O Senhor esteja convosco” ou outras semelhantes propostas nos textos litúrgicos. Assim, ele acolhe as pessoas da assembleia – se possível fora – com o tamanho do coração do Pai; saúda a todos com carinho, conduzindo-os para uma particular disposição espiritual³⁸.

Ato Penitencial

Reunida para celebrar o memorial da Páscoa de Jesus, a assembleia aproxima-se de Deus com coração humilde e confiante. Ao cantar ou rezar: “Senhor, tende piedade de nós”, deve experimentar a pobreza e a necessidade do perdão mútuo na presença de Deus, rico em misericórdia. É claro que a oração e o louvor devem brotar do reconhecimento da bondade do Senhor, e não porque o cristão os mereça. O “Senhor, tende piedade de nós” da liturgia faz desabrochar no coração a súplica típica do pecador que se sente amado e perdoado; que avalia o caminho da santidade como dom gratuito do amor e como um milagre da graça. Faz saborear a misericórdia derramada por Deus, mais como manifestação de seu amor do que por sua justiça. Por isso, o Senhor convida o cristão a vencer sua autossuficiência que, por vezes, paralisa e esvazia a força da missão evangelizadora a ele confiada.

Seria muito prejudicial à natureza da celebração descaracterizar o rito penitencial inserido nela o sacramento da Penitência. O Ato Penitencial é um apresentar-se pequeno, indigno e limitado diante da grandeza de Deus, reconhecendo assim sua inesgotável misericórdia. Por causa disso, é importante evitar atos penitenciais prolongados e inoportunos descrições de pecados (tais como exames de consciência)³⁹.

Glória a Deus (hino de louvor)

Estamos diante de um venerável hino de caráter cristológico e pascal. Pode-se dizer que a força do louvor se inicia bíblicamente com o louvor dos anjos na noite do Natal do Menino Jesus (cf. Lucas 2,10-13). A nota dominante é o júbilo do louvor, confiante e alegre. Deve-se estar atento a esse fato na escolha dos cantos para o momento do Glória. Não poderá ser substituído por um simples canto. O ideal seria cantar o próprio texto, tal como foi transmitido desde a Antiguidade; e não esqueçamos que, como hino, deve ser

cantado por toda a assembleia, ou então, alternando a assembleia em dois coros, ou assembleia e coro. Os hinos não são recitados; a opção de recitá-los cabe somente quando não houver a possibilidade de cantá-los. Pelo fato de ser o Glória um hino festivo, é próprio para ser cantado em tempo de Páscoa ou Natal, em festas e solenidades da Igreja. Não será executado nos tempos litúrgicos do Advento e da Quaresma, por serem estes considerados penitenciais.

Eis uma proposta catequética para ensinar e praticar frequentemente na catequese: insistir em cantarolar o hino ao longo do dia. Deixar que penetre na mente e no coração, e que inspire as orações individuais. Cantando com prazer e devoção, expressar a fé em Jesus Cristo aclamando-o: “Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. Só vós sois o Santo, só vós sois o Senhor, só vós sois o altíssimo, Jesus Cristo”⁴⁰.

Oração Coleta

Este é o principal, último e único elemento ritual dos RI que nunca pode faltar ou omitir-se. Expressa a união da comunidade e sua relação com o Senhor. Liga-se também, ainda que sinteticamente, ao sentido da festa ou do tempo litúrgico (cf. IGMR 54). Começa com o convite do presidente à comunidade: “Oremos”. Segue-se um momento de silêncio, para a oração pessoal, para que cada um se conecte com o Senhor. Depois da invocação, dirigida ao Pai: “Ó Deus”, segue-se a anamnese (memória), que destaca a ação de Deus em favor da assembleia, ou uma qualidade divina que favorece seu povo (por exemplo, “que pelo mistério da festa de hoje”). A seguir vem a súplica (ou elemento epiclético, de invocação): “derramai por toda a extensão do mundo”, e finalmente a intercessão: “por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo”. E toda a assembleia responde agradecida: “Amém”.

A Oração Coleta é a súplica do povo sacerdotal que se abre ao diálogo da aliança e ao rito eucarístico. É uma oração presidencial, precedida de um silêncio significativo, que integra a ação da assembleia à do ministro que preside. Chamada *Coleta*, do latim *colligere* (sua origem está na liturgia gálica, das Gálias cristãs das origens ao século IX), coloca a assembleia reunida, em silêncio, diante do Deus que a convocou. O silêncio do presidente é um convite a que toda a assembleia se sinta reunida ao redor do mistério que se celebra nesse dia. Há de se prestar muita atenção porque, nesse momento, o presidente da celebração, antes de rezar ou cantar a Oração Coleta, diz “Oremos!”, e fica um breve tempo sem nada mais dizer; convida assim a assembleia a acompanhá-lo num instante de silêncio total. Convite a silenciar o espírito, a mente e o coração; silenciar a gritaria e o barulho do mundo lá fora para tomarmos consciência de que agora estamos fazendo algo bem diferente daquilo que fazemos corriqueiramente; algo muito mais importante do que todas as outras atividades juntas. Isto é, o cristão é convidado a rezar colocando toda sua vida, com tudo o que ela tem de importante, diante do Senhor: agora isso, agora mesmo, deve-se deixar tudo o mais de lado. Agora, só uma coisa é importante: o meu (nosso) Deus vivo, com quem eu (nós) quero (queremos) falar.

Esta importante oração compõe-se de três elementos:

- O convite à oração: é uma herança do judaísmo. Os grandes momentos de oração da assembleia eram precedidos de um convite. Este convite é um apelo que contém em si o que vai acontecer. Coloca a comunidade em oração.
- O silêncio: possui duas funções. Permite aos fiéis tomarem consciência de que estão na presença de Deus e dá tempo para que cada um exprima para si mesmo o sentido da festa que está celebrando.
- O corpo da oração: divide-se em quatro elementos. *Invocação*, quase sempre acompanhada de uma consideração (“que fizestes resplandecer...”) – na liturgia romana a oração é sempre dirigida ao Pai; *pedido*, motivo fundamental da súplica, que flui do conteúdo da festa ou do tempo litúrgico; *conclusão*, mostra de que a oração é feita por Cristo no Espírito Santo; e *Amém*. Com o *Amém*, o povo se associa à súplica presidencial e se apropria da oração (IGMR 54). É como se dissesse a quem preside: o que acabas de dizer a Deus, como nosso intercessor e representante, é também nossa prece⁴¹.

2. Liturgia da Palavra

A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como venerou o próprio corpo do Senhor, porque, de fato, principalmente na sagrada Liturgia, não cessa de tomar e entregar aos fiéis o pão da vida, da mesa tanto da palavra de Deus como do corpo de Cristo. (*Dei Verbum* 21)

Em cada Missa, a Liturgia da Palavra é o momento de iluminação, de esclarecimento do mistério que se está celebrando. (Vitor Galdino Feller)

(Na Liturgia da Palavra) não se trata de reviver o amor de Jesus reproduzindo-o exteriormente, mas de reinventar esse amor em cada nova geração, fazendo do ontem de Jesus o hoje de sua comunidade. (Johan Konings)

Por que Liturgia da Palavra (LP)?

Deus reúne o povo em assembleia para dialogar e lhe comunicar seus mistérios e segredos de vida e amor; a boa notícia que o faz viver livre, fraterno e feliz.

A palavra de Deus impregna, perpassa e semeia todas as celebrações da Igreja. Se algum dia, por absurda hipótese, fosse retirado tudo o que é Palavra de Deus das celebrações, não restaria muita coisa. Essencialmente as celebrações litúrgicas estão impregnadas da Palavra de Deus, e não poderia ser de outra maneira, pois justamente as celebrações alimentam permanentemente a fé das comunidades. De domingo a domingo, o povo é alimentado pelo Senhor com o pão da Palavra, a qual revela seus mistérios e comunica sua força transformadora.

A Palavra de Deus na Liturgia está presente como elemento explícito, isto é, toda celebração comporta algum tipo de proclamação da Palavra. Dela se extraem textos para leitura, a explicação da homilia e os salmos para cantar. De seu espírito e de sua inspiração nascem orações, preces e hinos litúrgicos; dela os sinais e ações tiram seus significados (por exemplo, olhando o círio pascal, lembramos do Apocalipse 21,6; as flores e os frutos, do Cântico 1,14). A Palavra transforma, enche de vida a comunidade e a recria com sua força renovadora. A Palavra articulada com o Rito Eucarístico (parte sacramental da Missa) realiza uma unidade perfeita, em que o mistério anunciado se faz presença e atuação nos dons apresentados, na ação de graças sobre esses mesmos dons, no gesto de partir o pão e nos dons santificados para serem distribuídos e comidos. Assim a Palavra, que numa mesa é anunciada, noutra se faz corpo na comunhão dos fiéis.

A palavra de Deus entra pelo ouvido e desce até aquecer o coração. É uma espada iluminada que separa as trevas da verdade. Nas leituras bíblicas explicadas pela homilia, Deus fala a seu povo manifestando-lhe o mistério da redenção e da salvação, e oferecendo-lhe um frutuoso alimento espiritual. O mesmo Cristo Jesus se faz presente na comunidade por meio de sua Palavra. Assim, a Palavra de Jesus ressoa nos corações e

os vivifica à luz do Evangelho. Na homilia, na pessoa e nas palavras do presbítero, Jesus anuncia seu projeto de amor e confirma seus ensinamentos, que chegaram íntegros até hoje pela ousadia missionária dos apóstolos.

Deus fala ao povo primeiramente nos acontecimentos, onde se realiza sua Páscoa-vida. Agradecido, o povo celebra reconhecendo neles sua ação amorosa. A vida, portanto, deve ser o primeiro livro a ser lido, esclarecido e interpretado nas celebrações.

A Palavra na Liturgia, como a própria comunidade que se reúne, é em primeiro lugar *sacramento* de Deus e de seu mistério. A palavra sacramento traduz o termo grego *mistério* e assume, no vocabulário teológico cristão primitivo, o sentido de um sinal que nos faz crescer interiormente e penetrar em uma realidade maior. Como diz Hebreus 4,12:

Porque a palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até a divisão da alma e do corpo, das juntas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração.

Deus fala também nas Sagradas Escrituras (cf. SC 7). Palavra, canto, silêncio e gestos constituem as ações simbólicas do Rito da Palavra que têm na proclamação do Evangelho seu ponto alto. Por meio de quem preside, da pessoa que faz a homilia (homiliasta), Deus vai desvendando, dando um novo olhar sobre a vida, ajudando a interpretar a realidade, levando os cristãos a interpretar e a aderir com renovado ardor à boa nova do Reino.

Deus fala também por meio das ações corporais dos ministros e ministras: gestos, tom de voz, postura e atitudes diante da mesa da Palavra, do livro, de sua maneira de olhar e se dirigir à assembleia. A humildade, a convicção e o compromisso do ouvinte da Palavra possibilitam uma eficaz comunicação de Deus com seu povo reunido.

Assim, fica claro que a finalidade da LP é reavivar o diálogo da aliança entre Deus e seu povo, receber luminosas orientações para a vida e estreitar entre seus membros laços de amor e fidelidade. Nesse diálogo, a atitude do cristão é de escuta atenta e amorosa, para que Deus possa falar dentro da realidade bem concreta da vida. E também de resposta, de acolhimento sincero, de adesão consciente, de decisão convicta e de conversão, para que a Palavra possa dar frutos duradouros.

Assim, toda a LP torna-se um diálogo amoroso e comprometedor entre Deus e seu povo, animado pelo Espírito Santo. O Filho de Deus, Palavra viva do Pai, o próprio Cristo, se torna carne em cada cristão para continuar sua ação salvadora entregando sua vida para a transformação do mundo.

É importante salientar a ligação das duas mesas: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. Na verdade, são dois momentos e um só encontro vivo, vital e celebrativo. Os dois momentos ajudam os cristãos a viver um único encontro com a mesma pessoa: Jesus Cristo. Como aos discípulos de Emaús, primeiro fala, conversa sobre a vida à luz das Sagradas Escrituras e depois preside a Fração do Pão na Liturgia Eucarística. Sendo que a palavra de Deus é sempre acontecimento, ação concreta em favor da vida, da

libertação, da salvação de seu povo, é celebrada e festejada constituindo um só ato de culto com o Rito Eucarístico.

A Liturgia da Palavra forma um só corpo com a Liturgia Eucarística; é preparada pelos Ritos Iniciais e concluída pelos Ritos Finais. São duas partes centrais da Missa. São momentos distintos, mas inseparáveis, intimamente ligados entre si. Os dois realizam juntos um só ato de culto e ajudam a comunidade a viver um único e insuperável encontro com a pessoa de Jesus. Participamos, assim, de duas mesas onde nos é oferecido o Pão da Vida: Jesus no mistério total de sua Páscoa, como alimento de nossa caminhada.

Toda a LP se dá em torno da mesa da Palavra. A mesa eucarística (altar) deve ser usada somente para o rito da Eucaristia. As duas mesas merecem igual importância. Assim como o altar, a mesa da Palavra deve ocupar no espaço celebrativo um lugar de destaque, para ser vista com facilidade pela assembleia.

O primeiro elo entre as duas mesas é a homilia. Ela deve fazer “abrasar os corações” (cf. Lucas 24,32) ao apontar o sentido profundo dos acontecimentos da vida e projetar sobre eles a luz da Ressurreição. Aquecidos e iluminados, entramos na Liturgia Eucarística para selar o encontro com o Senhor. Todo o rito litúrgico, portanto, é resposta imediata à profissão de fé na pessoa de Jesus e seu projeto sacramentalmente proclamado. E, ao mesmo tempo, já é a oferta de salvação, resposta imediata que o Pai dá às preces feitas no final da LP.

O segundo elo entre as duas mesas é o Prefácio: numa alegre louvação, retomamos o que o Senhor realizou a favor do povo e foi proclamado na LP.

O terceiro elo entre as duas mesas é o canto de comunhão. Enquanto se comunga do pão eucarístico, canta-se, renovando o compromisso feito no diálogo com o Senhor, na LP. Aliás, este é um dos melhores critérios para a escolha dos cantos de comunhão⁴².

Eu lhes pergunto, irmãos e irmãs, digam o que, na opinião de vocês, tem mais valor: a Palavra de Deus ou o corpo de Cristo? Se quiserem dar a resposta verdadeira, certamente deverão dizer que a palavra de Deus não vale menos que o corpo de Cristo. E por isso, todo o cuidado que tomamos quando nos é dado o corpo do Cristo, para que nenhuma parte escape de nossas mãos e caia por terra, tomemos este mesmo cuidado para que a palavra de Deus, que nos é entregue, não morra em nosso coração enquanto ficamos pensando em outras coisas ou falando de outras coisas; pois aquela pessoa que escuta de maneira inteligente a palavra de Deus não será menos culpada do que aquela que, por negligência, permitir que caia por terra o corpo de Cristo. (Cesário)

Entrada da Palavra de Deus (facultativa)

O povo fica de pé e festeja a Palavra viva de Deus que vem chegando. É muito bonito acompanhar essa entrada com um canto que provoque atenção e exultação pela chegada da Palavra, que introduz a assembleia nos tesouros do coração do Pai. Pode-se pensar assim: “Graças a Deus que, entre os milhões de livros de que dispomos, temos este no qual o próprio Deus nos fala sempre de novo. É a carta de nosso Pai do céu para

seus filhos e filhas que ainda estão a caminho do céu”.

É bom esclarecer que é correto dizer: “entrada do Livro da Palavra” quando se entra com os Lecionários (foram publicados três: o Dominical, o Semanal e o Festivo), e “entrada com a Palavra de Deus” ou “entrada com as Sagradas Escrituras”, quando, de fato, se entra com a Bíblia.

As três (ou quatro) leituras

A reforma litúrgica promovida pelo Concílio reformulou completamente o roteiro das leituras utilizadas nas celebrações. Para as Missas dominicais foram estabelecidas três leituras: a primeira do Antigo Testamento, a segunda do Novo, e o Evangelho (ponto culminante da LP). Não se pode esquecer, porém, que entre as duas primeiras leituras se entoa o Salmo responsorial, também um texto bíblico. Portanto, a LP tem quatro leituras.

As leituras foram organizadas em três ciclos diferentes, desenvolvidos por meio da leitura continuada dos evangelhos sinóticos: Ano A, evangelho de Mateus; Ano B, evangelho de Marcos (com a inserção de João 6 entre o 17º e o 21º : domingo do Tempo Comum); Ano C, evangelho de Lucas. Para as missas nos dias de semana, dois ciclos: Ano Par e Ano Ímpar.

Todo este conjunto tem como centro permanente o mistério pascal, acentuado no Tríduo Santo e no tempo pascal, que colhe suas leituras do evangelho de João (nos três anos). Mas, o mistério pascal é também a dimensão principal de cada celebração eucarística, durante o ano todo. Podemos dizer, pois, que “o mistério pascal é a fonte dominante, cujas vertentes alimentam toda a paisagem da Liturgia dominical” (Johan Konings).

Assim, há maior quantidade e variedade de textos bíblicos para serem utilizados com criatividade. O povo vai escutar atento, sentado, para permitir que o bom Deus faça ressoar serenamente sua voz nos corações, dentro do contexto da vida atual, com suas alegrias e problemas, conflitos e tensões. Ela deve penetrar no interior de cada cristão, iluminar e julgar sua consciência e seus atos (cf. Hebreus 4,12-13). É importante salientar – nisto nunca se insiste o bastante – que a força evangelizadora da leitura vem de Jesus Cristo Ressuscitado, presente na Palavra de Deus, como enfatizava Santo Agostinho: “Quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja, é Cristo mesmo quem fala” (cf. SC 7).

Concluimos que exercer o ministério de leitor é colocar-se a serviço da Palavra como porta-voz do Senhor para a edificação da comunidade. Para desempenhar dignamente esse ministério, os leitores deverão ter para com seus irmãos os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Filipenses 2,5).

Agora, alguns conselhos para exercer com idoneidade esse precioso ministério:

- Faça uma leitura atenta do texto. Sintonize-se com ele, isto é, reconheça-se dentro

dele, identifique-se com os personagens ou com a situação narrada no texto.

- Pergunte-se: qual é a mensagem de Deus para a comunidade nesta passagem bíblica?
- Esclareça as palavras difíceis. Pergunte a quem pode ajudar, ou troque-as por equivalentes, conhecidas pelos ouvintes.
- Descubra de que tipo de leitura se trata: uma carta, uma oração, um salmo, uma parábola, a história de uma viagem, uma profecia, enfim. Saiba que cada tipo de leitura exige um tom de voz, que combine com os sentimentos expressos pelo texto.
- Finalmente, cuide da dicção e pronuncie bem cada palavra, cada sílaba. Faça da leitura uma forma especial de oração e meditação.

É bom lembrar que os leitores e leitoras não estão aí para ajudar o padre; eles assumem um ministério próprio. Atuam a partir de seu sacerdócio de batizados. Não trabalham por conta própria, mas como representantes de Cristo e animados por seu Espírito. Exercem um ministério comunitário e eclesial a serviço dos irmãos e irmãs reunidos em assembleia.

Por favor, não diga: “fazer a leitura”. Trata-se de “proclamar” a Palavra. Proclamar a Palavra é um gesto sacramental. O leitor coloca-se a serviço de Jesus que, por meio dessa proclamação, de sua voz, de sua comunicação, quer falar pessoalmente com seu povo reunido. Por isso, é mais do que necessário preparar muito bem as leituras: a caridade comunitária o exige.

Finalmente, é bom levar em conta as observações da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia sobre as elucidações apresentadas para introduzir a Liturgia da Palavra. Esta comissão insiste em que, para preparar e dispor os fiéis a ouvir atentamente as leituras, se faça apenas um comentário. Assim, não mais se apresentará separadamente um comentário para cada uma das leituras. Razão disso é para que a Palavra proclamada não seja interrompida ou intercalada com comentários ou explicações que quebram sua unidade e o ritmo da celebração. As explicações e as atualizações da Palavra deverão ser feitas em seu local próprio, a homilia⁴³.

Salmo de resposta

Os salmos ocupam um espaço bastante significativo na Liturgia cristã. Foram novamente introduzidos pela renovação litúrgica conciliar, depois de treze séculos de omissão. Recuperaram, assim, seu espaço como canto após a primeira leitura da LP.

O salmo responsorial (chamado assim na celebração litúrgica) é a resposta à primeira leitura em dois sentidos: a) porque o povo responde com um refrão aos versos cantados pelo salmista; b) porque o salmo é escolhido de acordo com a primeira leitura e de alguma maneira a ecoa. Tem valor de leitura bíblica e não pode ser substituído por um canto qualquer. Como consta no Saltério bíblico, temos salmos variados: de louvor, de súplica, de lamentação etc. Por isso, nem sempre são de meditação como, às vezes,

ouvimos falar.

Os salmos na celebração litúrgica participam da função memorial de toda a Liturgia. Fazem parte da ação ritual, objetiva, que expressa e faz acontecer a salvação. Eles são revelação, profecia de Cristo, do Espírito Santo, da Igreja e do Reino, celebração do mistério pascal. São, enfim, pedagógicos (ensinam a rezar) e mistagógicos (introduzem no mistério); operam a transformação pascal. Por isso, devem ser ouvidos e cantados prestando-se atenção à letra e à música, e relacionando-os com as leituras ouvidas, com a vida pessoal e social, sempre direcionados e tendo como ponto de referência Jesus Cristo.

É correto dizer que o salmo responsorial constitui a *quarta leitura* da celebração dominical. Por sua natureza e estrutura literária, ele é essencialmente lírico e poético, e deverá por isso ser proclamado de modo diferente das outras leituras; será executado como uma leitura cantada. Mesmo que seja tradicionalmente um prolongamento meditativo e orante da primeira leitura, é certamente integrante da LP.

A tradicional execução do salmo responsorial é dialogal: o povo responde com um curto refrão aos versos sálmicos cantados por um solista. O ambão é o lugar adequado de onde o salmo deve ser cantado ou proclamado.

Salmodiar é uma arte; é preciso aproveitar e cultivar o dom que Deus deu a certas pessoas de utilizar a voz de forma adequada, com boa dicção, apoiando-as para que compreendam bem as melodias dos salmos e saibam harmonizá-las com os instrumentos musicais que eventualmente acompanhem a salmodia⁴⁴.

Cântico de aclamação ao Evangelho

Os cristãos se preparam, de pé, como dignos herdeiros da ressurreição, para escutar Jesus que vai falar. As palavras do Senhor querem ser luz e verdade para aqueles que se sentem chamados a ser discípulos e corajosos mensageiros de sua boa notícia: Deus em Jesus está no meio da gente. O profeta de Deus visita continuamente seu povo.

Proclamação do Evangelho

Jesus Cristo é a grande presença, ativa e forte, que perpassa nossos olhares, nossos movimentos, nossas palavras, nossos cantos, o lugar da celebração, nossas ações simbólicas. Presença velada, mas que re-vela, des-vela, des-venda. Presença silenciosa, mas que faz vibrar e palpitar o coração da gente: “Vocês nunca viram Jesus, e, apesar disso, o amam; não o veem, mas acreditam. E, por isso, sentem alegria extraordinária e gloriosa” (1Pedro 1,8). (Buyst, *Liturgia, de coração*, p. 37)

A proclamação do Evangelho constitui o ponto alto da LP. A própria Liturgia ensina que a ela se deve manifestar a maior veneração, uma vez que circunda este rito, mais do que os outros, de uma especial honorabilidade, tanto por parte de quem preside a proclamação, que se prepara com uma oração prescrita, quanto por parte dos fiéis que, por aclamações festivas, reconhecem e professam que o Cristo está presente e deseja

falar a eles.

Observe-se que, durante as leituras e a salmodia, o povo fica sentado em atitude de escuta. De repente, para a aclamação ao Evangelho, o povo é convidado a ficar de pé, prestes a ouvir Jesus que vai falar... Quem preside exclama: “O Senhor esteja convosco!” e, enquanto anuncia a leitura do Evangelho a ser proclamado e quem é o evangelista escritor, traça devagarzinho uma cruz na frente, uma na boca e uma no peito, gesto que todos também realizam. No final de tão gostosa leitura, acontece ainda um gesto especial: diante de todo o povo, ele beija carinhosamente o santo Livro.

Por que a Liturgia acompanha com esses gestos a leitura do Evangelho? O Evangelho é a única leitura na qual o próprio Jesus fala direto aos corações. Portanto, ficar de pé é já uma atitude de respeito por nosso Senhor; com três cruzes, nos purificamos e assinalamos com a vitoriosa cruz de Jesus, para nos lembrarmos do Batismo, daquele glorioso dia em que começamos a pertencer ao Deus vivo de corpo e alma, pensamentos, palavras, afetos e sentidos.

Os Evangelhos e toda a Palavra de Deus não são apenas relatos de acontecimentos do passado, notícias de um evento que já se realizou e que não volta mais. Pelo contrário, o Cristo Ressuscitado torna-se contemporâneo e se insere, hoje e sempre, em toda pessoa na dinâmica salvífica do Evangelho. Assim, quando lemos ou ouvimos esta ou aquela passagem evangélica, recebemos, além de um testemunho antigo, uma palavra forte que pede para hoje uma adequada resposta/realização ⁴⁵.

A respeito do beijo. Falar em beijar é falar de Amor (ver o que foi tratado sobre o beijo na Primeira Parte deste trabalho). Assim como, em muitas ocasiões, manifesta-se o amor beijando pessoas ou objetos estimados e amados, da mesma forma o beijo no livro do Evangelho está ligado ao amor pelas Sagradas Escrituras e, nelas, muito mais quando se trata da palavra de Jesus. O Evangelho é uma declaração de amor que Jesus, a cada domingo, prepara para a comunidade. Não só o Pai fica feliz com esta declaração, mas também todos os que estão reunidos em seu nome. Então, quando o padre beija o Evangelho, o livro de Jesus, podemos fechar os olhos e acompanhar o gesto, beijando-o também no íntimo do coração.

Ao resgatar a Palavra como alimento, o Concílio retomou o ensinamento da tradição primitiva cristã. Encontramos abundante testemunho nos Santos Padres de que a Sagrada Escritura é a presença de Deus no meio do povo; especialmente a Palavra do Evangelho é a presença viva de Jesus Cristo, Filho Amado de Deus no meio do povo [cf. DV 21]. Assim, Inácio de Antioquia [+107] pôde escrever: “Busca refúgio no Evangelho, como na carne de Jesus”. Também São Jerônimo (347-419/420): “Quanto a mim, penso que o Evangelho é o corpo de Cristo e que a Sagrada Escritura é sua doutrina. Quando o Senhor fala em comer sua carne e beber seu sangue, é certo que fala do mistério (da Eucaristia). Entretanto, seu verdadeiro corpo e seu verdadeiro sangue (também) são as palavras da Escritura e sua doutrina”. E ainda Orígenes (185-252/254): “Como Cristo veio escondido no corpo... assim também toda a Sagrada Escritura é sua incorporação”.

Mais tarde, Santo Agostinho (354-430) vê na Sagrada Escritura uma encarnação permanente do Filho de Deus: “O verdadeiro Cristo está na Palavra e na carne”⁴⁶.

Homilia

Um grande profeta surgiu entre nós: Deus voltou os olhos para o seu povo (...) (Jesus) era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo. (Lucas 7, 16b.24, 19b)

A homilia é um ato litúrgico que faz ponte entre a Palavra anunciada e a Palavra celebrada. (Paul de Clerck)

A homilia é a leitura pascal da vida. (Reginaldo Veloso)

O termo grego *homilia* – *de homiléo* – reflete a experiência humana de estar em companhia, de ajuntar-se, de conversar, de ter e estar num relacionamento profundo de proximidade, de frequentar a companhia de amigos.

A maioria das pessoas já se acostumou à palavra *homilia*. É um termo que sugere, sobretudo, a ideia de uma conversa familiar: não é discurso, nem aula, nem palestra. O objetivo da homilia é, antes de tudo, encorajar, animar, exortar, consolar (cf. Atos 13,14-42). Quando a homilia consegue revelar, pela Palavra de Deus esclarecida, o mistério de Jesus Cristo à pessoa e à comunidade, ligando-os mutuamente ao mistério celebrado, ela alcançou uma de suas mais importantes finalidades. A homilia profundamente inserida na ação litúrgica deve estar cercada de oração, de contemplação, de mistério, de clima de fé.

A homilia tece harmoniosamente uma profunda relação entre a Bíblia e a celebração da vida; diálogo amoroso entre Deus e o povo. Diálogo fraterno, continua o assunto da conversa que Deus vem tendo conosco pelas leituras e fatos da vida. Estabelece um elo entre a proposta de Deus e a resposta da assembleia. A homilia é ação simbólica, assim como cada momento da Liturgia da Palavra. “Cristo está presente em sua Palavra quando na Igreja se lê e comenta a Escritura” (SC 7). A comunidade é levada a vivenciar a experiência dos discípulos de Emaús, que sentiram o coração arder quando, pelo caminho, Jesus lhes falava e explicava as Escrituras (cf. Lucas 24,32s).

Como na Liturgia sempre se revela a ação da Trindade, também na homilia há uma dimensão trinitária. A Liturgia é *opus Trinitatis* (obra da Trindade). O Pai revela e envia o Filho; o Filho revela e envia o Espírito Santo. O Espírito Santo, por sua vez, revela, faz conhecer melhor o Filho e conduz para ele; o Filho vai levando a um conhecimento sempre maior do Pai e a ele conduz.

A homilia deve tratar da pessoa de Jesus Cristo, de toda sua vida e missão; do Reino de Deus que está crescendo e renovando toda a humanidade, toda a criação; da comunhão com o Pai, por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo.

O povo fica sentado para escutar, como Maria de Betânia aos pés de Jesus, as palavras iluminadoras do Mestre (cf. Lucas 10,38-42). O gesto de sentar-se neste momento significa predispor toda a pessoa a uma atitude de abertura e atenção interior para tudo aquilo que é ensinado (cf. IGMR 21).

A homilia não pode ficar apenas em nível de comunicação. Os fiéis, já iniciados na fé cristã e no seguimento de Cristo, não se reúnem em assembleia eucarística para se conhecerem melhor, e sim para mais se amarem mutuamente. A homilia deve levar o cristão a uma participação ativa e consciente na Eucaristia, a uma união profunda com Jesus, para poder viver de acordo com a fé professada (cf. SC 10) e, ao longo da vida, ir realizando sua páscoa em comunidade. Aos poucos, vai plasmando em si mesmo os traços de Jesus, sua maneira de ser, pensar e agir. Aos poucos, mergulha na comunhão da Trindade Santa, no próprio mistério de Deus. Mas há outro elemento que deve ser levado em conta: as circunstâncias concretas da vida e as necessidades dos ouvintes. O texto lido a cada três anos é sempre o mesmo; porém, ouvido e interpretado a partir da realidade atual, ganha um novo rosto, um novo sentido. Será um rosto diferente, um sentido diferente para cada comunidade celebrante⁴⁷.

É importante não omitir em homilia alguma estes três elementos: o elemento exegético, ou a interpretação da mensagem da Sagrada Escritura proclamada na Liturgia da Palavra; o elemento vital, ou aplicação e atualização da mensagem à vida da comunidade e de cada um dos que a integram; e o elemento litúrgico, ou aplicação da mensagem à celebração litúrgica e à assembleia que celebra.

É claro que não basta simplesmente explicar os textos bíblicos. É preciso interpretá-los a partir da realidade, atualizá-los na vida concreta da comunidade celebrante tendo como referência o mistério de Cristo. A homilia é o momento em que a comunidade expressa e firma seu compromisso com o Senhor, como parceira da Aliança estabelecida aos pés do Sinai, quando Deus propôs ao povo de Israel: “Agora, pois, se obedeceres à minha voz, e guardardes minha aliança, sereis o meu povo particular entre todos os povos (...)E todo o povo respondeu a uma voz: Faremos tudo o que o Senhor disse (Êxodo 19,5-8).

É importante salientar que a homilia deve ter também uma dimensão mistagógica; isto é, conduzir *para dentro do mistério*. Ela deve contribuir para que a comunidade celebrante penetre profundamente no rito em andamento e retome de maneira nova sua fé. Assim, em cada celebração, sempre novamente, somos introduzidos no mistério da fé e das múltiplas e diversas maneiras como Deus se manifesta na atualidade. É certo que, para poder orientar a homilia nessa dimensão mistagógica, o presbítero e o ministro extraordinário da Palavra (que recebeu da Igreja tal ministério) precisam cultivar em suas vidas essa relação de gratuidade com a Palavra, ser praticantes assíduos da leitura orante e leitores contemplativos que percebam, em todos os momentos da vida, sinais e migalhas da Palavra viva que o Pai envia à terra, como a neve que se espalha como lã (cf. Salmo 147,15-16).

Enfim, que se pode esperar de uma homilia? Que ajude os cristãos a situar as leituras em seu contexto histórico, vivencial, sociopolítico e cultural. Isso mesmo! Afinal, a Palavra de Deus veio encarnada em determinadas situações, e é preciso conhecê-las para compreender as leituras. Agora, a homilia não existe só para fazer compreender melhor

as leituras; é preciso ainda que os textos escritos antigamente venham a cair no chão da vida pessoal, comunitária e social dos cristãos hoje. Portanto, é legítimo esperar que a homilia abra uma ponte entre ontem e hoje, entre a experiência vivida pelo povo de Israel ou pelas primeiras comunidades cristãs e a experiência das comunidades atuais.

O homiliasta é ministro da Palavra. Essa Palavra é Jesus Cristo, que quer falar pela boca de seu ministro. E a fala dele nunca é neutra nem apenas informativa. Sempre é boa-nova a alegrar o coração da gente. É apelo que arranca a gente do torpor, da rotina, da mesmice, do egoísmo, da lerdeza... E assim deve ser a palavra do homiliasta. Como ficar indiferente diante de Jesus Cristo que me fala, aqui e agora, pelo ministério dos leitores e daqueles que partilham a Palavra? Durante as leituras, tento prestar atenção como se nunca as tivesse ouvido antes? O Espírito Santo, presente ativamente na comunidade reunida em nome de Jesus, me faz recebê-las como Palavra do próprio Cristo dirigida a mim, aqui e agora, dentro do contexto de minha vida pessoal, eclesial e social. As palavras vão caindo no solo fértil da minha mente e do meu coração. Elas não são dirigidas somente a mim, mas a toda comunidade reunida como um só corpo, uma só pessoa. Gratidão, alegria e louvor; comunhão, resistência, arrependimento e pedido de perdão; clamor, intercessão, compromisso, relutância e adesão... estas e tantas outras respostas podem ocorrer durante a proclamação e pregação da Palavra⁴⁸.

Muita atenção aos “nãos” da homilia:

Não é aula: é comunicação pessoal.

Não é exegese: é interpretação e atualização do texto para nossa educação na fé.

Não se refere somente a Deus, mas sim ao ser humano integral e à comunidade.

Não é prioritariamente moral: é querigma evangélico.

Não dá ênfase aos problemas, mas sim ilumina a existência humana.

Não são ideias abstratas, senão símbolos e sentimentos referentes à vida cristã.

Não é pregação de uma ideologia pessoal, mas luz para o seguimento de Jesus Cristo. (cf. BOGAZ-SIGNORINI, *A celebração*, p. 86-87)

Profissão de Fé

Aos domingos, em dias de festa e solenidades, os fiéis, após a homilia, professam sua fé rezando o Credo (Creio em Deus Pai) ou Profissão de Fé. O Credo não é um canto nem um texto comunitário, e sim uma profissão de fé individual, tomada emprestada da

celebração do Batismo. Foi introduzida na celebração eucarística por volta dos anos 500, no Oriente, e mais tarde, com certa resistência, no Ocidente, talvez pelo fato de que toda a Prece Eucarística fosse proferida em voz baixa.

A assembleia, colocando-se de pé, confirma o fortalecimento da fé pela Palavra de Deus proclamada e reza o Credo com firme convicção. Manifestar publicamente a fé é ato de culto, é manifestação de confiança, de esperança e de comunhão (cf. Romanos 10,10-11). No Credo, a Igreja reúne os elementos essenciais da fé secular, aquilo em que o povo sempre acreditou. Não se trata, de fato, de um resumo de verdades nas quais se deve acreditar, mas sim de uma evocação de como Deus se manifestou como Criador e Pai, como Salvador em Jesus, seu Filho, como doador de seu Espírito Santo, como fonte da Igreja, como perdão dos pecadores e como poder de ressurreição (cf. 2Timóteo 1,12).

Qual é o objetivo dessa profissão? Sem dúvida, levar o povo a dar sua resposta de adesão à palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, bem como recordar-lhe a regra de fé antes de começar a celebrar a Eucaristia (IGMR 43). Trata-se de um rito em que a assembleia, de pé, renova o compromisso de pautar sua vida pela Palavra do Senhor enquanto aguarda a plena realização de seu Reino. O Credo é a fé de nossos pais, que ainda vive e pela qual tantos homens e mulheres de fé deram a vida! Ele nos capacita a entrar no ministério intercessor dos santos e santas pela oração dos fiéis.

A forma mais simples dessa profissão é a fórmula do Símbolo dos Apóstolos, de origem bíblica, mais próxima do querigma original (anúncio pascal) encontrado em vários textos do Novo Testamento (Atos 2,22-23; 3,13-17; 10,39-40).

Temos dois textos: um mais curto, utilizado com mais frequência, chamado Símbolo Apostólico, e outro mais longo chamado Símbolo Niceno-Constantinopolitano. Esta versão mais longa responde a uma síntese das proclamações dos concílios de Niceia (325) e de Constantinopla (381). Finalmente, é bom salientar que em nossas missas cuidamos pouco de solenizar e valorizar a profissão de fé. É importante, portanto, dedicar-lhe uma pequena introdução. Quem reza deve expressar algo que venha de dentro, de suas próprias convicções, entrando, por assim dizer, em sintonia com todos os que nos precederam: Abraão, Moisés, os apóstolos, os mártires, os santos e santas da Igreja (especialmente nossos padroeiros).

Realizada aos domingos e solenidades, a Profissão de Fé é ação de todo o povo, ao qual se une o presidente. Quando cantada, deve ser feita por todo o povo, seja por inteiro, seja alternadamente. Às vezes é possível fazê-lo em forma dialogal – por exemplo, no Batismo ou na Vigília pascal (cf. IGMR 44).

Não deve, de jeito algum, ser reduzida a simples recitação de uma oração decorada. A importância de rezá-lo correta e pausadamente significa, para os cristãos, afirmar solenemente aquilo em que acreditam: a obra da criação do Pai, a redenção pelo Filho, a santificação pelo Espírito Santo. O Credo rezado nas celebrações não é uma fórmula racional e fria; é expressão da comunidade que manifesta publicamente sua fé fundacional, perpetuamente ligada a Deus pela vigência de sua aliança com o povo⁴⁹.

Oração Universal (ou Oração dos Fiéis)

A Palavra proclamada, ouvida e meditada se torna súplica da comunidade que, na força do Espírito, eleva a Deus os pedidos pela vinda do Reino. A Oração dos Fiéis (Oração Universal) é um momento importante para que cada cristão e cristã cresça na consciência de fazer parte do sacerdócio comum dos cristãos (sacerdócio batismal). Nesse momento, aqueles que não são ministros ordenados participam ativamente da celebração. A Oração dos Fiéis é um momento propício para que esse sacerdócio se torne mais evidente e manifesto (*Lumen Gentium* 10).

Depois que a assembleia foi alimentada pela Palavra de Deus com as leituras e a homilia, os cristãos erguem a Deus suas súplicas. Por meio dessa oração, aproximam-se das realidades concretas em que vivem, das necessidades de todos os seres humanos de cujas dificuldades, trabalhos e esperança participam. Isso significa que tal oração se coloca entre dois polos: a Palavra proclamada que se concretiza numa oração comunitária e a atualidade pastoral da comunidade e social da humanidade, presente no coração orante e caridoso do povo de Deus reunido.

Logo após o Credo, quem preside a assembleia convida a elevar *hoje* humildemente ao Pai os pedidos, preces e súplicas pela salvação. Inspirados na recomendação de Paulo: “Apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas, e a ação de graças” (Filipenses 4,6), e exercendo a missão do povo sacerdotal, de pé ergue sua voz para exprimir em uníssono a súplica de todo o povo de Deus, por suas necessidades e de toda a humanidade, principalmente dos mais esquecidos e sofridos, que clamam por vida digna e libertação.

Formamos com Jesus um só corpo. Por isso, as preces são de clamor, como a prece do próprio Cristo. Também o Espírito vem em auxílio da fraqueza humana, pois continuamente estamos incapacitados para saber pedir o que convém (cf. Romanos 8,26-27).

As leituras, especialmente a do Evangelho, anunciam com forte e amoroso apelo a proposta de ajustar a vida segundo o projeto de Jesus. E percebe-se o quanto ainda falta para que seu Reino chegue à plenitude entre os homens e mulheres do mundo... Por isso, a comunidade celebrante pede e suplica apresentando as necessidades, angústias, dores, desejos e clamores de tantas pessoas que confiam em Deus, crianças e idosos abandonados, moradores de rua e presos, os “descartáveis” do mundo moderno, os famintos, desempregados e solitários.

Afirma-se durante a celebração eucarística que Jesus está no meio da comunidade reunida; então, para que insistir em formas indiretas: “para quê” ou “a fim de quê”? Por que não começar as preces com “Pai de bondade” ou “Senhor, nós te pedimos”? É recomendável cantar as respostas (por que não também as preces?) com melodias bem simples. Ainda: por que não se elaboram preces a partir da Palavra proclamada e da realidade própria das comunidades, das situações do mundo, do Brasil, rezando assim os

problemas e desafios? Ou, também, fazer as ligações das preces entre a mesa da Palavra e a da Eucaristia (aspecto talvez bastante esquecido). Não são momentos isolados da Missa, mas, como ensina a SC 56, formam um só ato de culto. Pensando assim, que tal uma pitadinha de mistagogia nas preces?

O lugar apropriado para apresentar as preces é o ambão ou mesa da Palavra. Dirigem-se as preces a Deus Pai em nome de Jesus. Uma pessoa faz uma prece e todos respondem, assumindo-a como sendo prece comum (é muito bom que a resposta às preces seja cantada, ajudando a criar uma atitude mais profunda de oração, uma relação mais afetiva com Deus Pai). As preces comunitárias devem brotar do fundo dos corações tocados pela Palavra de Deus e movidos pelo seu Espírito no momento da celebração. As preces que vêm escritas não dispensam as orações espontâneas que brotam da própria comunidade celebrante, inclusive aquelas feitas em silêncio. Quem preside conclui com uma oração breve apresentando todas as súplicas ao Pai, por meio de Jesus⁵⁰.

Cristo-Palavra e Cristo-Pão: o elo entre as duas mesas

Cristo-Palavra conduz ao Cristo-Pão. A palavra que arde nos corações dos fiéis também introduz no mistério da Ceia. Movidos pela palavra do Ressuscitado, ousamos pedir: “Fica conosco, pois a tarde cai e o dia declina” (Lucas 24,29). Em cada celebração da Eucaristia somos fortalecidos por Cristo-Palavra que se torna Pão. A Palavra é “espírito e vida” (João 6,63). A Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística formam, pois, um único ato de culto (SC 56). A Igreja se alimenta com o Pão da vida na mesa da Palavra de Deus, e com o Corpo de Cristo na ceia eucarística.

Na Palavra, anuncia-se a aliança divina; na Eucaristia, renova-se essa mesma aliança. Na Palavra, recorda-se a história da salvação; na Eucaristia, a mesma história se desenvolve por meio de sinais sacramentais. A Palavra conduz à Eucaristia (cf. CNBB, Documento 52, 28).

A palavra de Cristo funda a Igreja. Antes de ser comunidade eucarística e batismal, a Igreja deve ser comunidade evangélica, convocada pela Palavra. A palavra de Deus funda o novo Reino (cf. Mateus 13,38). Como fermento, tende a unir as pessoas em um só pão (cf. Mateus 13,33).

A Igreja celebrante tem o privilégio dessa presença de Jesus. Onde está a Igreja, aí se encontra a Palavra de Deus, Jesus Cristo, luz dos povos. O Pai envia sua Palavra como salvação; Cristo entrega seu Corpo como alimento. A Palavra purifica; o Corpo fortalece. A Palavra aponta o caminho; o corpo sustenta na caminhada. A Palavra é fonte de vida; o Corpo no-la dá em abundância⁵¹.

3. Liturgia Eucarística

Aquele que não louva nesta vida não poderá participar da outra, que consiste essencialmente em louvar a Deus (...) Assim como o canto da terra, tanto no plano natural como religioso, é a expressão do amor do coração, a vida dos homens no céu, participação do amor de Deus, consistirá em um incessante canto de louvor. (Santo Agostinho)

Por que Liturgia Eucarística (LE)?

Dar graças, entregando a vida com Cristo ao Pai, é o que se realiza na grande e solene prece da Aliança judaica que os cristãos exprimem como Oração Eucarística, enraizada nas bênçãos judaicas, particularmente nas bênçãos de alimentos. Dar graças e bendizer são dois verbos sinônimos; guardam o mesmo significado e indicam o que os judeus chamam de *berâkâh*, no hebraico, e que no Novo Testamento é chamado *Eucaristia* (do grego *eucharistia*; *eu*: bom, bem; *charis*: graça, dom, favor), como se se dissesse: “Quão belo, quão bom é o presente que ofereces!”

De geração em geração, cada cristão é obrigado a ver-se a si próprio – com os olhos penetrantes da fé – como tendo estado lá no Calvário, na primeira Sexta-feira Santa e diante do túmulo vazio, na manhã da ressurreição. Pois não só os primeiros irmãos e irmãs cristãos estavam lá, mas também todos os cristãos que, ao longo dos tempos, reúnem-se para celebrar a Eucaristia, estavam lá com eles, prestes a morrer na morte de Cristo e a ressurgir em sua ressurreição.

Nos sinais de pão e vinho deixados por Jesus, seus discípulos se tornam hoje salvificamente contemporâneos dos eventos redentores da morte e ressurreição do Senhor. Em mistério ou sacramento, tornam-se contemporâneos do acontecimento histórico, único e irrepetível, que trouxe a redenção para todos. Por esse pão e esse vinho, sobre os quais se pronunciou a ação de graças do memorial e para os quais se suplicou a vinda do Espírito Santo, somos realmente transportados pela fé aos eventos fundadores que tornam os homens e mulheres participantes deles. Assim como Jesus, ao ser glorificado, levou o tempo para a eternidade, também a presença do Ressuscitado, suscitada pelo memorial, traz para o tempo a eternidade.

O memorial eucarístico faz Cristo presente e, com ele, sua vida, morte e ressurreição; a manifestação no Espírito, a Parúsia (retorno de Cristo no fim dos tempos), porque no mistério pascal de Cristo o tempo se eternizou. Por sua vez, pela ação do Espírito Santo, a eternidade entra no tempo e Cristo se torna presente em cada cristão e na comunidade toda. Não meramente presente diante dos fiéis para ser adorado, mas presente em cada um, transformando-o pela comunhão em seu corpo eclesial.

A Eucaristia, por ser memorial, é a epifania, manifestação da eternidade no tempo. Ao celebrar a Eucaristia, os cristãos estão – pode-se dizer – já na eternidade, embora sob as condições da temporalidade, ou seja, a celebração é a temporalização da eternidade e,

consequentemente, a eternalização do tempo. Poder-se-ia dizer que o tempo sacramental irrompe no tempo cronológico, qualificando-se como tempo redimido. A Liturgia não é repetição do passado; mas, sendo representação do evento fundador, a cada vez que é celebrado a comunidade realiza um passo ulterior na caminhada rumo à definitividade da união plena com o Senhor, no corpo eclesial escatológico.

A Liturgia Eucarística hodierna da Igreja Católica segue o seguinte esquema: a) preparação e apresentação das oferendas (dons); b) Oração Eucarística (ação de graças, bênção da mesa, anáfora); c) ritos de comunhão. Em termos dinâmicos, trata-se primeiramente de trazer, preparar e oferecer (oferendas); em seguida, dar graças (eucaristizar/consagrar); e, finalmente, repartir, comer e beber juntos, como povo unido numa só fé e num só amor (comungar comunitariamente).

Infelizmente, por ser pouco compreendida em sua preciosa estrutura e ainda mais em seu precioso conteúdo, a Oração Eucarística é rezada muitas vezes com pressa, sem convicção e sem alegria por parte do presbítero; atitude que não suscita gratidão e jubiloso aquecimento do coração do povo... Isso faz com que as pessoas sejam levadas a achar que o momento mais apropriado para agradecer a Deus seja só após a comunhão, e não durante toda a preciosa e cativante dinâmica celebrativa da Eucaristia⁵².

Procissão de apresentação dos dons

A apresentação das oferendas (pão e vinho) retoma o gesto de Jesus: “Tomou em seguida o pão... tomou também o cálice...” (cf. Lucas 22,19-20; 1Coríntios 11,23-26).

Na celebração eucarística, rendemos graças na fé e no Espírito a Deus por esse maravilhoso mistério no qual estamos existencialmente envolvidos. Por isso, apresentamos o pão e o vinho, “frutos da terra e do trabalho do homem” (da Oração de Apresentação). Eles são símbolos da humanidade, não só em sua estática materialidade, mas no dinamismo das ações que tornaram possível serem transformados em oferta. Símbolos também da comunicação interpessoal necessária para que o trabalho possa se desenvolver e seus frutos serem compartilhados; símbolos, enfim, do sacrifício contínuo com o qual cada homem deveria sempre convidar seu próximo a tomar daquilo de que necessita para viver e doar aquilo que servirá para a vida de outros. Todas essas dimensões estão incutidas no simbolismo tão bonito e profundo da comida, e presentes na apresentação das oferendas do pão e do vinho. Na verdade, os homens e as mulheres não podem se apresentar diante de Deus com as mãos vazias. Como cristãos, devem doar a si mesmos até a morte e a ressurreição; não podem viver sem seus irmãos, graças aos quais formam um só corpo e são corpo graças a eles. Sobretudo, não podem oferecer-se sem Cristo. Por isso, quando no ofertório eucarístico é oferecido o corpo (toda a vida das pessoas) a Deus invocando o nome de Cristo, são atingidos todos os homens em seu nome, ou em seu corpo e sangue. Assim, o presidente da celebração, ao apresentar o pão e o vinho, pede que essas oferendas se tornem o corpo e o sangue de Jesus Cristo, não como matérias inertes, senão como substâncias viventes, como dons da

vida no mistério pascal.

O gesto de apresentação das oferendas é iniciado com uma procissão acompanhada de um canto simples, meditativo, ou de silêncio. O canto escolhido não precisa necessariamente falar de ofertas; ainda não é o ofertório, pois quem preside ainda não as ofereceu.

Se a comunidade deseja apresentar outros símbolos, pode fazê-lo, mas sem exagerar. Se forem apresentados pão e vinho, serão depositados no altar; os outros, não. Seria melhor depositá-los aos pés do altar, sobre um pano estendido, ou colocá-los numa cesta enfeitada. A criatividade não pode faltar.

No altar, o presbítero/presidente, ou o diácono, recebe o pão e o vinho para serem apresentados ao Pai. Este é um gesto bonito, pois caminhar no meio da comunidade – a procissão das oferendas – nos traz o sentido de recolher a oferta de cada pessoa presente, seus dons, para que sejam oferecidos juntos com o pão e o vinho.

Não se pode esquecer que as principais ofertas são sempre o pão e o vinho. Tudo a mais que se faça nesse momento deve ser sinal de gratidão para com Deus, mas nada substitui a oferta do pão e do vinho. Outrora, a família trazia de casa o pão e o vinho e os oferecia a Deus; hoje permanece esse sentido quando se faz a procissão de apresentação das oferendas⁵³.

Preparação dos dons oferecidos

Na apresentação do pão e do vinho, o presbítero que preside a celebração eleva o pão, a voz e o olhar ao céu dizendo: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós vai se tornar pão da vida”. O pão é apresentado a Deus em sua ligação com a natureza (*fruto da terra*), em sua ligação com o ser humano (*e do trabalho humano*). E faz o mesmo com o vinho: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós vai se tornar vinho da salvação”. O pão e o vinho são expressão da vida humana e da vida exuberante e complexa que emerge de toda a biologia e da ecologia. Tem uma ligação com a terra, com as chuvas, com o ar. A semente sepultada foi capaz de gerar vida nova; o trigo decepado, triturado e transformado se tornou pão e vida para os que dele comem. É esse o sinal assumido por Jesus. Um sinal que tem uma abertura para o infinito e uma abertura para cada cristão... Diga-se o mesmo com relação ao vinho.

No momento da apresentação das oferendas, há um detalhe muito interessante e que pouca gente acompanha. Ao preparar a oferta do cálice, o presbítero mistura um pouco de água ao vinho rezando esta oração: “Pelo mistério da água misturada ao vinho possamos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade”⁵⁴.

O significado do pão e do vinho na Bíblia

O pão é reconhecidamente símbolo universal de todo alimento para a vida de muitas populações em todas as culturas de todos os tempos. Quando se afirma que uma pessoa “não tem pão para comer”, diz-se claramente que ela está privada de tudo aquilo que é imprescindível para sua subsistência: do alimento e do direito de se alimentar! A falta de pão e água resume a mínima nutrição vital, e expressa também uma situação de jejum e austeridade. Por outro lado, o gesto de partir e repartir o pão indica a dimensão solidária e comunitária, já que não se come sozinho um pão distribuído.

O pão é o principal alimento do oriente (também dos hebreus). Para ele, tem um valor simbólico precioso: é alimento e vida para o corpo, equilíbrio para a sensibilidade e a emoção; é imagem profunda e religiosa do alimento espiritual, pois é imprescindível para todo ser vivo que possui alma (*nephesh*) e espírito (*ruach*) viver dignamente.

O pão, desde os tempos bíblicos, é feito geralmente de farinha de trigo (enquanto que a cevada serve, sobretudo, para a entressafra da primavera) misturada com a água e fermento, e preparado com as mãos. Este trabalho, nos costumes antiquíssimos, competia às mulheres em cada família (cf. Gênesis 18,6), antes de aparecerem os padeiros profissionais (cf. Jeremias 37,21).

Na Bíblia existem várias dicas tiradas da vida corriqueira dos povoados que empregam o pão com expressivos significados. “Comereis o teu pão com o suor do teu rosto” (cf. Gênesis 3,19), isto é, trabalhar duro para ter o que comer. “Partir o pão” significa comer (Isaías 58,7). Era costume partir o pão com as mãos e nunca com a faca. “Comer o pão das lágrimas” (Salmo 42,4) tem o sentido de passar por alguma provação. “Partilhar o pão com alguém” (Salmo 41,10) é ser seu amigo. “Ganha lá o teu pão” (cf. Amós 7,12) quer dizer morar ali.

O povo de Israel alimentou-se no deserto do maná, um tipo de alimento parecido com o trigo (Êxodo 16,1-36) – porém, o maná não era apenas um alimento, e sim o sinal da presença eficaz do Senhor no meio de seu povo, que ele sustenta e acompanha ao longo de sua caminhada. E todos os anos, por ocasião da celebração da Páscoa – memória da libertação de Egito – o povo se reunia e comia o pão sem fermento (pães ázimos, *matzot*). Também oferecia o pão a Deus como sinal de agradecimento pelos muitos benefícios recebidos (cf. Levítico 2,1-16). Pode-se lembrar também dos pães oferecidos a Deus pelo profeta Eliseu (2Reis 4,42-44). Quando Elias, perseguido, foge para o deserto para morrer, Deus o alimenta com um pão misterioso (1Reis 19,1-8); ele se reanima e continua sua missão.

Jesus teve compaixão da multidão faminta e multiplicou os pães daquele menino (cf. Mateus 14,13-21; 15,32-39; João 6,1-15). Na oração do Pai-Nosso ensinou a pedir “o pão nosso de cada dia” (ou “necessário à vida” ou “de amanhã” – cf. Mateus 6,11), mas também lembrou que não é só de pão que vivemos, como também de sua Palavra (Mateus 4,4). Assim percebe-se uma verdade tão bonita: Jesus diz que ele é o pão vivo

descido do céu (João 6,33). Após ter jejuado por quarenta dias no deserto, Jesus teve fome. Tentado a transformar as pedras em pão – porém, recusa-se a fazer um milagre, ou seja, utilizar seus dons em benefício próprio –, Jesus refletirá sobre as palavras do Deuteronômio (8,3b): “O homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor”.

Finalmente, para instituir a Sagrada Eucaristia, na Quinta-feira Santa, Jesus tomou pão e deu graças dizendo: “Tomai e comei, isto é o meu corpo” (Mateus 26,26; Marcos 14,22; Lucas 22,19; 1Coríntios 11,23-24). Pedro afirmará que os apóstolos são testemunhas da ressurreição porque comeram e beberam com ele depois que ressuscitou (cf. Atos 10,4s). Ele partiu o pão com os discípulos de Emaús (cf. Lucas 24,30), e ali aqueles discípulos reconheceram Jesus no partir do pão. Ao se reunir para a *fração do pão*, a Igreja primitiva tinha consciência de que o fazia em torno do Ressuscitado, de quem recebia como alimento seus dons, na jubilosa espera do banquete escatológico.

Com efeito, na celebração eucarística realiza-se precisamente todo esse conteúdo simbólico da partilha, da comunidade em sua diversidade e unidade. Mais profundamente, pode-se dizer que o pão eucarístico possui uma dimensão escatológica. Quando se reza: “o pão nosso de cada dia”, esse “cada dia”, significa também “de amanhã”, isto é, do amanhecer na ressurreição. A Eucaristia será o pão que se prepara para o tempo da salvação. Na ação litúrgica, o sentido mais importante de pão é, naturalmente, ser o sinal visível do corpo de Cristo, isto é, de sua presença real e verdadeira no meio da comunidade.

O vinho é o fruto da videira. Ele simboliza a vida e a regeneração espiritual no mundo pagão e cristão – sobretudo para os orientais (Gênesis 9,20; Números 13,23). Como bebida, o vinho é conhecido pelo menos há 5 mil anos no Oriente próximo. Nas refeições ordinárias, o homem antigo contentava-se com pão ou algum outro alimento e água. Nos dias de festa, havia vinho. Quanto mais abundante e melhor a qualidade do vinho, tanto mais alegria conferia à festa.

Na Bíblia a vinha⁵⁵ simboliza o povo de Israel, pois, assim como o agricultor cuida com carinho da plantação da videira, Deus cuida com o mesmo carinho de seu povo (cf. 1Reis 21,1-16; Isaías 5,1-7; Jeremias 2,21; Ezequiel 19,10-14).

A montanha de Judá, em torno de Hebron, foi outrora célebre por suas vinhas (Gênesis 49,11; Números 13,23). De fato, o Gênesis atribui a vinificação (a arte de fabricar vinhos) ao patriarca Noé, mostrando assim a antiguidade da cultura (9,20).

Há na Bíblia vários significados para o vinho que o ligam ao aspecto positivo, ao amor, à abundância, à força, à vitória e à alegria. No aspecto negativo, à fraqueza humana, à falta de sabedoria, à angústia e à prostituição. Para o consumo, era normalmente misturado com água, e as bebedeiras eram condenadas (cf. Provérbios 20,1; 23,20-21).

O vinho era oferecido em libação no holocausto diário do templo de Jerusalém, como

sinal permanente de vida, de alegria, da aliança de Deus para com seu povo (Êxodo 29,40).

No tempo de Jesus, utilizava-se o vinho como medicina, para desinfetar as chagas (Lucas 10,34); misturado com mirra, servia como entorpecente (cf. Mateus 27,34). Existiam provérbios populares, como: “Não se coloca tampouco vinho novo em odres velhos” (cf. Mateus 9,17), para dizer que as ideias novas se acomodam mal às antigas estruturas e não podem se expandir sem rompê-las; ou também: “mudar da água para o vinho” (cf. João 2,6-12), para falar de algo ou de alguém que passou por alguma mudança radical e positiva.

No Novo Testamento, Jesus, o Filho de Deus, é apresentado como o dono da vinha (Mateus 21,33-46; João 15,1-7). Em João, a cepa da videira é Cristo e os sarmentos são os discípulos; mas, no final das contas, trata-se sempre de dar a Deus, o vinhateiro, os frutos que ele espera (15,1-16).

Jesus afirma que seu sangue é verdadeira bebida (João 6,53-56). Na última ceia, abençoou (“eu-caristizou”) o vinho e disse: “Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados” (Mateus 26,27-29; Marcos 14,24-25; Lucas 22,20; 1 Coríntios 11,25).

O vinho é matéria sacramental da Eucaristia. Nela o vinho exprime um aspecto festivo. Mas, a razão principal é muito mais profunda. Assemelha-se ao sangue pela cor e por ser o sangue (suco) da uva. É símbolo de transformação, porque o suco da uva esmagada possui poder de transformar-se em algo mais potente e modificar quem o toma. Tomar o vinho significa beber o sangue de Cristo, unir-se a ele e possuir sua força, que é a vida eterna (João 6,54-56). Beber o cálice significa assumir a paixão e morte de Cristo em nossa vida. Mais: o vinho também tem um sentido escatológico. Em Lucas, Jesus nos lembra que, no festim da eternidade, beberemos o cálice da vitória sobre toda maldade e pecado da humanidade; ressuscitados, beberemos alegres e exultantes o cálice que é fruto de sua doação total, para que seja feita a vontade redentora do Pai (cf. Lucas 22,17s). Por isso, todos os significados são secundários em relação ao sinal maior do sangue de Cristo em sua força redentora, expiadora⁵⁶.

Orai, irmãos e irmãs

Encerrando o rito das oferendas, o presidente da celebração convida a assembleia a orar para que os dons apresentados, uma vez transformados no Corpo e no Sangue de Cristo, sejam um sacrifício aceitável a Deus: “Orai, irmãos e irmãs, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso”. E a assembleia responde positivamente: “Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para o nosso bem e de toda a santa Igreja”. De fato, o sacrifício oferecido só será completo e eficaz se Deus o aceitar. É por isso que, estando tudo pronto para o sacrifício, reza-se para que Deus o receba, acolha e aceite, primeiro para a glória de seu nome, depois para o próprio bem da assembleia, para a vida e salvação de cada um e de

toda a humanidade. A conclusão é feita pelo presidente, que reza a Oração sobre as Oferendas (os dons) própria de cada dia e de cada tempo litúrgico.

Oração sobre as Oferendas (os dons)

O presbítero termina a preparação das oferendas, de braços abertos (lembrando de novo que não se trata ainda de ofertório; é apenas preparação/apresentação), e convida os fiéis a rezar a fim de que o sacrifício seja aceito por Deus. É a resposta específica ao sentido último do sacrifício: a glória de Deus e o bem da comunidade, de toda a Igreja. Tal convite-resposta se faz quando tudo já está preparado para que o sacerdote à frente, em nome e com a comunidade, apresente-se diante de Deus. O sacerdote está de pé e a comunidade também, em sinal da dignidade e da responsabilidade pessoal e comunitária (cf. Lucas 4,16).

À resposta dos fiéis, o presbítero recita uma oração que outrora se fazia em silêncio e tinha o nome de *Secreta*. Ela faz parte de uma arquitetura muito bonita.

No início da Missa, o presbítero/presidente recita a Oração Coleta para finalizar o rito penitencial. Ao fechar a parte de preparação dos dons oferecidos pela comunidade, recita também a Oração sobre as Oferendas. Mais tarde, ao terminar a celebração, fará a Oração depois da Comunhão. Assim, a oração do presidente é como que o arremate de cada uma das partes fundamentais da ação litúrgica⁵⁷.

Oração Eucarística

Diante desta pergunta: “Em que momento da Missa você costuma agradecer?”, quase sempre a resposta é: depois da comunhão. E assim o sugerem também alguns folhetos litúrgicos e até mesmo livros sobre a Missa. No Missal, porém, encontramos outra orientação: “Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio” (IGMR 88). Não se fala em “ação de graças”. Por que não? Porque na Missa, renovada pelo Concílio, seguimos a antiga tradição que remonta ao mandamento de Jesus: “Fazei isto para celebrar a minha memória”. E o que Jesus fez na última ceia? Tomou o pão, deu graças, partiu e deu a seus discípulos... Depois fez o mesmo com o cálice de vinho. Reparem: a ação de graças vem antes da comunhão.

Desconfio que muitas pessoas fazem sua ação de graças depois da comunhão por desconhecer o sentido da Oração Eucarística. O convite “Demos graças ao Senhor, nosso Deus”, que o presidente faz no diálogo inicial, passa despercebido. Respondem mecanicamente: “É nosso dever e nossa salvação!”, sem prestar atenção. Poucas pessoas conhecem e acompanham o sentido dessa prece; a maioria está interessada somente na narrativa da instituição, quando o padre lembra as ações e as palavras de Jesus na última ceia. Mesmo muitos presbíteros dão a impressão de valorizar somente essa narrativa, já que a pronunciam com toda devoção, enquanto que pronunciam as outras partes da

Oração Eucarística com muita pressa, sem expressão nenhuma, sem unção, sem vivenciar profundamente aquilo que estão celebrando. O povo então quer adorar porque aprendeu que, pelas palavras da consagração, realiza-se a presença real de Jesus na hóstia consagrada. No entanto, a Oração Eucarística inteira deve ser considerada “de consagração”! Trata-se da oração de bênção sobre o pão e o vinho que depois serão servidos em comunhão, como sacramento do corpo e sangue do Senhor. É prece memorial da morte e ressurreição do Senhor que permite nossa participação em seu mistério pascal. Nela nos unimos em atitude de profunda gratidão à entrega de Jesus por amor ao Pai e ao povo; nela suplicamos que o Pai envie o Espírito Santo sobre o pão e o vinho e sobre a comunidade reunida, para que se tornem respectivamente o corpo sacramental e o corpo eclesial do Senhor Jesus e que, pela ação do Espírito Santo, entremos com toda a nossa vida no dinamismo da doação total de Jesus. É a grande Ação de Graças – com maiúscula –; nenhum outro momento da celebração eucarística iguala-se a esta prece memorial! É participando dela que devemos dar graças a Deus.

Se o momento certo para a ação de graças é a Oração Eucarística, o que devemos fazer então no silêncio depois da comunhão? Os ritos apontam para três possibilidades: a) podemos meditar e deixar ecoar em nosso coração o canto de comunhão, cuja antífona vem indicada no Missal e que muitas vezes é escolhido em função do evangelho do dia, ou do tempo litúrgico; b) podemos ainda meditar e revolver no coração tudo aquilo que vivenciamos na Oração Eucarística e que está *incorporado* no pão e no vinho que recebemos em comunhão; 3) podemos também meditar sobre nossa realidade e pedir que tudo aquilo que tivemos a graça de celebrar dê frutos em nossa vida – como pediremos logo a seguir na oração depois da comunhão, e que, diga-se de passagem, é sempre uma oração de pedido, nunca de ação de graças. De fato, nela se “imploram os frutos do mistério celebrado” (IGMR 89)⁵⁸.

Depois da Oração sobre as Oferendas, que encerra o rito de preparação dos dons, a comunidade vai elevar a Deus a grande bênção da Igreja: a Oração Eucarística. A Igreja a considera como centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. Embora presidencial, o sentido dessa oração é que toda a assembleia se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício (cf. IGMR 78).

Esse é o momento culminante da celebração e, no entanto, o menos conhecido e do qual menos participa a assembleia. Isso se deve, por um lado, à falta de compreensão desse rito, normalmente reduzido à consagração dos dons (pão e vinho); por outro, ao fato de ser uma oração presidencial. Por causa disso, as pessoas pensam que quem participa é somente o presbítero (padre), enquanto o resto “assiste”, infelizmente, de forma passiva (cf. SC 48). O povo mal ensinado apenas consegue entender que é todo ele que bendiz a Deus na voz, na expressão e na pessoa do presidente e com ele! Deve-se estar muito atento para não confundir a ação de graças (Oração Eucarística), que se dirige ao Pai, com a adoração ao Santíssimo Sacramento (que a Igreja reserva, com diretrizes adequadas, para outro momento)⁵⁹. A Oração Eucarística é adoração ao Pai,

por Cristo, com Cristo e em Cristo. É realmente importante que o presidente celebre com unção e sem pressa, na presença amorosa do Pai.

Prefácio

Antes de iniciar a Oração Eucarística propriamente dita, há o *Prefácio*, a modo de uma introdução. A palavra prefácio provém do latim *praefari*, que quer dizer na frente. É o primeiro elemento da Oração Eucarística. O presidente da celebração convida o povo a elevar o coração ao Senhor, em prece e em ação de graças; em nome de todo o povo, glorifica a Deus Pai e lhe dá graças por toda a obra da salvação ou por qualquer aspecto particular seu; e toda a assembleia, unindo-se às criaturas celestes, canta ou recita o Santo (cf. IGMR 54-55).

Seguindo a estrutura das antigas orações judaicas, é feito um rápido diálogo entre o presidente e a assembleia. Isso serve para chamar a atenção e elevar os corações. O texto faz alusão ao mistério que está sendo celebrado – encarnação, paixão, ressurreição –, pois a Igreja tem consciência de que, passo a passo durante o ano, toda a história da salvação é atualizada partindo do Tríduo Santo do Senhor Crucificado, sepultado e ressuscitado, e que culmina no domingo de Páscoa. Nunca se deve esquecer que existem motivos de sobra para louvar e glorificar a Deus, atitude sempre digna e salutar.

Corações ao alto! Com muita probabilidade essa expressão foi inspirada na Carta de Paulo aos Colossenses: “Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. *Afeiçoai-vos às coisas lá de cima*, e não às da terra” (3,1-2). *Afeiçoai-vos às coisas lá de cima* poderia significar, então: não fujam dos problemas buscando refúgio e alívio em coisas ou práticas – até mesmo religiosas – que satisfazem por alguns momentos, mas que tiram a gente da realidade. Tampouco se deixem abater pelos problemas; não deixem que nem mesmo as situações mais difíceis lhes roubem a esperança e o dinamismo. Cristo enfrentou a realidade; venceu o medo, o ódio, a morte. Sua capacidade de amar foi tão grande que os inimigos não conseguiram abatê-lo. Fiquem com ele, nele e ligados a ele, na comunidade. Encontrem nele a alegria, a força e o entusiasmo para encarar os problemas de frente, com garra, com coragem.

A resposta àquele convite no início da Oração Eucarística não é menos significativa: “O nosso coração está em Deus!” A pessoa que pode afirmar isto com toda a sinceridade, e não apenas como uma fórmula rotineira, é feliz. Está satisfeita. E dessa fonte viva e borbulhante tira forças para aguentar as dificuldades da vida, e encontra dinamismo para organizar sua própria vida e a da sociedade que segue critérios não cristãos.

Que significa *Corações ao alto*? Estejam concentrados e dispostos, direcionem os corações e todo o seu ser para o divino. Cirilo de Jerusalém (315-386) insiste: sim, verdadeiramente naquela hora tremenda, é necessário ter no alto o coração, orientado para Deus, e não embaixo, na terra e nos afazeres terrenos... Tenham os corações orientados para o Deus amigo da humanidade (cf. *Catequeses mistagógicas* 5,4).

Não menos vigorosas são as palavras de Teodoro de Mopsuéstia (350-428):

Embora conscientes de realizarmos na terra esta Liturgia tremenda e inefável, é para lá – para cima, para o céu – que se deve dirigir a Deus o olhar da alma, pois se faz memorial do sacrifício e da morte de Nosso Senhor, o Cristo que, unido à natureza divina, por todos sofreu e ressuscitou e está sentado à direita de Deus, no céu. E Agostinho acrescenta: que significa ter no alto o coração? É a esperança em Deus; não em ti; pois tu és de baixo, Deus do alto (...). Por isso, quando ouvirdes do presbítero: “Corações ao alto!” respondi: “Nós o temos levantado ao Senhor”. Esforçai-vos por responder de verdade... O presbítero retoma a palavra e diz: “Demos graças ao Senhor, nosso Deus”. Por que o convite a dar graças? Porque temos o coração no alto e, se Deus não o tivesse elevado, ainda jazeríamos na terra (Sermão *O que vedes*)⁶⁰.

Santo, Santo, Santo

No final do Prefácio, como conclusão, o presidente convida toda a assembleia a cantar exultante, com todos os anjos e santos, num só coração e a uma só voz: *Santo, Santo, Santo* – um dos cantos mais importantes e centrais da Prece Eucarística, que convida a unir a comunidade ao eterno louvor entoado pelo coro dos anjos e dos santos. Assim, unida ao profeta Isaías e aos quatro seres vivos do Apocalipse, a assembleia, agradecida e cheia de admiração, proclama a santidade do Senhor e a vinda gloriosa de Jesus, o Messias, o bendito que veio e que vem incessantemente: “Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” Na verdade, a assembleia é tocada e transformada pelo Três Vezes Santo e, santificando o nome do Senhor, é santificada por ele. É o louvor universal que brota da ressurreição de Jesus Cristo. Ele encabeça toda a realidade, todo o universo, até que Deus seja tudo em todos. Os cristãos reunidos como irmãos e irmãs, cantando *Santo*, proclamam a glória de Deus e do Cordeiro. Professando jubilosamente a fé na ressurreição, proclamam o poder pascal de Jesus, que irá transformar toda a realidade pelo poder do Espírito Santo; ele atua na comunidade pela qual é enviado para trabalhar na transformação das pessoas, da sociedade e de toda a realidade.

Os cristãos, como também seus irmãos mais velhos, os judeus, quando se preparam para cantar o *Santo*, experimentam imediatamente toda sua própria pequenez, sua debilidade para louvar. Por isso, quando chega esse momento, apelam à assembleia lá do alto para que dê força a sua fraca voz e apoie o louvor. A assembleia do alto é maravilhosa: tem os especialistas do louvor, os anjos, e também todos os santos, aqueles com auréola, entre os quais estão os santos caros à devoção pessoal e comunitária. Também os santos sem auréola, que são milhares e milhares de rostos felizes que estão numa posição privilegiada para louvar a Deus com relação aos celebrantes na terra. Aí estão os amigos, familiares, parentes, conhecidos... Aqui na celebração eucarística, eles, que foram arrancados da presença e dos afetos humanos, se encontram muito próximos, associados na Igreja total – celeste e terrena – no momento em que todos, como criaturas, tomamos consciência da íntima relação com Deus, e que não encontramos outra maneira de falar com ele, senão cantando e declarando jubilosamente que ele é Santo, Três Vezes Santo.

O louvor de toda a assembleia celebrante repete a mesma experiência do profeta Isaías ao encontrar-se com o Santo de Israel. No ano da morte do rei Ozias (739 a.C.), ele entra no templo e presencia extasiado o louvor dos Serafins: “Santo, Santo, Santo, ó Senhor dos exércitos, a terra está cheia de sua glória!”⁶¹.

O Senhor se manifesta ao profeta como *Santo*, muito acima da pequenez, dos problemas e das capacidades humanas; ele é o totalmente Diferente, o Absoluto, o Outro, o Autêntico, o Íntegro. Porém, não está fora do alcance dos cristãos, não está longe, porque “a terra está cheia de sua glória!” Como reage Isaías? Toma consciência de sua pequenez. A luz do Senhor evidencia suas falhas, sua insuficiência, sua pobreza moral e a de seu povo. Na presença purificadora de Deus, o cristão é tocado por ele, abrasado pelo fogo eterno e assim louva-o, predispõe-se a assumir humildemente a missão de iluminar toda a criação com o esplendor de Deus. É tocado e transformado pelo Três Vezes Santo; santificando o nome do Senhor, é por ele santificado. Assim, enquanto ele canta: *Santo, Santo, Santo é o Senhor*, participando ativa e conscientemente da ação eucarística, a Trindade Santa mergulha o cristão sempre mais profundamente em seu insondável mistério⁶².

Invocação (Epiclese) do Espírito Santo

Continua a Ação de Graças com uma grande prece proclamada pelo presidente da assembleia (sempre o bispo ou um presbítero) em nome de todo o povo. Mesmo que seja normalmente proclamada pelo presbítero, exige a participação consciente dos fiéis, pois é oração da Igreja reunida para celebrar o mistério de Deus. É memória-presença da entrega de Jesus: sua Morte-Ressurreição, que aconteceu uma única vez (cf. Hebreus 10,10-18), torna-se presente para o povo pela ação litúrgica, ou seja, toda vez que se faz memória desses fatos salvíficos: “Todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Coríntios 11,26). Não se trata de uma repetição, mas de uma atualização simbólico-sacramental.

Isso é fundamental para entender com clareza toda a ação da Igreja-comunidade na ação eucarística. Quem realiza a Eucaristia é o Espírito Santo.

Pois, no relato da instituição, a ordem de Cristo, de fazer aquilo em sua memória, é atualizada pela invocação do Espírito Santo – concretizada pela imposição das mãos sobre as oferendas, gesto conhecido como Epiclese (invocação vinda do verbo grego *epicáleo*) – e pedindo que, pela intercessão da Igreja, o Espírito de Deus transforme o pão e o vinho em Corpo e Sangue de Jesus.

Daí a importância da invocação (Epiclese) do Espírito Santo: “Santificai estas oferendas derramando sobre elas o vosso Espírito”. Se são levadas a sério as palavras que a boca do cristão proclama, deverá este naquele momento sentir-se necessitado da força do alto, insuficiente de suas próprias forças, com sede da plenitude que só pode vir da luz do alto... Então, qual é a participação do povo na Prece Eucarística? O povo louva e agradece; invoca a força do Espírito Santo fazendo memória, traz presente a

Páscoa de Jesus e oferece, juntamente com ele, o sacrifício da salvação; também suplica pela Igreja (por todos os vivos e os falecidos). O presidente fala em nome de toda a comunidade reunida e ela atentamente o acompanha.

Pela ação memorial também o futuro torna-se presente; a vinda gloriosa do Senhor é antecipada na ação ritual. A memória abrange passado, presente e futuro. Pode-se ver como esses três momentos, ou três dimensões da *memória* litúrgica, estão presentes na aclamação mais importante da celebração eucarística: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” (ver outras aclamações nas Preces Eucarísticas).

Anuncia-se a morte do Senhor e proclama-se sua ressurreição, que aconteceu no passado. Ao fazer isso e pela força do Espírito Santo, no momento litúrgico atual – hoje –, Deus realiza a Páscoa da comunidade, fazendo-a passar da morte para a vida. Enquanto se celebra e canta “Vinde, Senhor Jesus!”, ou “até que ele venha!”, evoca-se a realidade futura na qual se espera e acredita: o Reino de Deus plenamente realizado, penetrando toda a realidade. Assim, com a eucaristização/consagração do pão e do vinho constitui-se o *corpo sacramental de Cristo*.

Continuando com a oração, merece relevo a segunda invocação do Espírito Santo, ou segunda Epiclese (a qual infelizmente não tem tanta ênfase). Não mais sobre os dons, senão sobre a comunidade dos celebrantes e dos que comungam, para usufruir ao máximo dos frutos de tão grande dom para ser, em verdade, um só sacrifício-oferta, um só corpo com Cristo. Isto é, *corpo eclesial de Cristo* reunido pelo Espírito Santo, que se compromete a estar unido como irmãos e irmãs no amor e na justiça. Finalmente, nesta ardente súplica pela vinda do Espírito sobre os participantes da celebração, existe uma profunda espiritualidade sacramental: não se deve esperar da Eucaristia nenhum efeito mágico; necessita-se da ação do Espírito de Deus para interiorizar os frutos dos dons oferecidos. Por conseguinte, assim como na primeira Epiclese, o Espírito Santo é invocado sobre o pão e o vinho para que se transforme no corpo e no sangue do Senhor; também aqui ele é invocado sobre a comunidade para que a disponha a entrar profundamente no mistério que está celebrando e atinja seu fruto máximo. Do contrário, seria impossível recolher frutos da celebração, porque tudo é dom e procede do grande Dom que é a própria pessoa do Espírito Santo. De fato, esta segunda Epiclese dá pleno sentido à primeira.

Coloca-se tudo nas mãos de Cristo, que o une a seu próprio gesto de entrega, de doação, de ofertório... Fazendo assim, anunciamos a morte do Senhor (presente em nossas próprias mortes) e proclamamos sua ressurreição (atuante em nossas próprias vidas), confiando que, nos caminhos tortuosos da história, até que ele venha, sua mão invisível continuará nos guiando. Eis o mistério da fé! É a Páscoa acontecendo diariamente entre os cristãos e a comunidade. É Deus trocando morte por vida a partir de pequenos e grandes gestos de doação, de entrega. São rios de água viva brotando do trono de Deus e do Cordeiro (cf. Apocalipse 22)⁶³.

Por Cristo, com Cristo, em Cristo

Não é de admirar que toda esta maravilhosa manifestação festiva da Igreja-comunidade, reunida e convocada no Espírito, unida a Jesus Cristo, termine com uma jubilosa conclusão, que se refere decididamente ao tema dominante desde os primeiros acentos e o faz desembocar em grandiosa glorificação conclusiva, remetendo-se vigorosamente ao único Mediador e Salvador: o Cristo Senhor que, na unidade do Espírito Santo, faz tornar tudo ao Pai: “Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”.

A grandiosidade deste final *in crescendo* corresponde à jubilosa ratificação da assembleia com o grande *Amém*, a aclamação mais importante de toda a celebração. Segundo o testemunho de São Jerônimo, o *Amém* ressoava como um trovão nas antigas basílicas de Roma e de Milão, como adesão interior e comunitária de fé, de participação plena e jubilosa na salvação operada por Cristo. Também Santo Agostinho lembrava emocionado que até as colunas tremiam no momento do grande *Amém* na Liturgia Eucarística celebrada na catedral de Hipona (atual Anaba, na Argélia, África do Norte).

Chegando ao final da Oração Eucarística, o presidente ergue bem alto o pão e o cálice com vinho, as espécies sacramentais, e diz com força e entusiasmo: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”. É o momento do “brinde”; como se todos os participantes que acompanharam atentamente a ação de graças, ou – podemos dizer – discurso de homenagem, de repente, dissessem a uma só voz, num só corpo eclesial: “Ele merece! Ele merece!” Este momento, literalmente chamado *doxologia* (palavra grega que significa exultação, glorificação), é o ponto alto da Liturgia Eucarística: é o momento da única grande elevação do pão e do vinho. A doxologia final é como que a síntese de tudo o que foi dito até aquele momento. Síntese também, expressão de nossas vidas vividas em louvor e gratidão a Deus, por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo. Esta proclamação deve ser impressionante, jubilosa, cheia de profunda admiração e gratidão por tudo aquilo que Deus é e faz por todos. A aclamação final, o grande *Amém*, é o *Sim* de uma aliança renovada; renovada na fé e no compromisso que os cristãos aceitam, pessoal e comunitariamente, para trabalhar por um mundo melhor, mais justo e fraterno.

A palavra hebraica *amém* é construída a partir da raiz *aman*, que conota noções afins à estabilidade, verdade, firmeza. Por isso, os batizados celebrantes respondem com a palavra mais importante e comprometedora que poderiam pronunciar nesse momento: *Amém*. A assembleia clama a Deus Pai: é assim!, estou presente!, me envolvo!, me comprometo!, é minha vida toda se oferecendo com Jesus, a única oferta justa e aceitável pelo Pai!, Jesus Cristo é o nosso Amém, para a glória de Deus Pai!, é verdade, assino embaixo de tudo o que o presidente disse! E Justino (100-160) acrescenta que essa expressão é como que um auspício de bens e graças: “Possas realizar tudo que o

presidente disse! Possa realizar-se o pedido que fez em nosso nome!” Segundo Dionísio de Alexandria (+265), uma pessoa que participa da Oração Eucarística não pode dizer amém se não a escutou atentamente e compreendeu profundamente.

Infelizmente, hoje se canta e se vibra pouco por falta de compreensão do sentido profundo desse momento ritual. As palavras da doxologia devem soar qual grito jubiloso e exultante, como inteira adesão a Cristo para o Pai. Pode-se acrescentar que com este *Amém* se vai, desde agora, antecipadamente, treinando para o eterno e celestial louvor, o Aleluia pascal da vida futura, da Liturgia perfeita, do canto eterno que os remidos pelo Sangue do Cordeiro cantarão a Deus sem cessar junto dos anjos, conforme o Apocalipse de São João⁶⁴.

Rito de Comunhão

O termo comunhão, em sua etimologia, não é corretamente interpretado quando se pensa como comum+união. É um sentido bonito, porém esconde outra raiz não menos significativa: comunhão vem de *cum-múnus/muneris*: ofício, missão, encargo. A comunhão põe os cristãos numa mesma missão. Na celebração eucarística, pela comunhão, acontecem as duas realidades. Entramos em íntima união com o mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus e, assim, somos inseridos no coração do desígnio salvífico de Deus Pai, pela ação do Espírito Santo. Igreja não se faz na pura singularidade, mas somente em comunidade, em comum união entre todos. Ao mesmo tempo, assumimos a missão de viver em comunidade tal realidade salvadora⁶⁵.

Pai-Nosso

A Oração do Senhor é como que um prolongamento do louvor da Oração Eucarística; em parte se parece com as preces. O presidente da celebração convida a rezá-la num só coração para dizer todos juntos: *Pai nosso!* Preciosa e carinhosa exclamação comunitária para aquele que se manifesta como o Pai de todos. Os cristãos rezam juntos (pode ser de mãos dadas) deixando de lado as desavenças, perdoadando as ofensas feitas, relativizando as diferenças. A assembleia é chamada a reconhecer o Reino, o poder e a glória de nosso Deus, que ama e quer o bem de todas as pessoas. Diante dele todos são iguais. Reconhecer essa igualdade é a base de toda paz verdadeira e duradoura.

O Pai-Nosso acompanhou desde cedo as orações dos cristãos, substituindo as tradicionais preces do judaísmo, por exemplo, o *Shema, Israel!* Sabe-se com certeza que, a partir do século VII, passou a ser rezado na Missa logo após a doxologia final da Prece Eucarística, marcando assim o início do rito da comunhão. Esse lugar estratégico em que foi inserida a Oração do Senhor aparece nitidamente como uma ponte que une dois grandes momentos: o da Prece Eucarística e o da Ceia.

Como essa oração prepara para a comunhão? Ela lembra a todos de uma necessidade

fundamental para poder comungar: pedir o perdão dos pecados e perdoar as pessoas que nos ofenderam, de modo que não carreguemos rancor ou ódio contra alguém (cf. Mateus 5,23-24). A comunhão com o Senhor implica em comunhão entre todos os cristãos e com toda a humanidade (cf. 1João 4,20)⁶⁶.

O Abraço da Paz

Nas celebrações, o gesto do abraço da paz pode ter várias motivações e sentidos. Por exemplo, pode ser sinal de união: em Cristo todos são irmãos, reunidos em seu amor (cf. Gálatas 3,28). A união tem como fundamento o amor de Cristo e seu Reino. Pode ser feito como sinal de reconciliação: só é possível viver em comunidade quando se aprende a perdoar uns aos outros, sempre de novo, a se aceitar mutuamente com todas as dificuldades, com opiniões divergentes. Sem perdão entre os irmãos não é possível esperar o perdão de Deus (cf. Mateus 5,23-24; 18,21-22). Mas, também pode ser feito como desejo de *shalom*, isto é, desejando para o próximo um bem-estar total: físico, psicológico e espiritual – paz interior e plena. É o estado do ser humano que vive em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os irmãos e com Deus. *Shalom* é bênção, felicidade, paz, justiça e vida.

Os antigos cristãos afirmavam que o beijo da paz era o selo da oração; beijo que podia ser realizado como saudação depois da LP, da Oração dos Fiéis ou depois do Pai-Nosso.

É importante evitar no abraço da paz manifestações mirabolantes levadas pelo puro sentimentalismo, em que, além de tumultuar a celebração, corre-se o perigo de esvaziar a ação litúrgica, pois toda ela é o verdadeiro sinal de paz e reconciliação ligada à vida cotidiana, onde a caridade operosa revela a verdadeira paz cristã.

Esse gesto simbólico chegou até hoje proveniente de diversas tradições. Em alguns ritos vigorava o ósculo da paz, ou seja, o beijo da paz. Em outros, era mais frequente o abraço da paz. Havia diferenças quanto ao momento desse rito: no início da celebração; no começo da Liturgia Eucarística, como cumprimento (lembramos Mateus 5,23-24); ou antes da comunhão, como se faz atualmente.

Se para comungar dignamente é preciso estar perdoado e perdoar os ofensores, acrescenta-se mais uma condição básica: estar em paz com os irmãos e irmãs. Aquele que saudamos naquele momento representa a pessoa com quem se quer reconciliar. Gesto que completa e reafirma o perdão pedido e prometido no Pai-Nosso como condição para a comunhão. Se a comunidade não estivesse em paz no seu interior, não cumpriria a condição mínima de participar da Eucaristia (cf. 1Coríntios 11,17-34; Mateus 5,23). É muito bonito e carregado de simbolismo que a paz parta do altar. A oração que precede a distribuição da paz, feita pelo presidente, direcionada às espécies sacramentais do corpo e sangue do Senhor, indica muito bem o espírito do gesto: “Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos: eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima a vossa Igreja; dai-lhe, segundo o vosso

desejo, a paz e a unidade. Vós, que sois Deus, com o Pai e o Espírito Santo”. Humildade diante da condição pecadora e de confiança na fé da Igreja com o pedido de paz e unidade. É um rito de oferta e de petição de paz. Cada um participa dessa paz de Cristo, comunica-a ao irmão e dele a recebe⁶⁷.

Fração do Pão

A Fração do Pão é um dos gestos constitutivos da ação eucarística que lembra o que foi realizado por Jesus na última ceia: “Tomou o pão, pronunciou a bênção sobre ele, partiu o pão e o deu a seus discípulos”. Que bom poder “ver o Senhor”, partir o pão em cada Eucaristia e dar um pedaço a cada pessoa, expressando a união com ele e com os irmãos e irmãs na fé! O sentido é bem claro: a paz verdadeira, comunicada por Cristo, é condição para a comunhão. A paz de Jesus, desejada e comunicada na saudação (por meio dos gestos do abraço e do beijo), expressa a unidade, a superação de tudo que divide e separa. Caso contrário, comungar o corpo e sangue de Cristo seria uma contradição na vida dos cristãos; um contratestemunho gritante. É sempre bom pensar nesse gesto com sinceridade, afeto, carinho e verdade.

O pão partido é o gesto da vida partida, entregue; vida do Cristo doada para a salvação de todos, recebido nas mãos, para que se comungue com ele: comunhão de vida com o Pai, com os irmãos, com a natureza. É comunhão com a vida triturada e rasgada dos pobres, da natureza agredida, do Cristo torturado e glorificado para assumir em tudo e incluir toda a humanidade em sua oferta de louvor... Louvor da vida que o pão expressa e realiza.

Em que momento da missa se deve fazer a fração do pão? Jamais durante a narrativa da última ceia na Oração Eucarística ou no momento da comunhão, como costuma acontecer por aí! Deve ser feita entre a Oração Eucarística e a comunhão, enquanto se canta o *Cordeiro de Deus*.

A Fração do Pão é uma ação ritual visível, acompanhada meditativamente pela assembleia com o canto do Cordeiro. Este canto pertence à assembleia, e por isso não deve ser entoado nem recitado por quem preside.

Sendo este um dos gestos constitutivos da Eucaristia, infelizmente, hoje quase não é notado pelos fiéis. Para as primeiras comunidades cristãs, celebrar a Eucaristia era “partir o pão” (*fractio panis*). Bispos e presbíteros partiam os pães consagrados que lhes eram trazidos pelos acólitos em pequenos sacos de linho. Fazer isso era necessário para que a comunhão pudesse ser distribuída ao povo. Vale lembrar que, nas refeições judaicas, cabia ao pai de família partir o pão. A esse gesto foi acrescentado depois o simbolismo do Cordeiro imolado na nova Páscoa dos cristãos. Partilhar do mesmo pão significa partilhar também os dons e bens recebidos, para que “não haja necessitados na comunidade”⁶⁸.

Cordeiro de Deus

A simbologia do *Cordeiro* é extremamente bíblica, sobretudo como vítima sacrificial. Remonta às experiências fundamentais do povo de Israel. Os povos nômades sacrificavam ritualmente cordeiros e usavam seu sangue como sinal de purificação física e espiritual. Era um rito de defesa, de preservação contra os malefícios, doenças, inimigos... Comer sua carne era opcional (Deuteronômio 32,14; Amós 6,4), símbolo de inocência (Isaías 53,7), de fragilidade (Salmo 118,76; Oseias 4,16). O povo de Israel relacionará tais sacrifícios ao fato da libertação da escravidão no Egito. O sangue do cordeiro os protegeu do anjo exterminador (Êxodo 12,1-14). Sacrificar o cordeiro no deserto foi o pretexto para a fuga. Séculos depois, Israel instituiu o rito da páscoa como memorial de sua libertação.

O Novo Testamento assume essa simbologia pascal do Antigo, identificando Cristo com o *cordeiro sem mancha* indicado por João, “o mergulhador” (cf. João 1,29-36; 19,36; 1Coríntios 5,7) passando pelos Atos (8,32) até o livro do Apocalipse, onde aparece o cordeiro imolado em toda a sua glória a iluminar a cidade celeste (5,6-12; 13,8; 21,23).

A instituição da Eucaristia se faz no contexto de uma ceia pascal, e é nela que se come o divino Cordeiro. João, em preparação àquela ceia derradeira, faz coincidir a hora da morte de Jesus na cruz com a do sacrifício dos cordeiros no templo para a páscoa judaica⁶⁹.

Como tudo na Liturgia Eucarística, é importante levar em conta que a invocação do Cordeiro de Deus acompanha a Fração do Pão. Por causa disso, pode-se repetir quantas vezes for necessário até o final do rito. A última vez conclui-se com as palavras “dai-nos a paz” (cf. IGMR 8).

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor

A assembleia é realmente feliz e privilegiada de partilhar com o Senhor sua Santa Ceia. Nela parte o pão e comunga para se tornar, pela força e graça do Espírito Santo, um corpo eclesial (Igreja/comunhão) a serviço da vida na sociedade e no mundo, de acordo com a aliança que Deus estabelece com todos os povos e até com o cosmo. Partilhando da Ceia Santa, nasce uma relação fraterna e solidária com todos os que necessitam de ações caridosas; exige lutar pela fome do mundo, material e espiritual, fome de pão e fome de relacionamento, carinho e afeto; de igualdade, de partilha e doação.

Nicolas Cabásilas, falando sobre o insuperável momento da comunhão, afirma com força impressionante:

Não abriremos a boca a uma língua malévola se tivermos em mente a mesa eucarística da qual brotou o sangue que tingiu de púrpura essa língua. De que modo usaremos os olhos para fixar o que não se deve, quando contemplaram tão tremendos mistérios? Não moveremos os pés, nem estenderemos as mãos para o mal, se considerarmos ativamente na alma que nossos membros são membros de Cristo, membros sagrados que contêm seu sangue como uma taça. (*A vida em Cristo*).

Fica claro então que é preciso considerar o mistério eucarístico, não só em si mesmo, mas também em relação aos problemas hodiernos: o mundo de ganância, corrupção, guerra, individualismo, prazer egoísta, pobreza, desigualdade social, apego ao dinheiro e ao poder, discriminação das minorias étnicas e das mulheres. Participar da Eucaristia inclui um maior compromisso de fraternidade e de serviço aos mais necessitados, porque a Eucaristia é fonte e epifania de comunhão. Toda e qualquer missa celebrada apenas como rotina ou como devoção não merece o nome de Eucaristia. Sem dúvida, a participação na Eucaristia é um gesto eticamente comprometedor.

O Senhor não instituiu a Eucaristia para ser simplesmente contemplada. Ele a instituiu em função das bocas que se nutrem dela; instituiu-a para que seja comida. Esse é o ensinamento autorizado da Epiclese eucarística, considerada simultaneamente como súplica pela transformação das *oblatus* (pão e vinho oferecidos) e como súplica por uma crescente transformação que vai preparando os cristãos para acolher o reino definitivo (escatológico)⁷⁰.

Distribuição da Comunhão

O pão e o vinho, agora consagrados/eucaristizados no Corpo e no Sangue de Jesus, voltam para as mãos do povo repartidos e oferecidos em comunhão. Tudo aquilo que se afirmou e proclamou na Prece Eucarística é agora assimilado pelos cristãos corporal e espiritualmente, fazendo parte deles mesmos, fazendo parte da vida, transformando e pascalizando toda a realidade (cf. 1Coríntios 10,16-18).

Qual é a ação adequada no momento de comungar? Avançar juntos em procissão. Ouvir atentos e agradecidos as palavras do ministro que oferece o pão e o vinho: “O corpo e o sangue de Cristo”. Responde-se: “Amém”; isto é: sim, sei que, em Cristo, somos um só corpo; somos chamado a viver sempre mais esta realidade profunda (cf. Gálatas 2,20). É isso mesmo que se quer: participar do corpo do Senhor. É um amém pessoal, livre, consciente e agradecido. Pois, entrando na procissão de comunhão para receber o corpo e sangue de Cristo, assume-se o compromisso de viver como membros ativos da comunidade eclesial a serviço do Reino de Deus. Assume-se o alegre compromisso de lutar por uma economia solidária e por criação de postos de trabalho para todos, de viver a partilha para que ninguém passe necessidade, de cuidar da sobrevivência ecológica da Terra, para que todos tenham saúde, educação e dignidade humana.

Seja qual for a forma exterior do rito, o importante é sua finalidade última: entrar em sintonia agradecida com o dom de Cristo, responder interiormente com fé e amor à doação do corpo e sangue de Cristo; expressar que isso acontece no âmbito da ação eclesial, e não só em termos de devoção pessoal.

Uma das mais notáveis exortações à atitude requerida para receber o pão eucarístico é a de São Cirilo de Jerusalém (séc. IV), em suas catequeses mistagógicas sobre a Eucaristia:

Quando te aproximares para receber o corpo do Senhor, não te aproximes com as palmas das mãos estendidas nem com os dedos separados, mas fazendo de tua mão esquerda como que um trono para tua direita, onde o Rei irá repousar. Com a cavidade da mão recebe o Corpo de Cristo e com a boca responde: Amém.

O modo mais expressivo é o de estender a mão esquerda, bem aberta, fazendo com a direita, também estendida, “como um trono” – como dizia São Cirilo –, para, em seguida, com a direita, tomar o Pão e comungar ali mesmo, antes de voltar a seu lugar. Não se “pega” o Pão oferecido com os dedos – à maneira de pinça – mas deixa-se que o ministro o deposite dignamente na palma aberta da mão. O Pão eucarístico não se pega: ele é acolhido.

Hoje a maioria das pessoas recebe o pão eucaristizado de pé e na palma da mão, que se torna verdadeira patena cálida e viva, qual delicada flor que se abre para receber o Corpo de Cristo⁷¹. Evidentemente, quando os fiéis vão receber o Pão e o Vinho por intinção, isto é, molhando o Pão parcialmente no cálice com vinho, não é apropriado colocar nas mãos o Pão já molhado. Eles comungarão diretamente na boca ou receberão o Pão na mão e o molharão no cálice, ou, recebendo-o primeiro, o comerão, e a seguir beberão diretamente do cálice.

Em qualquer caso, há de se fazer o gesto com lentidão, carinho e dignidade. A confiança dos filhos e filhas que se aproximam da mesa do Pai não deve dar em momento algum a menor impressão de vulgaridade, ou de falta da devida veneração pelo mistério que, agradecidos, celebram e recebem.

É preciso dar ao diálogo sua devida importância: o ministro que distribui a Eucaristia mostra o Pão e o Vinho ao fiel dizendo: “O Corpo e O Sangue de Cristo”, e espera a resposta: “Amém”, para entregar pausadamente a comunhão.

O momento de comungar é de grata alegria, entrega, união em Cristo e renovação pascal da parte, tanto de quem serve, como de quem é servido. Não se deve inventar gestos adicionais, devocionais, como ficar ajoelhado no banco, ou diante do sacrário ou das imagens dos santos; andar com o terço na mão, estender os braços em forma de cruz, colocar as mãos atrás do corpo (para expressar que não se quer receber a comunhão na mão).

Deve-se trabalhar com afinco em todos os âmbitos e níveis da catequese para fazer acontecer logo a comunhão em duas espécies. É a chamada “perfeita comunhão” desejada pelo Concílio (cf. SC 55). Jesus pediu para fazermos assim: tomar parte no pão e no vinho. Se já foi introduzida a comunhão em duas espécies, não será hora de introduzir o uso do pão sem fermento no lugar de hóstias?⁷²

Purificação dos utensílios

Momento de silêncio ou reflexão depois de comungar. Terminada a distribuição da comunhão, pode ser oportuno entoar um salmo ou outro canto de louvor, se bem que é

preferível deixar um espaço de silêncio para que Deus possa agir nos corações à vontade, curtindo o que Deus fez por todos em Jesus Cristo e que se realizou na comunhão. Um canto poderia expressar isto: Deus faz maravilhas pelos cristãos no Filho amado, Jesus Cristo. Mas, essa segunda opção não substitui à altura nem se iguala ao silêncio (cf. IGMR 80).

O que fazer? Depois de comungar, deve-se ficar sentado; não ajoelhado (ajoelhar-se é um gesto de submissão ou de adoração). Na última ceia, Jesus não pediu para ser adorado. Pense um pouco: comungando, acaba-se de comer e beber o corpo e o sangue de Cristo, isto é, entra-se em comunhão com a sua própria vida que envolve e toma para si e para seu projeto de vida e salvação. O Cristo assume, cristifica todo o ser dos cristãos, de tal forma que se pode dizer como Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20). Nossa vida se faz *uma só carne* com a vida de Jesus⁷³.

Oração depois da Comunhão

A celebração chegou ao final e o presidente agradece expressamente com a proposital Oração depois da Comunhão. Esta oração é a última das três orações presidenciais em que, com frequência, se pede ao Senhor que os frutos da comunhão sejam eficazes e duradouros para todos. O presidente diz: “Oremos”. Momento de silêncio, em que cada um se recolhe em seu íntimo para agradecer o que foi vivido na celebração, especialmente a participação na comunhão. Apresenta-se no silêncio do coração a maravilhosa experiência do amor celebrado. O presidente, ao recolhê-la, oferece-a ao Pai com a Oração depois da Comunhão. Costuma ser o último pedido para que se viva no cotidiano e para que seja conduzida à plenitude da vida toda a força do mistério que foi celebrado. Enfim, pede-se que os frutos da celebração se prolonguem vivos e jubilosos hoje e sempre, e que os cristãos sejam no mundo presença convincente do exigente amor a Deus e aos irmãos – atitude que resume toda a Lei e os profetas, e que tem aí sua plenitude (cf. Romanos 13,10).

O Rito de Comunhão se encerra com a Oração depois da Comunhão. Não é uma oração de agradecimento, mais sim uma oração em que “se imploram os frutos do mistério celebrado” (IGMR 3), voltados para a missão no mundo: que se possa viver lá fora, na vida do dia a dia, aquilo que se experimentou na celebração. É um anseio de continuar no cotidiano a graça do sacramento que se recebeu. A comunhão não é um simples ato de piedade, é um compromisso com o Senhor que se uniu a todos. Quem não faz nada por Cristo é claro que não aproveitou a celebração; esteve presente, mas não chegou a participar no sentido que a Liturgia entende.

Esta oração tem como fonte a ação eucarística realizada, que projeta e direciona toda a ação comunitária à missão, à vida cotidiana. A Oração depois da Comunhão é o último momento da LE, e é a oração que toda a assembleia dirige ao Pai, pedindo para que a Comunhão recebida desabroche em frutos abundantes na vida dos fiéis.

O sacramento celebrado santifica e fortalece o povo cristão e faz aumentar em todos o amor mútuo, para permanecerem para sempre unidos ao Senhor, jamais cessando de dar graças. Mas, o fruto final será sempre a vida eterna: sempre se está rumando para a Jerusalém celeste.

Esta oração – não é demais lembrá-lo – será sempre feita antes dos avisos da comunidade, para não quebrar a harmonia que existe entre a comunhão, o silêncio e a oração⁷⁴.

4. Ritos Finais

Todo fiel é um amém que se tornará um aleluia. (Th. Spidlik)

Por que os Ritos Finais (RF)

A última parte da celebração, mais breve que as outras, ostenta como principal objetivo despedir os fiéis exortando-os a retornarem para suas casas louvando e bendizendo ao Senhor, e para que sejam, durante a semana, testemunhas-discípulos e discípulas de Cristo, vivendo a caridade nos seus atos e pregando a Palavra a seus semelhantes. Na verdade, a sequência dos RF é bastante simples, mas esconde uma lógica profunda e muito importante para os cristãos: são enviados ao mundo para continuar a mesma missão de Jesus!

Com os RF, os cristãos são enviados em missão (cf. Marcos 3,14), para serem sacramento de unidade e de salvação de todo o gênero humano (*Lumen Gentium* 1), mensageiros de transformação pascal, de solidariedade, paz, justiça, vida, salvação e aliança entre todos os povos.

A comunidade, alimentada com a palavra e o corpo de Cristo, é abençoada e enviada a evangelizar todas as realidades criadas, começando pela própria vida, continuando pela comunidade e atingindo a sociedade toda.

A comunidade será portadora da bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da ação pascal de Jesus, pela energia do Espírito, prolongada através de cada um no cotidiano da vida pessoal, familiar, eclesial, social... até que o sonho da Trindade se realize e “Deus seja tudo em todos”. “A glória da Trindade é a realização do Reino” (Pedro Casaldáliga).

Avisos da comunidade

A comunidade cristã autêntica é aquela que se encontra aos domingos para celebrar a Missa... *Comunidade* significa comum-unidade, isto é, a vivência em comum, a participação conjunta na vida e na rotina da Igreja, como faziam os primeiros cristãos: “Todos os fiéis (a Jesus) viviam unidos e tinham tudo em comum” (cf. Atos 2,44).

Assim, os avisos da comunidade são importantes para sua própria vida, pois apontam as atividades que se desenvolverão nos próximos dias como missão específica da Igreja. É o chamado para que os presentes à Missa venham participar, viver na comunidade, em comum-unidade!

Os avisos na celebração são, podemos dizer, um “mal necessário”. Fazê-los é uma das funções do animador. Os avisos – segundo a importância que possuam – devem ser anunciados prioritariamente pelo animador, mas, se for o caso de algum aviso envolver

particularmente as atividades de alguma pastoral, seja feito por seu representante ou pelo próprio presidente.

O primeiro a salientar: os avisos significam um serviço comunitário; portanto, como diretriz, devem ser dados com delicadeza e eficácia, deixando-se de lado todo exibicionismo. Devem ser transmitidos de forma clara, objetiva, enxuta e atraente, sem qualquer demora e chatice. Procura-se criar um clima de atenção e escuta para o momento dos avisos.

Antes de iniciar a celebração, o animador procura dar uma olhada nos conteúdos dos avisos e tenta sintetizá-los e organizá-los, para evitar irresponsáveis demoras. Se for necessário, adie alguns avisos para o próximo domingo. Quando os recados contêm datas, é preferível repeti-los com a assembleia para memorizá-los. É preciso ser simpático e não abusar da boa vontade das pessoas. Se ao final da celebração alguém vai consultar o animador à procura de esclarecimento sobre os avisos comunicados, por favor, que seja atendido com gentileza.

O ideal é que os avisos sejam dados em sua proximidade: apenas aquilo que se dará durante a semana em questão, admitindo-se como única exceção os eventos de maior envergadura, que mobilizem por exemplo toda a diocese, a região ou a cidade (assembleias diocesanas ou paroquiais, campanhas, retiros etc.), em virtude da complexidade que implica sua organização, pois a comunidade não costuma se lembrar de tudo.

Avisos longos e multiplicados: uma chatice! Os avisos também devem ser organizados de acordo com o grau de importância, segundo o que deve ser anunciado primeiro e o que deve ser deixado para o final; recomenda-se que seja dado um espaço final para o presidente (com maior preeminência se for o pároco). Não esqueçamos que a comunidade já está em clima de despedida: não faz muito sentido querer segurá-la.

Partindo da experiência popular das comunidades após os avisos, pode-se incluir elementos bastante agradáveis nas celebrações: a homenagem a Maria, a Mãe do Senhor, e também outras, como por exemplo aos padroeiros, aos aniversariantes, aos recém-nascidos, a pessoas da comunidade, breves encenações etc.⁷⁵

Bênção final

O presidente da celebração despede a comunidade desejando que o Senhor continue renovadamente presente em sua vida, comunicando-lhe sua paz. Em seguida, efetua a bênção: “Abençoe-vos o Deus Pai, Filho e Espírito Santo”. Essa pode ser simples ou solene, conforme o tempo litúrgico e segundo os vários modelos apresentados no Missal romano.

O povo, marcado novamente com o sinal da cruz, vencedora de todo pecado e de todas as mortes, responde a uma só voz: Amém! Lembrando biblicamente seu significado eclesial, o povo acredita, acolhe e se entrega a seu desígnio de amor,

concretizando-o no dia a dia, nas labutas da vida. Que bom que seja assim! Vem, Trindade Santa, vem!

Ser abençoado é ser bendito (bem falado) pela Trindade Santa no final da celebração. É ser carregado pela Trindade para dentro do mundo, onde cada cristão deve ser uma bênção, para fazer dele família de Jesus, família de irmãos e irmãs, lugar de alegre convivência, na verdade, na justiça, no perdão e na solidariedade; uma sociedade de iguais, em que as riquezas da criação, da produção, da ciência, da cultura, do lazer, estejam ao alcance de todos, sem distinção.

É claro que as últimas palavras do presidente ou do diácono manifestam o desejo de que todos os que participaram da Ceia do Senhor continuem em paz, na companhia do Senhor Jesus. A assembleia, consciente da grandeza da qual se revestiu naquela celebração, responde agradecida: demos graças a Deus!⁷⁶

Despedida e canto de dispersão

A seguir, o presidente da celebração ou o diácono despede-se da assembleia. Desde o tempo da missa em latim o povo escutava *ite missa est*, que significa literalmente: “Podem ir embora, a missa acabou”. Porém, o sentido espiritual é precioso: “Meus queridos irmãos e irmãs, a missa terminou e começa agora a vossa missão evangelizadora”. Missa/celebração e missão, uma só coisa em duas partes: trabalho e celebração. Dois lados de uma mesma moeda! Agora é o momento de dar testemunho da ressurreição de Jesus diante dos irmãos. É um mandato, um envio para a missão; ou seja, os cristãos são impulsionados a disseminar a força renovadora de Cristo Ressuscitado em todos os âmbitos da vida: no lar, no trabalho e na sociedade. A celebração litúrgica é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força. Pois todos os trabalhos apostólicos têm como objetivo levar todos os que, pela fé e pelo Batismo, foram feitos filhos e filhas de Deus a viverem concordes na piedade e na fraternidade (cf. Romanos 12,1-2).

Ao final de cada missa, quando o presidente despede a assembleia (...), todos devem se sentir enviados como “missionários da Eucaristia”, para difundir em qualquer ambiente o grande dom recebido. Quem de fato encontra Cristo na Eucaristia não pode deixar de proclamar com a vida o amor misericordioso do Redentor. (João Paulo II)

O melhor a fazer enquanto o canto final é executado é dispersar-se cantando. A finalidade desses ritos (canto e despedida) é mesmo de dispersar, de despedir, de enviar em missão para o mundo afora. Por isso, a natureza desses ritos pede que sejam breves, e eles devem permanecer desse jeito. Quem preside pode empregar palavras ou ideias extraídas da festa celebrada ou do evangelho proclamado, desde que isso não se torne jamais uma pseudo-homilia⁷⁷.

Conclusão

Concluo convidando-os a celebrar com ardor e seguir celebrando com muito amor...

É preciso nunca ter medo da utopia. Eu gosto muito de repetir: quando se sonha sozinho, não é senão um sonho; quando se sonha em mutirão, já é a realidade. A utopia partilhada é o esteio da história. (Dom Hélder Câmara, *Circulares Conciliare*)

Senhor / eu quero te agradecer / pois todos os dias a gente pode conversar. / Senhor / o mundo precisa te conhecer / mas eu te prometo que vou evangelizar. / Eu quero / te dizer agora / que eu já vou embora / evangelizar.⁷⁸

Aproveitando o conteúdo tão bonito deste canto, gostaria de deixar alguns pensamentos que brotam do mais íntimo de meu coração, com o intuito de contribuir carinhosamente para uma renovada mentalidade celebrativa do povo.

Terminada a celebração pascal dominical, voltamos para casa; voltamos para a vida. Sabemos que para o cristão a vida tem dois lados: de um lado o trabalho e a missão; de outro, a festa e a celebração. Agora saímos da celebração, da festa, com um novo olhar, um novo sentir, um novo agir: fomos transformados, pela ação do Espírito de Deus, em corpo de Cristo no mundo, na história. Saindo da igreja, rumamos para esse mundo que se empenha em suas urgentes e dramáticas carências e necessidades, amarguras e violências, ilusões e conquistas fúteis. Nesse mundo, devemos ser sinais viventes e celebrantes do Reino, temperando-o com o Evangelho de Jesus, para que o Reino aconteça no meio de nós. Deus nos legou seu Espírito para que, inseridos no Cristo, sejamos sinal dele mesmo no mundo. Isso requer muito – apesar de nossa fragilidade – de nossa vontade, abertura e humilde docilidade aos impulsos do sopro divino (cf. 2Coríntios 4,7).

Encontramos Jesus Crucificado-Ressuscitado, “o Primeiro e o Último, Aquele que vive para sempre” (cf. Apocalipse 1,17), nos mistérios celebrados e festejados (São Leão Magno), mas sabemos que, depois de celebrar e tocar nosso Deus em Jesus Cristo, nos sinais visíveis que a Igreja prepara para nós, esperamos que o vivido sacramental e ritualmente, na celebração, tenha continuidade na vida diária, no testemunho no meio do mundo. Isso nos lembra que, “saciados pelos sacramentos pascais, sejam concordes na piedade (...) conservem em suas vidas o que receberam pela fé, sejam estimulados para a caridade premente de Cristo”. Devemos sempre trazer em nosso corpo a morte de Jesus, para que também sua vida se manifeste em nossa carne mortal (cf. SC 10-11). Ou seja, a memória da morte-ressurreição de Jesus celebrada na Liturgia deve encarnar-se em nossa vida como oferta e doação; unindo-nos à vida de Jesus na celebração eucarística, prolonguemos em nosso cotidiano, com palavras e ações caridosas e simbólicas, a ação transformadora de Cristo e de seu Espírito.

Mas, a força renovadora da ressurreição do Senhor não pode ficar limitada somente a nós, os humanos. A presença ativa e transformadora do Ressuscitado nos impulsiona ardorosamente a querer atingir de modo transformador toda a realidade pessoal, social, política, cultural, universal e cósmica. Imersos em seu mistério, queremos abranger toda a história, desde a criação até sua plena manifestação, passando por todos os ambientes,

circunstâncias e situações, sejam eles de vida ou de morte: fome, miséria, desigualdade social, violência, consumismo, dependência, discriminação e exclusão social, racial, religiosa, falta de sentido de vida etc.

Compromisso que o Papa Bento XVI reafirma numa homilia:

Após a celebração, a opção fundamental feita na celebração deverá expressar-se em atitudes de vida: (...) disponibilidade para partilhar (...) compromisso com o próximo (...) formas de voluntariado, modelos de serviço comunitário e fraterno (...) cuidado com os idosos na sua solidão, e de todos quantos sofrem (...) comprometermo-nos com um mundo melhor. Provocará uma profunda mudança de vida: (...) deixaremos de nos adaptar a ir vivendo, preocupados unicamente com nós mesmos, para vermos onde e como somos necessários. Vivendo e agindo assim, bem depressa nos daremos conta de que é muito mais belo ser útil e estar à disposição do próximo do que preocupar-se unicamente com as comodidades que nos são oferecidas.⁷⁹

Sempre será claro e manifesto que a raiz e fonte para nunca desistirmos de fazer um mundo e uma história melhor será o privilégio de poder celebrar o mistério pascal de Cristo acontecendo hoje, aqui e agora, como “páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo”⁸⁰.

Gostaria de concluir este trabalho oferecendo-o carinhosamente, mais uma vez, a todos os catequistas do Brasil, pedindo-lhes que leiam devagarzinho, saboreando intimamente, a preciosa oração que o Papa Bento XVI deixou em sua visita apostólica a estas abençoadas terras da Santa Cruz⁸¹:

Guiados por Maria, fixamos os olhos em Jesus Cristo, autor e consumidor da fé, e dizemos a ele:

Fica conosco, já é tarde e já declina o dia (Lucas 24,29).

Fica conosco, Senhor, acompanha-nos, ainda que nem sempre tenhamos sabido reconhecer-te.

Fica conosco, porque ao redor de nós as sombras vão se tornando mais densas, e tu és a Luz; em nossos corações se insinua a desesperança, e tu faze-os arder com a certeza da Páscoa. Estamos cansados do caminho, mas tu nos confortas na Fração do Pão para anunciar a nossos irmãos que, na verdade, tu ressuscitaste, e que nos deste a missão de ser testemunhas de tua ressurreição.

Fica conosco, Senhor, quando ao redor de nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade. Tu, que és a própria Verdade como revelador do Pai, ilumina nossas mentes com tua Palavra; ajuda-nos a sentir a beleza de crer em ti.

Fica em nossas famílias, ilumina-as em suas dúvidas, sustenta-as em suas dificuldades, consola-as em seus sofrimentos e no cansaço de cada dia, quando ao redor delas se acumulam sombras que ameaçam sua unidade e sua natureza. Tu que és a Vida, fica em nossos lares para que continuem sendo ninhos onde nasça a vida humana abundante e generosamente, onde se acolha, se ame, se respeite a vida desde a sua concepção até seu término natural.

Fica, Senhor, com aqueles que em nossa sociedade são os mais vulneráveis; fica com os pobres e humildes, com os indígenas e afro-americanos, que nem sempre encontram espaços e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedora de sua identidade. Fica, Senhor, com nossas crianças e com nossos jovens, que são a esperança e a riqueza do nosso Continente, protege-os de tantas armadilhas que atentam contra sua inocência e contra suas legítimas esperanças. Ó Bom Pastor, fica com nossos anciãos e com nossos

enfermos! Fortalece a todos em sua fé para que sejam teus discípulos e missionários!

Bibliografia consultada e recomendada

Documentos e Estudos da CNBB

A Liturgia da Igreja católica. A Missa passo a passo. Disponível em www.cnbb.org.br.

A música litúrgica no Brasil. São Paulo: Paulus, 1999.

A Sagrada Liturgia 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2003. (Estudos 87)

Canto e música na Liturgia: princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos.
Brasília: Edições CNBB, 2005.

Formação litúrgica em mutirão. Disponível em www.cnbb.org.br.

Guia litúrgico-pastoral. Brasília: Edições CNBB, 2007.

Liturgia em mutirão. Brasília: Edições CNBB, 2007.

Outros documentos

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium.*
Petrópolis: Vozes, 1968, p. 259-306.

Dicionários

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M.. *Dicionário bíblico universal.*
Aparecida/Petrópolis: Santuário/Vozes, 1997.

VVAA. *Dicionário cultural da Bíblia.* São Paulo: Loyola, 1998.

VVAA. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo.* São Paulo: Paulus, 1993.

VVAA. *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas, 1992.

Livros sobre o tema

ALBERICH, Emílio. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental.*
São Paulo: Salesiana, 2004, p. 305-322.

ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos.* São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *A Eucaristia.* Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKHÄUSER, Alberto. *Símbolos litúrgicos.* Petrópolis: Vozes, 1999.

BOGAZ, Antônio S.; SIGNORINI, Ivanir. *A celebração litúrgica e seus dramas: um breve ensaio de pastoral litúrgica.* São Paulo: Paulus, 2003.

- BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- _____. *O ministério de leitores e salmistas*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. “Participação do povo na Liturgia Eucarística”. In: *Revista de Liturgia* 153, São Paulo, maio/junho 1999.
- _____. *Celebração do Domingo ao redor da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *A Palavra de Deus na Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *Liturgia, de coração: espiritualidade da celebração*. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. *A Missa: memória de Jesus no coração da vida*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Pão e vinho para nossa ceia com o Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____; SILVA, José A. da. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. Vol. I. São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003.
- COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica na Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- FISCHER, Balthasar. *Sinais, palavra e gestos na Liturgia: da aparência ao coração*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2005.
- GUARDINI, Romano. *O sinais sagrados*. São Paulo: Quadrante, 1993.
- _____. *Il testamento de Gesù*. Milão: Vita e Pensiero, 1993.
- GRÜM, Anselm. *Eucaristia: transformação e união*. São Paulo: Loyola, 2006.
- KONINGS, Johan. *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LAFONT, Ghislain. *Eucaristia. Il pasto e la parola. Grandezza e forza dei simboli*. Leumann: Elledici, 2005.
- LIBÂNIO, João Batista. *Como saborear a celebração eucarística?* São Paulo: Paulus, 2005.
- LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e espiritualidade do padre diocesano*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 30-61.
- LUTZ, Gregório. *Vamos celebrar*. São Paulo Paulus, 2003.
- _____. *O que é Liturgia?* São Paulo: Paulus, 2003.
- McLAUGHLIN, John L. *Parábolas de Jesus*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.
- MONTORO, Clodoaldo. “Formação litúrgica: comentários”. In: *Deus Conosco dia a dia, s/d*.

- PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei: o sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- RODRIGUES, Francisco. *Homilia: a comunicação oral na Liturgia*. São Paulo: O Recado, 2005.
- ROSA, Giuseppe de. *Li Amò sino alla fine*. Teologia e spiritualità dell' Eucaristia. Leumann/Turin: Elledici/La Civiltà Cattolica, 2004.
- SANTOS LIMA, Danilo César dos. "Formação Litúrgica". In: *Jornal de Opinião*, 2004 a 2005.
- SCOUARNEC, Michel. *Símbolos cristãos: os sacramentos como gestos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SILVA, José A. da. *Os elementos fundamentais do espaço para a celebração da Missa*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SIVINSKI, Marcelino; SILVA, José A. da. *Liturgia no coração da vida: comemorando a vida e o ministério litúrgico de Ione Buyst*. São Paulo: Paulus, 2006.
- TABORDA, Francisco. "Esperando a sua vinda gloriosa: eucaristia, tempo e eternidade". In: *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* 61, setembro de 2005.
- _____. "Da Liturgia à catequese. Por uma catequese mistagógica dos sacramentos". In: *Revista de Liturgia* 192, São Paulo, novembro-dezembro 2005, p. 4-7.
- TAVARES, Sinivaldo S. "Epiclese eucarística: uma dimensão a ser redescoberta ainda". In: COSTA, Paulo Cezar (org.). *Sacramentos e evangelização*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 103-115.
- VVAA. *As introduções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2003.

1. Cf. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 2007.
2. Cf. Johan KONINGS, *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 13; Ione BUYST, Participação do povo na Liturgia Eucarística, in *Revista de Liturgia* 153, 1999, p. 27; JOÃO PAULO II, Novo Milênio Ineunte 36, in *Mensagem de Santo Antônio*, 2004, p. 15; CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*, Brasília, Edições CNBB, 2006, n.º 118-122.
3. De agora em diante referiremo-nos ao Concílio Vaticano II apenas como *Concílio*.
4. De agora em diante referiremo-nos à *Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium* pela sigla SC.
5. Cf. Ione BUYST e José A. da SILVA, *O Mistério celebrado: memória e Compromisso I*, São Paulo, Paulinas/Siquem, 2003, p. 93-101.
6. A palavra Liturgia remete ao grego *leitourgia*. Provém de *leiton* (público) ou *laos* (povo) e de *ergon* (obra, ação, empreendimento). Liturgia é toda ação do povo e para o povo; é ação comunitária que visa o bem comum (cf. CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, São Paulo, Paulus, 2005, p. 15).
7. Cf. Faustino PALUDO, O povo celebrante: o sujeito da celebração, in CNBB, *A Sagrada Liturgia 40 anos depois*, São Paulo, Paulus, 2003, p. 67-75.
8. Cf. Ione BUYST, *Liturgia, de coração: espiritualidade da celebração*, São Paulo, Paulus, 2003, p. 25-26.
9. Outras imagens bíblicas expressam a mesma realidade da Igreja: ela é, no Espírito, um templo espiritual, do qual Cristo é a pedra angular (1Pedro 2,4-5), e a esposa do Cristo-Esposo (Apocalipse 19,7-9; 21,2). A comunhão entre todos os cristãos nasce desta realidade fundamental: a comunhão no Corpo de Cristo, pelo Espírito, corroborada a cada comunhão eucarística. É a manifestação da *comunhão dos santos* que o *Creio professa* (cf. Atos 4,32; 2,44-45; 4,34-37) (cf. Hermann HÄRING, Igreja/Eclesiologia, in VVAA, *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 1993, p. 378-380; Antônio José de ALMEIDA, *Lumen Gentium: a transição necessária*, São Paulo, Paulus, 2005, p. 73-78).
10. COMISSÃO EPISCOPAL PARA A LITURGIA, A Eucaristia na vida da Igreja, in *Revista de Catequese* 110, 2005, p. 59; Francisco RODRIGUES, A arte da presidência litúrgica, in *O Recado* 213, p. 46-52.
11. Cf. Antônio C. SANTINI, O Missal romano e a participação na liturgia, in *Revista Atualização* 309, 2004, p. 358-360.
12. Cf. Danilo César dos Santos LIMA, O desafio da participação, in *Jornal de Opinião* 818, 2005, p. 19.
13. Cf. Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, São Paulo, Loyola, 2005, p. 57-58.
14. Cf. BUYST, *Liturgia, de coração*, p. 136.
15. Cf. Nereu de Castro TEIXEIRA, *Comunicação na liturgia*, São Paulo, Paulinas, 2003, p. 48.
16. Luiz S. TURRA, Decidir-se a participar da missa, in *Revista Família Cristã*, 2008, p. 6-7.
17. Utilizaremos daqui por diante a abreviatura IGMR para se referir à Introdução Geral ao Missal Romano.
18. Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio, citado por Ione BUYST, *Oração Eucarística*, p. 19.
19. Cf. BUYST, *Oração Eucarística*, p. 11; Danilo César dos Santos LIMA, Ajoelhar-se durante a missa: faz sentido? in *Jornal de Opinião* 903/904, 2006, p. 19.
20. Cf. Romano GUARDINI, *Os sinais sagrados*, São Paulo, Quadrante, 1993, p. 11-12; Santos LIMA, Ajoelhar-se durante a missa: faz sentido? in *Jornal de Opinião* 903, 9/2006, 19; Antônio Sagrado BOGAZ e Ivanir SIGNORINI, *A celebração litúrgica e seus dramas: um breve ensaio de pastoral*

- litúrgica, São Paulo, Paulus, 2003, p. 121-122.
21. Cf. BOGAZ e SIGNORINI, *A celebração litúrgica e seus dramas*, p. 120-121.
 22. Cf. GUARDINI, *Os sinais sagrados*, p. 14; Cláudio PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, São Paulo, Loyola, 1999, p. 183.
 23. Sugiro para ampliar a reflexão: ALCALDE, Canto e música, 25-26; Universa LAUS, La música en las celebraciones litúrgicas cristianas, 8.2, citado por Antônio ALCALDE, *Canto e música litúrgica: reflexões e sugestões*, São Paulo, Paulinas, 1998, p. 23; Joaquim FONSECA, Música: cantando um canto novo, in CNBB, *Liturgia em mutirão: subsídios para formação*, Brasília, Edições CNBB, 2007, p. 195-196 e 198-203; também o Documento da CNBB *Canto e música na liturgia*, 2006.
 24. SANTO AGOSTINHO, Confissões, IX, 6, 14, citado por ALCALDE, *Canto e música*, p. 25.
 25. Cf. PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, 182; FLORISTÁN, *Celebrações da comunidade*, São Paulo, Loyola, 2002, p. 473.
 26. Cf. PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, p. 184; pensamentos de Frei Walter Hugo de Almeida; José ALDAZÁBAL, *Gestos e símbolos*, São Paulo, Loyola, 2005, p. 204-205; FLORISTÁN, *Celebrações*, p. 494-495; Alberto BECKHÄUSER, *Símbolos litúrgicos*, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 62-64; Francisco RODRIGUES, A arte da presidência litúrgica, in O Recado 213, p. 39; VVAA, O silêncio sagrado, in *Revista ECOando*, março/maio 2008, p. 14-15.
 27. Cf. PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, p. 181.
 28. Cf. GUARDINI, *Os sinais sagrados*, p. 9.
 29. A oração de bênção da água é muito bonita; vale a pena transcrevê-la: “Meus irmãos e minhas irmãs: invoquemos o Senhor nosso Deus para que se digne a abençoar esta água, que vai ser aspergida sobre nós recordando o nosso batismo. Que ele se digne renovar-nos para que permaneçamos fiéis ao Espírito que recebemos. (Momento de silêncio.) Senhor, nosso Deus, velai sobre o vosso povo e, nesta noite santa, em que celebramos a maravilha da nossa criação e a maravilha ainda maior da nossa redenção, dignai-vos abençoar esta água. Fostes vós que a criastes para fecundar a terra, para lavar nossos corpos e refazer nossas forças. Também a fizestes instrumento da vossa misericórdia: por ela libertastes o vosso povo do cativo e aplacastes no deserto a sua sede; por ela os profetas anunciaram a vossa aliança, que era vosso desejo concluir com a humanidade; por ela finalmente, consagrada por Cristo no Jordão, renovastes, pelo banho do novo nascimento, a nossa natureza pecadora. Que esta água seja para nós uma recordação do nosso batismo e nos faça participar da alegria dos que foram batizados na Páscoa. Por Cristo, nosso Senhor” (VVAA, *Vivendo a Semana Santa: o Mistério Pascal celebrado no Brasil*, Aparecida, Santuário, 1996, p. 192).
 30. Cf. FLORISTÁN, *Celebrações da comunidade*, p. 472.
 31. BUYST, *Liturgia, de coração*, p. 64; também Márcio A. de ALMEIDA, Liturgia e sentidos: para viver e celebrar, in *Revista de Liturgia* 205, 2008, p. 14-15.
 32. Cf. *Lumen Gentium* 1.
 33. Cf. Santos LIMA, A figura do animador da celebração, in *Jornal de Opinião* 825, 2005, p. 19.
 34. FONSECA, *Cantando*, p. 15-16.
 35. Porque Cristo é o altar verdadeiro (e nele, também nós somos altar), é natural que a mesa sobre a qual se oferece a Deus o Sacrifício de Cristo, e em torno da qual se participa do banquete pascal que é dado pelo Senhor, venha a ser chamada também de altar. Nesse sentido, a Igreja hoje ensina: “Cristo Senhor, pelo memorial do sacrifício que, no altar da cruz, iria oferecer ao Pai, instituindo-o sob a figura de banquete sacrificial, santificou a mesa em torno da qual os fiéis se reuniram a fim de celebrar a sua Páscoa. Por conseguinte, o altar é a mesa do sacrifício e do banquete; nela o sacerdote, tornando presente o Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória. O apóstolo Paulo claramente o indica ao dizer: ‘O pão que partimos não é a comunhão com o

corpo de Cristo? Já que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão' (1Coríntios 10,16-17)" (PONTIFICAL ROMANO, *Ritual da dedicação do altar* n. 3, cf. José A. da SILVA, Sentido teológico-litúrgico do altar cristão, in *Revista Mundo e Missão* 87, 2004, p. 35); Balthasar FISCHER, *Sinais, palavras e gestos na liturgia: da aparência ao coração*, São Paulo, Paulinas, 2003, p. 30; Ione BUYST, Por que beijar o altar?, in CNBB, *Liturgia em mutirão*, p. 217-219.

36. Não é bem conhecido quando e como os cristãos começaram a utilizar a prática do Sinal da Cruz. No Novo Testamento não há recomendação nenhuma desse gesto. Já nos lembrava o grande Tertuliano (século II), evocando as diversas ocasiões em que se devia fazer o Sinal da Cruz: "Não há nenhuma lei formal das Escrituras que imponha essas diversas práticas; mas a tradição as ensina, o costume as confirma, e a fé as observa" (*De corona militis*, IV,11). O mesmo Tertuliano nos lembra que os cristãos eram tidos pelos pagãos como "devotos da cruz" (*Apologética* XVI,6). O uso mais frequente do Sinal da Cruz tem a ver com o uso sacramental e litúrgico feito *in nomine Domini*, mais precisamente, em nome da Trindade – segundo Santo Agostinho. Era, sobretudo nas grandes celebrações da fé, particularmente no Batismo, que os cristãos antigos se serviam com veneração desse sinal, tendo-o, ao que parece, como durável (ou indelével, como hoje dizemos). O cristão, imerso nu nas águas vivas em nome da Trindade, ungido na totalidade de seu corpo com óleo a tal fim consagrado, o novo cristão, ao que tudo indica ainda nu, recebia enfim em seu corpo o selo, o sinete, a marca de que agora pertencia, todo inteiro, a um outro, a Deus: essa marca é o Sinal da Cruz (cf. Magno VILELA, In signo Domini, in *Revista de Catequese* 89, 2000, p. 5-18); GUARDINI, *Os sinais sagrados*, p. 3-4; Anselm GRÜN, Cadernos monásticos, in *Revista Mundo e Missão* 82, 2004, p. 35; Victorino ZECCHETTO, Símbolos pascuales, in *Revista Didascalia* 600, 2007, p. 10.
37. Cf. IONE BUYST, *Celebração do Domingo: ao redor da Palavra de Deus*, São Paulo, Paulinas, 2002, p. 51-52.
38. Cf. Gregório LUTZ, O Senhor esteja convosco, in CNBB, *Liturgia em mutirão*, p. 211.
39. O fiel, consciente de sua imperfeição e de sua participação num mundo injusto, entra na própria celebração sentindo-se pequeno, necessitado continuamente de realimentar-se com o dom da graça e do perdão em seu coração. Para tal fim, hoje, no Missal Romano, são propostos quatro modelos de atos penitenciais. O primeiro é a recitação comunitária do "Confesso a Deus todo-poderoso". O segundo é um breve diálogo: "Tende compaixão de nós, Senhor, porque somos pecadores". O terceiro é uma série de aclamações a Cristo, o Senhor, com a resposta: "Senhor, tende piedade de nós". O quarto é a bênção e aspensão da água sobre o povo (para alguns especialistas, como Theodor Schnitzler, este ato penitencial é um dos mais belos e mais autênticos: é ao mesmo tempo recordação do batismo e ato penitencial: ablução, reconforto e gesto salvífico; cf. Manoel J. FRANCISCO, Rito Penitencial, in CNBB, *Formação litúrgica em mutirão* 51, 2005). Pela história da liturgia sabe-se que antigamente este rito era reservado aos presbíteros, prática que, felizmente, foi superada com a aplicação da reforma conciliar. Por outro lado, é desejável que aos pouquinhos seja superada a prática – ainda mantida nalguns lugares – de uma "confissão rapidinha" logo antes da Missa ou durante a Missa, "para poder comungar", prática muitas vezes marcada por um sacramentalismo legalista ou um escrúpulo não bem corrigido (cf. KONINGS, *Liturgia dominical*, p. 29; CNBB, *Com Jesus, a caminho do Reino definitivo: roteiro homiléticos do Tempo Comum*, São Paulo, Paulinas/Paulus, 2004, p. 55).
40. Vale a pena ler sobre as características musicais do *Glória* em Antônio ALCALDE, *Canto e música litúrgica: reflexões e sugestões*, São Paulo, Paulinas, 1998, p. 77-78; CNBB, *A música*, n. 308, p. 132; Ione BUYST, O "Glória de Deus" na celebração dominical da Palavra, in *Revista de Liturgia* 186, 2004, p. 29.

O Glória, tão apreciado na Igreja antiga, não foi composto em princípio para a liturgia da missa. Era um canto de ação de graças para as festas e outras ocasiões. Teria sido introduzido na

Missa do Galo pelo papa Telésforo (+136). O papa Símaco (450-514) estendeu seu uso às missas dos mártires, mas somente quando fossem presididas pelo bispo. Finalmente, lá pelo século XI seu uso estendeu-se a todas as missas de caráter festivo (cf. JUNGMAN, *El sacrificio de la Misa*, Madrid).

41. Cf. Manoel J. FRANCISCO, Oração do dia, in CNBB, *Formação litúrgica* 53, 2005; FISCHER, *Sinais*, p. 67-68.
42. Cf. Maria de Lourdes ZAVARES, Liturgia da Palavra: diálogo da Aliança entre Deus e seu povo, in CNBB, *Formação litúrgica em mutirão* 54, 2005; Diálogo da aliança, in CNBB, *Formação* 55, 2005; Na Missa, o Pão da Vida é partilhado em duas mesas, in CNBB, *Formação* 60, 2005; Santos LIMA, Valorizar a Palavra na liturgia, in *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, 2005, p. 19.
43. Cf. CNBB, COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA, *Diretrizes para os redatores dos folhetos litúrgicos a respeito dos comentários antes da Liturgia da Palavra*, disponível em www.cnbb.org.br, acessado em 2/6/2007; BUYST, *O ministério*, p. 24-26.
44. O Salmo é um cântico executado ao som do saltério, instrumento musical de cordas parecido com o nosso violão. Na Bíblia encontramos um livro chamado Saltério, com 150 salmos. Há por certo salmos ou cânticos bíblicos espalhados ao longo de outros livros da Bíblia. Os salmos retratam a alma do povo em sua atitude de oração a Deus presente na História, nas horas de louvor alegre e festivo como nos momentos difíceis e conflitivos. Os salmos não são uma coletânea escrita por um autor (Davi, por exemplo), mas sim a expressão da vida de fé de um povo por séculos. Os salmos não são orações superficiais; tanto é que, depois de séculos, ainda hoje são a grande base da oração oficial da Igreja. Ao longo de toda a sua história, o povo de Deus foi expressando sua fé e sua vida cantando, suplicando e agradecendo ao Senhor Deus. Os salmos são a expressão popular das lutas, situações difíceis, pobreza, dores, sofrimentos, exílio, mas que sempre terminam louvando e agradecendo ao Senhor por sua presença, por sua aliança, sua solidariedade, sua proteção. As comunidades cristãs foram entendendo os salmos como profecias de Jesus, o Cristo. Orientadas pelo Espírito Santo, foram reinterpretando os salmos a partir dos acontecimentos da morte-ressurreição de Jesus e, também, a partir de sua própria vida e missão, como comunidades cristãs. O salmo de resposta é, podemos dizer, uma leitura cantada; portanto, exige uma boa preparação técnica e espiritual. Cf. BUYST, *O ministério*, p. 41-45; Humberto P. de ALMEIDA, *O sacerdócio e sua história*, São Paulo, Ave-Maria, 2007, p. 27; CNBB, *A música*, p. 138-139.
45. Cf. FISCHER, *Sinais*, p. 72; Marcelo R. GUIMARÃES, Hoje esta palavra se realizou para quem a ouviu, in *Revista de Liturgia* 167, 2001, p. 8.
46. Cf. VVAA, *As introduções gerais*, p. 60; Veronice FERNANDES, A presença real de Cristo na Palavra, in CNBB, *Formação* 66, 2005.
47. Quem faz a homilia? Normalmente a homilia é da responsabilidade do ministro que preside a celebração. No caso da missa, será o bispo ou o presbítero; ou, de vez em quando, o diácono. No caso da celebração dominical da Palavra, será um diácono ou um dos ministros não ordenados que estão coordenando a comunidade reunida, ou um ministro da Palavra. Na verdade, desenvolver uma homilia exige muito da pessoa. Por isso as comunidades devem ser sempre muito, mas muito agradecidas às pessoas – sobretudo leigas – que se doam a esse admirável ministério (cf. João 14,25-26; 16,5-15). Eis algumas sugestões: a) que sejam pessoas de bom senso, simples e humildes no falar; b) que sejam pessoas de fé, tenham costume de meditar e orar a Palavra de Deus; c) com suficiente preparação bíblica, litúrgica e teológica, e jeito para anunciar a Palavra; d) que seja uma pessoa ativa na comunidade; que tenha um olhar contemplativo sobre a comunidade e sobre os acontecimentos da vida; e) que acredite profundamente na força da Palavra de Deus que anuncia e se coloque a serviço dessa Palavra, e não como dono; e f) que seja uma pessoa bem aceita por parte da comunidade e reconhecida pelos responsáveis pela Igreja local (padre, bispo). Lugar da homilia: a cadeira da presidência

(de pé ou sentado), ou na estante da Palavra. Nem muito longa nem muito curta; que leve em consideração todos os presentes. Cuidar da postura, da expressão corporal; semblante sereno, no qual transparece a esperança. Passar um bom conteúdo em pouco tempo. Ser criativo; assumir e incorporar as surpresas (cf. BUYST, *Homilia, partilha da Palavra*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 29-33.44-45).

48. Cf. João Batista LIBÂNIO, *Como saborear a celebração eucarística?*, São Paulo, Paulus, 2005, p. 51.61; Lourdes ZAVAREZ, Homilia: conversa familiar, ligando Vida, Bíblia e Celebração, in CNBB, *Formação* 56, 2005; BUYST, *Liturgia, de coração*, p. 51-54; GUIMARÃES, *Hoje esta palavra*, p. 9; Alberto BECKHÄUSER, A natureza da homilia à luz da *Sacrosanctum Concilium*, in *Revista Eclesiástica Brasileira* 269, Petrópolis, 2008, p. 146.
49. Cf. Lourdes ZAVAREZ, Profissão de fé na missa: resposta do povo celebrante à proposta de Deus!, in CNBB, *Formação* 58, 2005.
50. O nome *Oração dos Fiéis* vem do tempo em que os catecúmenos eram despedidos da celebração, enquanto apenas os já iniciados (os fiéis) continuavam celebrando e faziam a oração em forma de ladainha. A Instrução Geral do Novo Missal ensina que essa oração é dirigida em favor da Igreja Universal (universal e local) e do mundo (poderes públicos, necessitados etc.). Essas preces devem ser sóbrias, compostas por sábia liberdade e breves palavras que expressem autenticamente a oração de toda a comunidade. Os elementos básicos para prepará-las serão a Palavra de Deus e os acontecimentos da vida da comunidade. Não podemos esquecer que, sendo essas preces ressonância e resposta da Palavra na liturgia, é fundamental levar em conta o que foi proclamado nas leituras; mesmo assim, sendo preces da comunidade, é também importante levar em conta os desafios da vida da comunidade e os desafios que a Palavra propõe a essa comunidade específica: “A vida, os acontecimentos de cada dia, suas angústias e esperanças, suas tristezas e alegrias, as conquistas e reveses da caminhada, as lembranças marcantes da história, da comunidade, das Igrejas e dos povos, os próprios fenômenos da natureza são sinais de Deus para quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir” (VVAA, *Ofício divino das comunidades*, São Paulo, Paulus, 1994, p. 11; Lourdes ZAVAREZ, *Oração dos fiéis: unir-se a Cristo, suplicando ao Pai a vida do Reino!*, in CNBB, *Formação* 59, 2005).
51. Cf. Valter M. GOEDERT, Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã, in *Mundo e Missão* 100, 2006, p. 34-35.
52. Cf. Francisco TABORDA, Esperando a sua vinda gloriosa... Eucaristia, tempo e eternidade, in *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* 61, 2005, p. 12-13.16-18; Lourdes ZAVAREZ, *Oração Eucarística: dar graças... doar a vida... eis nossa vocação e nossa salvação*, CNBB, *Formação* 63, 2005.
53. Cf. José BORTOLINI, *Os sacramentos em sua vida*, São Paulo, Paulus, 2006; Ghislain LAFONT, *Eucaristia. Il pasto e la parola. Grandezza e forza dei simboli*, Turim, Elledici, 205, p. 150.
54. Cf. Santos LIMA, *Comunhão usando o Pão*, in *Jornal da Opinião* 808, p. 19.
55. Terreno plantado de videiras, de cujos bagos açucarados (uvas) tira-se o sumo que, fermentado, produz o vinho.
56. Cf. VVAA, *Dicionário cultural da Bíblia*, São Paulo, Loyola, 1998, p. 190 e 267; VVAA, *Dicionário bíblico universal*, p. 586; Irmão NERY, *Páscoa: teologia, tradição, símbolos*, Aparecida, Santuário, 2005, p. 94; BORTOLINI, *Os sacramentos*, p. 136-139; LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 79-87.
57. Cf. LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 93-94.
58. Cf. Ione BUYST, *Oração Eucarística, para quê?*, in *Revista de Liturgia* 196, 2006, p. 13.
59. Cf. CNBB, *Guia litúrgico-pastoral*, Brasília, CNBB, 2007, p. 50-54.
60. Cf. BUYST, *Liturgia, de coração*, p. 29; GIRAUDO, *Redescobrimo*, p. 16-17; VV AA., *Dicionário de liturgia*, São Paulo, Paulus, 1992, p. 1274-1275.

61. O significado bíblico de *Senhor dos exércitos* refere-se ao conjunto de forças celestes e terrestres que estão a serviço de lahweh e lutam para defender sua dignidade.
62. O Santo é uma composição que nos recorda que a liturgia é obra ao mesmo tempo terrestre e celestial: “Céus e terra proclamam a vossa glória”. É um conjunto de aclamações originadas da Sagrada Escritura: Isaías 6,3 (usado desde o século II da era cristã, é empregado na liturgia judaica, no ofício da manhã); Mateus 21,9; Marcos 11,9; Lucas 19,38; Salmo 118,25-26. O canto exultante lembra que não se deve esquecer de contemplar a tripla santidade de Deus, e que estamos chamados a sua plenitude. Trata-se de entrar no movimento e no dinamismo da oração eucarística, que faz memória da atuação do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo ao longo da história da salvação. Deve-se perceber a atuação da Trindade Santa na assembleia reunida e o que acontece com as pessoas que têm o privilégio de poder unir suas vozes às dos anjos e dos santos todos (cf. BUYST, “Triságio”: Três Vezes Santo na liturgia eucarística, in *Revista de Liturgia* 159, 2000, p. 27-29); *Liturgia, de coração*, p. 101-108 (vale a pena ler pausadamente todo o artigo); GIRAUDO, *Redescobrimdo*, p. 31-33.
63. Ao longo da bimilenária história celebrativa da Igreja, as orações eucarísticas foram cada vez mais enriquecidas com preces e súplicas. Fazendo um apanhado geral dos conteúdos dessas orações, utilizadas no Novo Missal, podemos dizer que, além de serem orações de louvor e ação de graças, elas constituem uma profissão de fé à Trindade Santa. Nelas, a igreja dá graças ao Pai pelo seu projeto de salvação cósmica e humana; comemora a maravilhosa obra de resgate e educação que o Filho amado, Jesus, na sua Paixão-Morte-Ressurreição realizou por todos nós, para finalmente levar à plenitude a obra de Jesus Cristo pela presença amorosa de Deus na invocação do Divino Espírito Santo. Atualmente o Missal apresenta onze formulários diferentes para serem utilizados conforme as circunstâncias: três orações foram elaboradas para missas com crianças; duas tem como tema a reconciliação; duas não possuem prefácios próprios (cf. Alberto BECKHÄUSER, *Celebrar a vida cristã*, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 94-95; BUYST, *Liturgia, de coração*, p. 57; BUYST, *Participação*, p. 31; Pelágio VISENTIN, Eucaristia, in AAVV, *Dicionário de liturgia*, p. 410; José ALDAZÁBAL, *A Eucaristia*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 270-272).
64. Cf. VISENTIN, Eucaristia, p. 411; BUYST, *A missa*, p. 126-127; JUSTINO, Primeira Apologia 65,3/67,5, in GIRAUDO, *Redescobrimdo*, p. 68; Míriam T. KOLLING, Doxologia: o grande Amém, in *Revista Ave-Maria*, 2007, p. 23.
65. LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 105.
66. Cf. FONSECA, *Cantando*, p. 87; LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 106-107; Bernhard HÄRING, *Comentário ao Pai-Nosso*, Aparecida, Santuário, 2001, p. 7; Judite Paulina MAYER, A oração do Pai-nosso e o Kadish na liturgia judaica, in *Revista de Liturgia* 206, 2008, p. 18-19.
67. O abraço ou beijo da paz aparece várias vezes nas cartas de São Paulo: Romanos 16,16; 1Coríntios 16,20; 2Coríntios 13,12; 1Tessalonicenses 5,26; 1Pedro 5,14. Nos primeiros séculos do cristianismo, o abraço da paz era dado antes da oração eucarística, como ainda é costume nas Igrejas orientais. Nas Igrejas norte-africanas e italianas do século IV, ele era dado após a oração eucarística como rito preparatório à comunhão, tal como o fazemos hoje (cf. BUYST, *Celebração*, p. 53-55; PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, p. 184; LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 108).
68. Depois da fração do pão, o presbítero coloca no cálice um pedacinho do pão consagrado. Esse gesto tinha significados diferentes: a) sinal de unidade com o Papa; este reservava um pedacinho da hóstia consagrada no domingo e enviava para os presbíteros de Roma. Quando eles recebiam o pedacinho, colocavam-no no cálice para manifestar a unidade daquela comunidade com o bispo de Roma; b) sinal de ressurreição: para mostrar que comungamos o Cristo vivo e ressuscitado, é feita essa mistura do seu Corpo e Sangue no cálice. Apresentar separadamente as espécies seria, na mentalidade judaica, evocar a morte, uma vez que a vida não está mais na

- carne. De fato, é muito significativa a oração dita pelo presidente: “Esta união do Corpo e do Sangue de Jesus, o Cristo e Senhor nosso, que vamos receber, nos sirva para a vida eterna” (BUYST, Fração do pão, in *Revista de Liturgia* 191, 2005, p. 13).
69. Cf. LIBÂNIO, *Como saborear*, p. 110-111; L. MONLOUBOU e F. M. DU BUIT, *Dicionário bíblico universal*, p. 153-154.597.
 70. Cf. BUYST, *Pão e vinho para nossa ceia com o Senhor*, São Paulo, Paulinas, 2005, p. 70-71; GIRAUDO, *Redescobrimo*, p. 49; Nicolás CABÁSILAS, *A vida em Cristo* 6,19-20, citado em GIRAUDO, *Redescobrimo*, p. 58.
 71. Por favor, advertamos as pessoas para que apresentem as palmas das mãos secas e limpas. Trabalhem para desterrar o horrível costume de usá-las como agendas para anotar números telefônicos, preços, endereços etc.
 72. Cf. CNBB, *Campanha da Fraternidade 1999; Guia litúrgico-pastoral*, p. 46-48; Marcelino SIVINSKI, *Comunhão sob as duas espécies*, in *Liturgia em mutirão*, p. 142-143; BUYST, *Participação*, p. 31-32.
 73. Enquanto a comunidade curte, no silêncio e na oração, a comunhão com o mistério de Cristo, procede-se à purificação dos utensílios. Esta pode se feita no altar ou na credência (logo após a distribuição da comunhão ou após a celebração). O correto é purificar na credência (contrariamente, seria como arrumar a cozinha e lavar a louça diante dos convidados...). A purificação deve ser feita pelo diácono ou acólito e, na falta deles, pelos ministros extraordinários da comunhão eucarística (cf. IGMR 163.279).
 74. O Missal Romano caracteriza estas orações como de “post communionem”, palavras que foram traduzidas como “Orações depois da Comunhão”. Desta forma recuperou-se o termo que já era usado nos séculos VI e VII. Elas foram introduzidas na liturgia ocidental apenas no fim do século V. Estas orações nunca devem chamar-se de “oração de ação de graças”, pois esta já foi realizada na prece eucarística; também não se pode chamar de “oração final”, pois temos ainda o pedido de bênção sobre a assembleia. Elas possuem um conteúdo muito especial: que a comunidade reflita sobre os frutos da participação do corpo e sangue de Cristo, isto é, que cresça e triunfe em todos os cristãos sua obra redentora, que sejam livres das dificuldades interiores e exteriores, que tenham o bem-estar corporal, mas acima de tudo o bem-estar da vida interior (cf. Carlos Gustavo HAAS, “Que tenhamos a alegria de produzir muitos frutos”. Sobre as orações depois da comunhão dos Domingos do Tempo comum, in Marcelino SIVINSCKI e José A. da SILVA (org.), *Liturgia no coração da vida*, São Paulo, Paulus, 2006, p. 162-166; VISENTIN, *Eucaristia*, in *Dicionário*, p. 412; Luiz Carlos de OLIVEIRA, *Ação de Graças*, in *Boa Notícia* 45, 2006; BUYST, *O mistério*, p. 141).
 75. Cf. Luiz CARVALHO, *Ministrando a música*, Cachoeira Paulista, Canção Nova, 2002, p. 51-52.
 76. Cf. Lourdes ZAVAREZ, *Abençoe-vos o Deus, Pai e Filho e Espírito Santo!*, in *Revista de Liturgia* 162, 2000, p. 29.
 77. Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium* 10; CNBB-COMISSÃO EPISCOPAL PARA LITURGIA, *A Eucaristia na vida da Igreja*, in *Revista de Catequese* 110, 2005, p. 59.
 78. Francisco José da SILVA, *Vou evangelizar*, in *Louvemos o Senhor* 2006, n. 1314.
 79. Cf. Ione BUYST, *Eucaristia e violência: a respeito de uma homilia do Papa Bento XVI*, in *Revista de Liturgia* 192, 2005, p. 8-9.
 80. Cf. Danilo C. dos Santos LIMA, *Feitos Corpo de Cristo para o mundo*, in *Jornal de Opinião*, 3-9/12/2004, p. 19; BUYST, *Sacramentalidade da Liturgia na SC. Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia*, in CNBB, *A Sagrada Liturgia 40 anos depois*, São Paulo, Paulus, 2003, p. 96-101; CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, 300.
 81. Oração proferida na sessão inaugural dos trabalhos da 5ª Conferência Geral do Episcopado de Latino-América e do Caribe, na sala de Conferência do Santuário de Aparecida, em 13 de maio

de 2007 (Documento de Aparecida, 283).

© 2009 by Editora Ave-Maria. All rights reserved.
Rua Martim Francisco, 636 – CEP 01226-000 – São Paulo, SP – Brasil
Tel.: (11) 3823-1060 • Fax: (11) 3660-7959 • Televendas: 0800 7730 456
editorial@avemaria.com.br • comercial@avemaria.com.br
www.avemaria.com.br

ISBN: 978-85-276-1382-8

Capa: Rui Cardoso Joazeiro

Edição digital: agosto 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Micheletti, Guillermo Daniel

Catequese litúrgica: a missa explicada / Guillermo Daniel Micheletti. – São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009. 350kb; ePub

Bibliografia.

ISBN: 978-85-276-1382-8

1. Catequese 2. Gestos no culto 3. Igreja Católica - Liturgia 4. Missa - Celebração 5. Palavra (Teologia)
6. Pregação 7. Sinais e símbolos I. Título.

09-12448

CDD-264.02

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica: Catequese litúrgica: Cristianismo 264.02

Diretor Geral: Marcos Antônio Mendes, CMF

Vice-Diretor: Oswair Chiozini, CMF

Diretor Editorial: Luís Erlin Gomes Gordo, CMF

Diretor Comercial: Maciel Messias Claro, CMF

Gerente Editorial: J. Augusto Nascimento

Revisão: Adelino Coelho, Maria Paula Rodrigues e Edson Nakashima

Diagramação: Carlos Eduardo P. de Sousa

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)

Bíblia
Sagrada

**AVE
MARIA**

Bíblia Sagrada Ave-Maria

Edição Claretiana - Editora Ave-Maria

9788527613842

1696 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia mais querida do Brasil agora também está disponível em eBook. Com o texto tradicional da Bíblia Sagrada Ave-Maria, no formato digital com índice de busca por capítulos e versículos, você poderá ler e manusear as Sagradas Escrituras de um modo mais confortável e agradável. Além disso, a Bíblia Ave-Maria traz as orações diárias do cristão, visão geral do novo catecismo, mapas, leituras litúrgicas e índice doutrinal. Traduzida dos originais hebraico, grego e aramaico pelos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica), a Bíblia Ave-Maria foi editada pela primeira vez em 1959 pelos missionários do Imaculado Coração de Maria, sendo a primeira Bíblia católica publicada no Brasil. Com sua linguagem acessível, conquistou os lares brasileiros e, até hoje, é a Bíblia mais popular e querida entre os católicos, com mais de 200 edições.

[Compre agora e leia](#)



3 meses com São José

CMF, Padre Luís Erlin

9788527616003

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após o grande sucesso do livro 9 meses com Maria, Pe. Luís Erlin apresenta sua continuação: 3 meses com São José, uma obra que nos convida a mergulhar na vida e espiritualidade de José, homem revestido pela simplicidade, de espírito dedicado e coração puro, que acolheu a vontade de Deus no seio de sua família, a Sagrada Família, colaborando com o Pai em seu maravilhoso projeto de salvação da humanidade. Nesta obra, você seguirá os passos de José, fiel esposo de Maria e pai adotivo de Jesus. Serão três meses de profunda oração guiada pelo coração castíssimo de São José. Os relatos de suas angústias, alegrias e esperanças se tornarão um guia espiritual, que o levará a percorrer o mesmo caminho outrora pisado por este que é considerado pela Igreja como modelo de santidade a ser seguido. Que a Palavra de Deus e a vida de São José possam iluminar seus passos e abençoar a sua família.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada
**AVE
MARIA**
edição de estudos

M
EDITORA
AVE-MARIA

Bíblia de Estudos Ave-Maria

Editora Ave-Maria, Edição Claretiana

9788527616256

2160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Preparada por uma renomada equipe de biblistas, a edição de estudos da Bíblia Ave-Maria em eBook traz notas explicativas aprofundadas, atualizadas e de grande rigor exegético, além de referências bíblicas paralelas e um abundante índice doutrinal. Apresenta também introduções para cada livro bíblico, que contextualizam informações relativas a autores, estrutura, mensagem teológica e data. Com linguagem clara e acessível, a Bíblia de estudos constitui um verdadeiro curso bíblico para leigos e para os estudiosos da Sagrada Escritura. No formato digital, conta com índice de busca por capítulos e versículos, fazendo com que você possa ler e manusear as Sagradas Escrituras de um modo mais fácil, confortável e agradável. O texto bíblico da edição de estudos da Bíblia Ave-Maria foi traduzido dos originais hebraico, grego e aramaico pelos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica). Com sua linguagem acessível, conquistou os lares brasileiros e é hoje uma das bíblias mais populares e queridas entre os brasileiros.

[Compre agora e leia](#)

HELBER CLAYTON



POR QUE E COMO REZAR
A LITURGIA DAS HORAS?

AM
EDITORA
AVE-MARIA

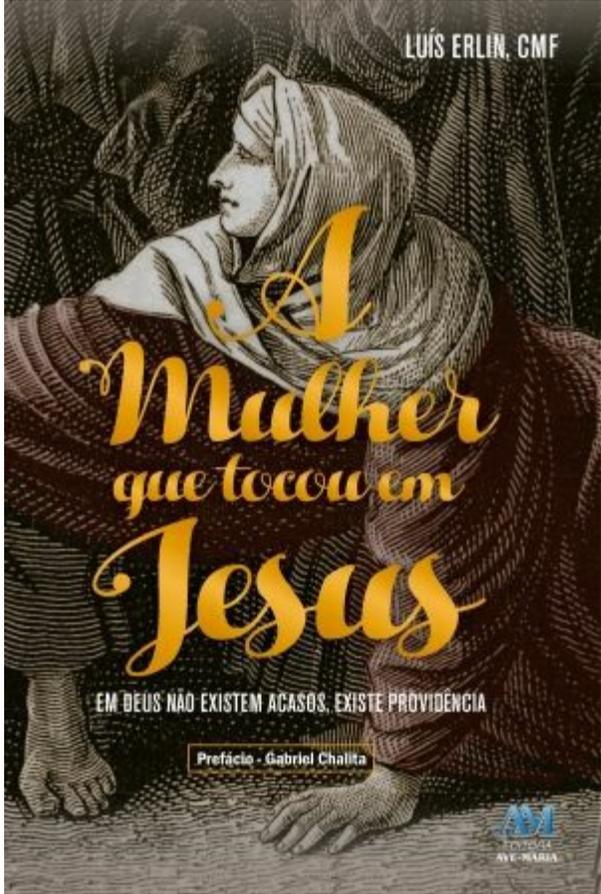
Por que e como rezar a Liturgia das Horas?

Clayton, Helber
9788527616195
104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é destinado a todos os que têm descoberto, nos últimos tempos, a beleza da Oração da Igreja. Não é um tratado sobre a Liturgia das Horas, mas, antes de tudo, apresenta-se como querigma, um humilde anúncio de um menino a quem sua mãe mostrou uma pérola preciosíssima e que, logo que viu, quis correr para contar aos seus irmãos sobre o tesouro que tinham em casa. É destinado, também, a mostrar a importância da Liturgia das Horas para todos, principalmente para os leigos, cada vez mais interessados em se unir mais intimamente à Igreja e em viver mais intensamente o mistério salvífico, celebrado ao longo do ciclo litúrgico, que a Liturgia das Horas proporciona. A obra procura responder a uma das mais frequentes perguntas feitas pelos internautas que encontram no site liturgiadas horas.org o Ofício Divino, que, apesar de ser a oração oficial da Igreja, passados mais de dois milênios, continua sendo um ilustre desconhecido para grande parte dos católicos.

[Compre agora e leia](#)



A mulher que tocou em Jesus

Erlin, Luís

9788527616157

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do mesmo autor do best-seller "9 meses com Maria", o livro "A mulher que tocou em Jesus - Em Deus não existem acasos, existe providência" é uma obra de ficção em prosa, baseada na passagem bíblica do evangelho de Marcos, o qual relata a história da mulher que por doze anos padecia de um fluxo de sangue e que, ao tocar na orla do manto de Jesus, foi curada. Com o intuito de aproximar essa mulher "misteriosa" à nossa vida, apresentando uma mulher que nos aponte o caminho de uma vida em Cristo, Pe. Luís Erlin nos narra a história em primeira pessoa, para que os leitores consigam "sentir" as dores dessa mulher, dores essas que se parecem com dores de tantas mulheres e homens que adoecem no corpo ou nos afetos. O romance nos levará a muitas reflexões e nos mostrará o olhar misericordioso de Deus, que não hesita em curar, em acolher, em amar a quem quer que seja.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Apresentação	9
Abrindo meu coração de presbítero e catequeta	10
Primeira Parte	13
1. O povo assiste ou celebra o mistério eucarístico? Que devemos dizer?	14
2. Que devemos dizer sobre os gestos e posturas realizadas pela assembleia durante as celebrações?	21
Ficar de pé	21
Estar sentado	23
Caminhar em procissão	24
Erguer os braços	25
A atitude de cantar	25
O beijo	25
Educar-se para o silêncio	26
Genuflexão e inclinação de cabeça	27
Bater no peito	27
Ajoelhar-se	28
Levantar os olhos	28
Aplaudir	28
Aspergir com água benta	28
Incensar	29
Segunda Parte	30
1. Ritos Iniciais	31
Por que Ritos Iniciais (RI)?	31
Abertura feita pelo animador	31
Canto de abertura	32
Beijo no altar	32
Quem preside traça o Sinal da Cruz	32
Breve introdução feita pelo animador	33
Saudação do presidente da celebração	34
Ato Penitencial	34
Glória a Deus (hino de louvor)	34
Oração Coleta	35
2. Liturgia da Palavra	37

Por que Liturgia da Palavra (LP)?	37
Entrada da Palavra de Deus (facultativa)	39
As três (ou quatro) leituras	40
Salmo de resposta	41
Cântico de aclamação ao Evangelho	42
Proclamação do Evangelho	42
Homilia	44
Profissão de Fé	46
Oração Universal (ou Oração dos Fiéis)	48
Cristo-Palavra e Cristo-Pão: o elo entre as duas mesas	49
3. Liturgia Eucarística	50
Por que Liturgia Eucarística (LE)?	50
Procissão de apresentação dos dons	51
Preparação dos dons oferecidos	52
O significado do pão e do vinho na Bíblia	53
Orai, irmãos e irmãs	55
Oração sobre as Oferendas (os dons)	56
Oração Eucarística	56
Prefácio	58
Santo, Santo, Santo	59
Invocação (Epiclese) do Espírito Santo	60
Por Cristo, com Cristo, em Cristo	62
Rito de Comunhão	63
Pai-Nosso	63
O Abraço da Paz	64
Fração do Pão	65
Cordeiro de Deus	65
Felizes os convidados para a Ceia do Senhor	66
Distribuição da Comunhão	67
Purificação dos utensílios	68
Oração depois da Comunhão	69
4. Ritos Finais	71
Por que os Ritos Finais (RF)	71
Avisos da comunidade	71
Bênção final	72

Despedida e canto de dispersão	73
Conclusão	73
Bibliografia consultada e recomendada	77
Notas	80
Créditos	88